UASSYR DE SIQUEIRA

CLUBES E SOCIEDADES DOS TRABALHADORES DO BOM RETIRO: organização, Lutas e Lazer em um bairro Paulistano (1915-1924)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 28 / 02 / 2002

BANCA

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha (orientador)

Prof. Dr. Sidney Chalhoub

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha (suplente)

FEVEREIRO/2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
Nº CHAM. T/UNICAMP
Si 75c
V
TOMBO 48324
PROC. 16-837/02
C
PREÇO R$ 11,00
DATA 17/04/02
Nº CPD

CM00166270-6

BIB ID 236674

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Si 75 c

Siqueira, Uassyr de
Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924 / Uassyr de Siqueira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador: Claudio Henrique de Moraes Batalha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Trabalhadores – São Paulo (cidade) – História. 2. Bairro do Bom Retiro (São Paulo, SP) - História. 3. Sociedades. 4. Lazer. I. Batalha, Claudio Henrique de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Para Alceu e Inês,
meus pais.

Agradecimentos

Muitos foram os que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização desse trabalho. Gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

Professores Dr. Sidney Chalhoub e Dr. Michael Hall. Além de terem feito observações bastante pertinentes sobre esse trabalho no exame de qualificação, muito contribuíram para minha formação como historiador.

Professor Dr. Leonardo Pereira, acompanhou minhas pesquisas quando fui bolsista do CECULT e foi uma das pessoas que me incentivou a desenvolver um projeto de mestrado.

Professor Dr. Claudio Batalha, meu orientador desde a iniciação científica, sempre acompanhou com paciência e dedicação o desenvolvimento deste trabalho. Permitiu-me sempre a liberdade intelectual necessária para um historiador em sua formação, sem deixar de sempre contribuir com preciosas indicações de leitura e de pesquisa. Sua seriedade e competência, assim como a dos professores Chalhoub, Hall e Pereira, é um bom exemplo da qualidade necessária a uma Universidade Pública e Gratuita .

Luciana e Uliana: sempre prestativas, souberam transformar meus garranchos em letras no banco de dados do CECULT. Agradeço também aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), sempre dedicados no auxílio à pesquisa.

Minha prima Siomara e minha tia Vera, pelo bom acolhimento durante os dias que estive pesquisando em São Paulo.

Minhas "maninhas" Regina e Renata, pela simpatia e generosidade com que sempre me acolheram na casa P13, na Moradia Estudantil da UNICAMP - onde escrevi grande parte desse trabalho e convivi com diversas pessoas interessantes.

Cláudia Leal, por ter-me auxiliado na escrita do *Abstract* da dissertação.

Ana Gomes, uma grande amiga, sempre contribuiu para minhas reflexões de pesquisa, sendo também uma ótima companhia quando pesquisávamos juntos no Arquivo Edgard Leuenroth. Já Luciano, Regina, Marcelo e Adriano, estimados amigos, companheiros de boemia e de divagações pertinentes, sempre tiveram uma presença positiva em meu cotidiano e certamente têm sua parcela de contribuição em minha formação como historiador e como pessoa. Agradeço também a tantos outros colegas e amigos com que tenho convivido nestes últimos anos - Gisele, Nanci, Analia, Ana Paula, Carol, Zé, Letícia, Chapolin, Raquel, Gustavo, Ana Terra, Felipe...

Para Simone, mais do que um agradecimento: sua inteligência, garra e delicadeza de espírito e o seu carinho fazem-me aprender a cada dia o sentido da palavra "companheira".

Não poderia deixar de mencionar a importância de minha família: meu irmão e amigo Tiliano, minha avó Maria e meus pais, Alceu e Inês, sempre presentes,

souberam entender minhas variações de humor a longo do desenvolvimento desse trabalho. A meus pais devo muitíssimo: professores da rede pública de ensino, sempre ressaltaram a importância do valor do conhecimento, o que foi fundamental para que eu desse prosseguimento aos meus estudos. À minha mãe também agradeço pela revisão gramatical do texto.

De forma alguma a realização desse trabalho teria sido possível sem a colaboração do Sr. Guilherme Pepe, Secretário do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Sua permissão para que eu pesquisasse no bem conservado e organizado arquivo dessa centenária associação foi fundamental para minha pesquisa. Pepe certamente é um dos principais sujeitos da história dessa agremiação, com a qual espero ter contribuído com esta dissertação de mestrado.

Finalmente, agradeço à CAPES por ter-me concedido bolsa de pesquisa, sem a qual seria praticamente impossível a realização desse trabalho. No entanto, lamento a atual política de incentivo à pesquisa desta instituição: o curto tempo concedido para a conclusão dos trabalhos e a diminuição da quantidade de bolsas, que não são reajustadas há 7 anos, faz com que as atividades de pesquisa sejam cada vez mais difíceis em nosso país.

A todas essas pessoas, meus mais sinceros agradecimentos .

Uassyr de Siqueira
UNICAMP, Fevereiro de 2002

Resumo

Esse trabalho é um estudo dos clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro, bairro paulistano, entre 1915 e 1924. Centraliza atenção tanto nas associações de caráter sindical quanto nos clubes dançantes, recreativos e esportivos – percebendo o papel que esses diferentes tipos de sociedades poderiam ter no processo de formação das classes trabalhadoras. Dar enfoque às lutas sindicais juntamente a outros espaços não ligados às formas mais imediatamente reconhecidas de organização é uma maneira de problematizar de forma mais rica a heterogeneidade das experiências dos trabalhadores e lançar luz sobre aspectos não explorados tradicionalmente pela historiografia.

Abstract

This work is a study on the workers´ clubs and societies in Bom Retiro, a neighborhood in São Paulo city, between 1915 and 1924. It draws attention both to trade union associations and to dancing, recreational, and sport clubs - thus perceiving the role these societies might have played in the making of the working classes. Focusing on trade union struggles together with other less renowed types of organization is a way of better putting into question the multitude of workers´ experiences and shedding light on aspects to which, traditionally, historiography does not address.

Índice

Apresentação.....11

Introdução.....17

1- Classe, consciência de classe e movimento operário.....17

2- Cultura e associações dos trabalhadores.....25

Cap. I O Bairro do Bom Retiro: aspectos gerais.....33

1-Transformações na Capital Paulista.....33

2- Aspetos econômicos, populacionais e urbanos do bairro.....36

3- Agremiações do Bom Retiro: diversidade associativa.....49

Cap. II Sindicato, Futebol e Dança.....55

1- Agremiações Sindicais.....55

2- Clubes Recreativos.....74

3- Um "bailarino consumado".....96

4- As Corporações Musicais Bersaglieri.....101

5- Clubes Esportivos.....105

6– "Jogadores de Cor".....116

7- Conflitos e Convergências futebolísticas.....119

Cap. III O Caso do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro.....129

1- Fundação e Objetivos.....129

2- Critérios de Associação: estatuto e prática.....132

3 -Composição Étnica.....137

4- Mulheres.....140

5- Diretoria.....142

6- Hierarquia Interna.....145

7- Políticos e pessoas influentes:: em busca de benefícios.....149

8- Atividades Beneficentes.....154
9- A Epidemia de Gripe Espanhola 163
10- "A União faz a Força" 172
11- "Para a Glória das Classes Trabalhadoras" 178
12- Um espaço para as organizações sindicais 182
13- Divertimentos Sociais.....187
Considerações Finais 195
Fontes.....199
Bibliografia 201
Anexo 205

Apresentação

A realização desse trabalho é, em grande medida, um dos desdobramentos de minhas pesquisas como bolsista de Iniciação Cientifica junto ao Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT/IFCH- UNICAMP). Este projeto teve como objetivo o levantamento de clubes e associações dos trabalhadores na cidade de São Paulo (1880-1930), alimentando uma base de dados que pudesse servir como instrumento de pesquisa para outros pesquisadores interessados na temática. A partir das pesquisas e dos relatórios que foram produzidos durante dois anos, pude levantar questionamentos que me levaram a elaborar um projeto de mestrado, apresentado em 1999 na linha de pesquisa "Trabalho, Política e Movimentos Sociais" (Departamento de História- UNICAMP). Os resultados estão aqui apresentados, cujo objetivo é estudar o cotidiano dos trabalhadores do Bom Retiro entre 1915 e 1924, enfatizando suas lutas, possibilidades de lazer e, principalmente, suas formas de organização e de sociabilidade. Para isso, centraliza atenção tanto nas associações de caráter sindical quanto nos clubes dançantes, recreativos e esportivos – percebendo o papel que esses diferentes tipos de sociedades poderiam ter no processo de formação das classes trabalhadoras. Dar enfoque às lutas sindicais juntamente a outros espaços não ligados às formas mais imediatamente reconhecidas de organização é uma maneira de problematizar de forma mais rica a heterogeneidade das experiências dos trabalhadores e lançar luz sobre aspectos não explorados tradicionalmente pela historiografia.

O estudo circunscrito ao bairro se justifica por permitir enxergar interrelações e dimensões da experiência que em uma escala de análise mais ampla não se enxergaria. Permite também recuperar, através de uma investigação mais intensiva das fontes sobre as

associações dos trabalhadores, trajetórias individuais e de grupos e perceber de modo mais concreto esse entrelaçamento entre as formas distintas – irredutíveis entre si mas não mutuamente excludentes – de organização e de experiências no cotidiano. Considerando que a diversidade de tipos de associação é característica fundamental no conjunto das organizações dos trabalhadores e no processo de formação de sua experiência, o estudo do bairro do Bom Retiro, onde há a presença tanto de sindicatos como de clubes recreativos e esportivos, nos parece um terreno sólido para a realização dos objetivos desse trabalho. Além disso, o bairro escolhido apresenta uma grande diversidade étnica, diversidade essa que, como veremos adiante, teve sua influência na lógica associativa dos trabalhadores do lugar.

Quanto à escolha do período, devemos ressaltar que, como aponta a historiografia sobre o operariado, o final da década de 10, particularmente o ano de 1917, é um importante marco em termos de organização sindical, que teve um considerável impulso com as greves gerais realizadas na época. A reestruturação da Federação Operária de São Paulo, a fundação de vários sindicatos por ofício e o conseqüente crescimento do número de sindicalizados são alguns dos indícios desse impulso. No entanto, para que possamos perceber de forma mais clara esse avanço, é necessário voltarmos nossa atenção também para um período em que a atividade sindical se encontrava retraída – o que nos leva a iniciar nossa pesquisa a partir de 1915 para, dessa maneira, notar com maior clareza o percurso relativo à organização e às atividades sindicais. A cronologia indicada se justifica também por se referir a uma época em que os clubes recreativos, dançantes e esportivos aumentam em número e atividade nos bairros operários, processo que se inicia nos últimos anos da década de 10, estendendo-se para a década seguinte. Escolhemos 1924 como limite devido à intensificação da repressão policial, conseqüência do levante tenentista ocorrido

naquele ano. Essa repressão, um dos componentes da política de Arthur Bernardes, que vinha governando o país em Estado de Sítio desde 1922, surtiria efeitos bastante negativos para as organizações dos trabalhadores, principalmente as sindicais, mas também para outros tipos de associação da classe. A escassez de informações a respeito das sociedades do Bom Retiro a partir de 1922 possivelmente é um reflexo da política repressiva contra as entidades dos trabalhadores.

Como fonte de pesquisa, utilizamos a imprensa operária e a grande imprensa diária. Isso nos permitiu obter informações tanto a respeito das organizações sindicais atuantes no Bom Retiro – informações essas recolhidas principalmente na imprensa operária – quanto a respeito de clubes dos trabalhadores do bairro, cuja atuação é noticiada principalmente pelos jornais de grande circulação – o que justifica a grande atenção dada a jornais como *O Estado de S. Paulo*. Para obtermos informações sobre o Bom Retiro de maneira mais ampla – ruas, cortiços, fábricas, infra-estrutura, etc. – utilizamos também relatos de memórias sobre a cidade de São Paulo, os quais também deixam pistas a respeito da existência e do funcionamento das sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro.

Uma relativa novidade nesse trabalho é a pesquisa nos arquivos do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Fundada em 1900 por moradores do bairro, essa agremiação recreativa funciona até hoje, na Rua da Graça. A documentação dessa associação consiste em atas de reuniões da diretoria, as quais se encontram em bom estado de conservação e de organização. Além de trazer elementos sobre o funcionamento do grêmio, essas atas também trazem informações a respeito da dinâmica social do bairro e de outras associações de trabalhadores. Portanto, essa documentação não somente um elemento a mais de nossa pesquisa. Ela consiste também em uma das justificativas da escolha do Bom Retiro como objeto de nosso trabalho. Infelizmente, muito da

documentação do G.D.M. Luso- Brasileiro se perdeu. Um de seus presidentes, que por lá passou recentemente, se desfez de grande parte do acervo do clube. Pensando estar fazendo um favor à associação, entulhou livros, *scripts* de peças de teatro, fichas de sócios, crônicas e outros documentos na quadra de futebol da sede social e os jogou fora, atitude essa pouco surpreendente numa sociedade em que o reconhecimento da importância da conservação de documentos ainda é bastante reduzido. Mais do que isso, a destruição dessa documentação revela o quanto é desconhecida a experiência de associações como o Grêmio Dramático e Musical Luso Brasileiro pois, a conservação documental depende, em grande medida, dos interesses de pesquisa de nós, historiadores.

A primeira parte deste trabalho consiste numa discussão introdutória sobre as maneiras pelas quais alguns dos principais estudiosos, na Europa e no Brasil, definem conceitos como classe, consciência de classe, experiência e cultura dos trabalhadores, conceitos esses fundamentais para o referencial teórico e analítico desse trabalho. Nessa parte introdutória há também um debate acerca das abordagens historiográficas a respeito da organização dos trabalhadores, abordagens essas que privilegiaram, na maioria das vezes, as organizações sindicais em detrimento de outros tipos de associações – como as agremiações recreativas e esportivas.

No Capítulo I, "O Bairro do Bom Retiro: aspectos gerais", abordamos as principais características do bairro do Bom Retiro, como composição étnica, faixa etária e problemas relacionados à infra-estrutura – principalmente os referentes à saúde pública, transporte e habitação. Além disso, também apresentamos alguns dados econômicos do bairro, mencionando a presença de alguns estabelecimentos industriais e comerciais. Na parte final do capítulo, fazemos uma primeira abordagem das agremiações existentes no Bom Retiro,

mencionando seus diferentes tipos – recreativo, sindical, esportivos, etc. – e porcentagem em relação ao total de associações existentes no lugar.

A seguir, no Capítulo II, passamos à análise mais aproximada das agremiações presentes no Bom Retiro. Primeiramente, abordamos as organizações sindicais do bairro, procurando identificar seu período de atuação, enfatizando suas principais atividades, relação com o bairro e inserção junto ao movimento operário da cidade de São Paulo. A seguir, entram em cena os clubes e recreativos, esportivos e musicais do Bom Retiro. Além da abordagem tocante às suas principais práticas no cotidiano, procuramos verificar, quando possível, as características relativas à composição étnica das associações. Enfatizamos também alguns dos conflitos decorrentes da atuação dos clubes recreativos e esportivos, conflitos esses marcados pelo moralismo, já que muitos clubes eram vistos como nocivos à família e aos bons costumes, e pela crítica das lideranças sindicais, que viam as organizações esportivas e recreativas como prejudicais à consciência da classe. Por outro lado, veremos também como, em alguns casos, agremiações esportivas e sindicais não eram tão mutuamente excludentes como se costuma ressaltar.

No Capítulo III, o objeto central é o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Principais objetivos, critérios de associação, composição étnica dos associados e diretores, dinâmica associativa e inserção no Bom Retiro estão entre os principais pontos abordados. Além disso, tratarmos dessa sociedade não somente enquanto agremiação restrita aos seus associados, mas também como espaço mais amplo de sociabilidade: o G.D.M. Luso-Brasileiro foi freqüentado por outras associações, entre elas as sindicais, que utilizavam os espaço para a realização de suas reuniões. Ressaltaremos algumas possibilidades de articulação da consciência de classe entre os membros dessa agremiação.

Introdução

1-Classe, consciência de classe e movimento operário

Os estudos sobre os trabalhadores, tanto na Europa quanto no Brasil, sempre foram acompanhados de amplos debates teóricos e metodológicos. Isso certamente reflete, em grande medida, o caráter militante de muitos dos trabalhos, muitos deles realizados fora das universidades.[1] Conceitos como "consciência de classe" e as próprias definições do termo "classe" sempre estiveram no centro das discussões entre historiadores.

Em um de seus inúmeros trabalhos e artigos, Eric Hobsbawm, um dos principais estudiosos da classe trabalhadora, afirma que a consciência de classe é um fenômeno da era industrial moderna – embora admita a presença de conflitos de classe em outras épocas.[2] Muitas das análises de Hobsbawm sobre a consciência de classe estão pautadas nas definições de Lênin[3], entre as quais: "consciência sindical", um nível mais baixo de consciência – referentes às lutas e organizações dos trabalhadores por questões mais imediatas – e "consciência socialista", que seria o mais elevado nível de consciência entre os trabalhadores. Mas ambos os níveis de consciência implicariam na existência de organizações formais portadoras da ideologia da classe – como os sindicatos e partidos – sem a qual a organização consistiria apenas num complexo de hábitos e práticas informais. No entanto, Hobsbawm levanta o problema da identificação imediata entre classe operária e movimento operário ou, como ressalta, "até mesmo com a história da ideologia desses movimentos."[4] – enfoque que seria típico de uma produção historiográfica oriunda do meio

---

[1] HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história da classe operária.* Tradução: Waldea Barcellos e Sandra Bebran Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 18

[2] *Idem*, p . 37

[3] LÊNIN , V. I. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec, 1986

[4] HOBSBAWM. *op. cit.* p. 18

militante. Dessa forma, mostra-se otimista em relação aos trabalhos cujo objeto principal torna-se a classe, mais do que o movimento ou partido.

Gareth Stedman Jones, outro historiador da classe trabalhadora na Inglaterra, problematiza o uso de conceitos marxistas para as análises históricas dos trabalhadores ingleses, criticando a capacidade do marxismo tradicional "para iluminar o curso real dos acontecimentos". Para Jones, conceitos como "consciência sindical" e "consciência socialista" podem implicar na distinção entre "falsa consciência" – desviantes dos verdadeiros objetivos da classe – e "verdadeira consciência", aquela onde há a identificação entre consciência de classe e consciência revolucionária ou socialista. Apontando a existência de uma consciência de classe revolucionaria não no sentido socialista, mas no sentido democrático, esse historiador amplia o conceito de consciência de classe.[5]

A obra de Edward Thompson, historiador e militante, certamente representa um importante marco teórico na historiografia sobre os trabalhadores. Suas críticas às abordagens tradicionais, particularmente às relacionadas à sociologia e ao estruturalismo, trouxeram importantes reflexões em torno dos conceitos analíticos sobre a história dos trabalhadores. Entre essas reflexões, o próprio conceito de classe é problematizado. Para Thompson, os modelos explicativos sobre a classe trabalhadora, definidos previamente pela teoria, estariam dando margem a interpretações que não teriam relações concretas com a prática histórica. Ou seja, o conceito "classe" estaria sendo empregado de forma estática e, portanto, a-historica, e por isso deveria ser historicizado.

A classe, para Thompson, acontece quando "homens e mulheres, como resultado de experiências em comum, sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra

---

[5] JONES, *Gareth Stedman Lenguajes de Classe. Estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa. (1832-1932).* Madri: Siglo Veintiuno Editores. 1989

outros homens cujos interesses diferem, e geralmente se opõem, dos seus."[6] Assim, a compreensão sobre a formação da classe trabalhadora só se torna possível se esta é entendida como formação social e cultural. E aqui temos uma outra importante contribuição de Thompson: o conceito de "experiência". Mediadora entre ser social e consciência social, a experiência, que em grande medida está alicerçada nas relações de produção, é fundamental para pensar o processo de formação da classe.[7] A consciência de classe, por sua vez, é a maneira pela qual as experiências são tratadas em termos culturais, sendo impossível predicar qualquer tipo de lei que a determine:

> (...)nenhum exame das determinações objetivas e, mais do que nunca, nenhum modelo eventualmente teorizado podem levar à equação simples de uma classe com consciência de classe. A classe se delineia segundo o modo como os homens e mulheres *vivem* suas relações de produção e segundo a *experiência* de suas situações determinadas, no interior do "*conjunto* de suas relações sociais", com a cultura e expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. De tal sorte que, afinal, nenhum modelo pode dar-nos aquilo que deveria ser a "verdadeira" formação de classe em um certo "estágio" do processo. [8]

Outra observação importante de Thompson é em relação ao papel da luta de classes na formação dos trabalhadores. Indo contra os pressupostos em que a posição estrutural da classe nas relações de produção é que gera mecanicamente sua consciência e a luta contra interesses opostos, Thompson ressalta:

---

[6] THOMPSON, Edward. *A Formação da Classe Operária Inglesa.* Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987, p. 10

[7] *Idem*, p.12

[8] THOMPSON, Edward *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*; organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp. 2001, p. 277

> (...)as classes não existem como entidades separadas que olham para o seu redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário (...) as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.[9]

A formação da classe, portanto, se dá num processo em que os sujeitos envolvidos têm um papel ativo. A maneira pela qual se vêem numa determinada sociedade os levam a se identificarem em torno de interesses em comum, e, a parti daí a consciência e as identidades são formadas. E a consciência, para Thompson, "não pode ser nem verdadeira nem falsa. É simplesmente o que é."[10]

As teorias de Thompson a respeito da formação das classes, assim como suas formulações conceituais referentes à consciência e à cultura, dão margem para que a investigação histórica se atenha principalmente ao ponto de vista dos sujeitos da história. Dessa maneira, os procedimentos teórico-metodológicos desse historiador inglês, embora empregados na interpretação acerca de contextos e processo históricos específicos da Inglaterra, acabam também servindo como instrumentos de investigação para trabalhos historiográficos referentes a outras situações e a outros sujeitos. Os trabalhos de Edward Thompson, entendidos como propostas metodológicas, ampliam as possibilidades de compreensão sobre a formação dos trabalhadores como classe. Esse processo é visto como

---

[9] *Idem*, p. 274
[10] *Idem*, p. 280

resultado das lutas por interesses, os quais, presente no cotidiano dos trabalhadores, podem ser bastante amplos. Dessa forma, tida como resultado dessas lutas, a consciência não tem um modelo único e definido. Esse tipo de abordagem amplia as possibilidades de investigação acerca da identidade dos trabalhadores, bem como o conceito de política, que passa a ser entendido principalmente como luta por interesses em comum.

De maneira semelhante à Europa, o estudo da classe trabalhadora no Brasil também é marcado pelo debate metodológico, teórico e conceitual. Classe, consciência de classe, movimento operário e cultura estão no centro dessas discussões. Edgar Carone, um dos primeiros historiadores do movimento operário no Brasil, contrapõe a maturidade teórica dos trabalhadores europeus ao estágio imaturo dos trabalhadores brasileiros. Para esse historiador, os trabalhadores só teriam progredido, mesmo de forma limitada, após 1880, com o aparecimento da imprensa e das primeiras organizações operárias. Mesmo assim, para Carone, não teria havido avanços substanciais dos aspectos ideológicos e organizatórios os quais, em seu estado de amadurecimento pleno, acarretariam na formação de um partido, o "pivô central".[11] Esse amadurecimento, no entanto, seria impossível no início do século XX, pois as condições subjetivas e objetivas da sociedade brasileira não permitiriam ao proletariado desenvolver formas as quais ele designa como maduras e superiores de organização, ou seja, o partido revolucionário. No que diz respeito a experiência do movimento operário do início do século XX, Carone reconhece a contribuição histórica dos anarquistas. No entanto, as novas relações de produção – baseadas na indústria, e não mais na produção artesanal – não seriam compreendidas pelos anarquistas e, por conseguinte, pelo movimento operário. Assim, Carone ressalta que,

[11] CARONE, *Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática.1989, p. 29

diante das novas relações sociais oriundas do advento do capitalismo, o marxismo seria a única concepção de mundo capaz de responder às necessidades do movimento operário.

Boris Fausto, ao falar sobre as "Correntes Organizatórias e seu Campo de Incidência" no movimento operário brasileiro, discorre sobre as características ideológicas dos socialistas e das tendências anarquistas no Brasil. Ao discutir sobre a atuação dos primeiros sindicatos e partidos operários e sobre as características da imprensa operária, Fausto procura, a todo instante, demonstrar as limitações e debilidade dessas primeiras experiências organizatórias. Essa debilidade seria decorrente das condições objetivas da sociedade, onde "o peso restrito da classe operária" tornava inviável o surgimento de um núcleo dirigente inspirado no marxismo revolucionário e que pudesse conceber o proletariado como classe Universal, "capaz de liderar as camadas dominadas na transformação revolucionária da classe".[12]

Outro historiador do movimento operário brasileiro, Sheldon Maram trata sobre as primeiras experiências organizatórias dos trabalhadores desde o final do século XIX. Condições de vida do trabalhador, imigração e conflitos étnicos, atuação dos partidos socialistas e operários, como o Partido Socialista Brasileiro (1902),[13] influência dos denominados anarco-sindicalistas,[14] congressos operários, movimentos grevistas e repressão

---

[12] FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social. (1890-1920)*. São Paulo: Difel. 1986, p. 104

[13] MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Tradução: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979, p. 103

[14] Pesquisas recentes têm questionado o uso do termo "anarco-sindicalismo". Segundo Adhemar Lourenço, " NUNCA algum pesquisador citou qualquer fonte que usasse o temo "anarco-sindicalismo", porque essa corrente (que vinculava ideais anarquistas a lutas dos trabalhadores) jamais existiu no Brasil da Republica Velha." Lourenço ressalta ainda que verificando "o discurso daqueles próprios trabalhadores, jamais fazem qualquer referência a um tipo especial de anarquismo que defendesse um tipo especial de sindicato como órgão privilegiado da "causa". As observações de Adhemar Lorenço são pertinentes para o período anterior à década de 20, pois durante essa década o termo anarco- sindicalismo passa a fazer parte do vocabulário dos militantes.

LOURENÇO, Adhemar. "O Anarco-Sindicalismo no Brasil: notas sobre a produção de um mito histórico-historiográfico". IN D'ANGELO, Ana Lucia Vellinho (Org.). Histórias de Trabalho. Porto Alegre, UE/Porto Alegre. 1995

policial e seus efeitos na dinâmica de organização sindical dos trabalhadores estão entre os pontos centrais abordados por Sheldon Maram. E, de maneira semelhante a Edgar Carone e Boris Fausto, Maram também se debruça sobre as limitações e debilidade do movimento operário brasileiro. Falta de disciplina e desorganização, atribuídas às lideranças sindicais, são apontadas por esse historiador como as principais causas do fracasso do movimento operário no início do século XX.

Por outro lado, alguns historiadores suscitaram questionamentos às abordagens tradicionais a respeito da classe trabalhadora, propondo novos enfoques teóricos e metodológicos. Parte importante desse debate pode ser notado nas observações feitas por Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, que teceram críticas em relação à historiografia tradicional sobre o operariado:

> Os autores avaliam se determinadas políticas são "corretas" ou mais freqüentemente "incorretas" do ponto de vista de uma teoria. Há geralmente um carregado tráfico das palavras "ciência" e "científico". Os autores estão sempre prontos, habitualmente com uma nota de descrédito, horror ou desgosto, para constatar que a classe operária na América Latina falhou em levar a cabo a revolução proletária, portanto "traindo sua missão histórica". A classe operária, em tais interpretações, é em conseqüência classificada – ao menos tacitamente – como patológica: fraca, apática, imatura, desorganizada, sofrendo de uma aguda falsa consciência e daí por diante.[15]

As críticas de Hall e Pinheiro tinham como alvo principal historiadores como Boris Fausto e Sheldon Maram. Esses historiadores, enxergando a classe operária como imatura, desorganizada e sem forças para oferecer um projeto antagônico ao das classes

[15] HALL, Michael M. , PINHEIRO, Paulo S. , "Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle" . *Remate de Males* N ° 5 . 1985

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

dominantes,[16] vêem o movimento e a organização dos trabalhadores no início do século como desprovido de qualquer indício de consciência de classe, e, muitas vezes como mera aparição espasmódica da plebe revoltada ou movimento de caráter pré-político. Isso devido a ausência de um partido revolucionário que, na visão desses historiadores, seria a única forma de organização a representar e levar adiante os interesses dos trabalhadores.

Falando sobre o sindicalismo reformista durante a Primeira República – criticando os paradigmas que classificam essa vertente sindical como "pelega" ou "corrompida" – Claudio Henrique de Moraes Batalha faz algumas observações bastante pertinentes acerca do conceito de consciência de classe. Tratando sobre os debates relativos ao papel de comunistas e de anarquistas junto ao movimento operário, Batalha afirma que

> há uma noção explícita de que a classe operária é, necessariamente, revolucionária e que, portanto, sua única forma verdadeira de consciência de classe é a que assume esse papel revolucionário.[17]

Para Batalha essa noção ainda prevalecia em muitos trabalhos produzidos porque "não ocorreu qualquer ruptura definitiva com o quadro teórico dominante empregado na análise do movimento operário brasileiro."[18] Retomando algumas abordagens feitas por Karl Marx, entre elas as que se referem às organizações classistas como políticas – o que incluiria não semente os partidos, mas também os sindicatos – Batalha afirma que é difícil falar sobre o sindicalismo reformista sem vinculá-lo a alguma forma de consciência de classe. E se essa consciência não se enquadra nas formas classificada como "corretas" pela

---

[16] CHAUI, Marilena e Franco, Maria S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular.* Rio de Janeiro: Paz e Terra : Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. 1978, p. 20

[17] BATALHA, Claudio H. M. "Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República" in *Ciências Sociais Hoje. 1990.* São Paulo: Editoria Revista dos Tribunais. 1990, p. 118

[18] *Idem*

historiografia "é porque constitui uma outra forma assumida pela consciência de classe do operariado."[19] Dessa maneira, Claudio Batalha abre outras possibilidades de consciência no movimento operário da Primeira República, possibilidades essas que certamente devem ser pensadas também em relação a outros tipos de organização que foram adotadas entre os trabalhadores.

Diante desse debate, emerge uma preocupação entre os historiadores de perceber a classe operária do início do século XX em sua peculiaridade, inserida em seu contexto histórico e a partir de sua própria experiência, que não pode ser simplesmente dissolvida em um modelo pré-definido de classe ou de consciência de classe. Da mesma maneira, as discussões levantadas permitiram explorar novos domínios históricos da classe operária, conseguindo levá-la para além "do quadro estreito da história política e ideológica onde tinha sido confinada."[20] Tratar da cultura dos trabalhadores como elemento fundamental para a sua formação como classe passou a constar no rol dos métodos e interesses dos historiadores sobre a classe trabalhadora, indo, dessa maneira, além das experiências relativas à ação política direta, trazendo à tona outras situações vividas no cotidiano e fora das fábricas.

2- Cultura e associações dos trabalhadores

Os debates em torno da história da classe trabalhadora giram não só em torno de conceitos como classe e consciência de classe, mas também sobre o caráter da cultura de classe. Para o caso da Inglaterra, Eric Hobsbawm ressalta a existência de uma cultura homogênea dos trabalhadores, entre o final do século XIX até 1950, resultado de sua

[19] *Idem*, p. 125
[20] HAUPT, Georges "Porque a História do Movimento Operário?" *Revista Brasileira de História* Nº10. 1986

vivência "num mundo separado socialmente, e às vezes, topograficamente, das classes médias e altas".[21] E o surgimento dessa cultura estaria intimamente relacionado ao fato do capitalismo industrial ter-se tornado um modo de vida aceito entre os trabalhadores. Dessa maneira, para Hobsbawm, "Esta cultura da classe operária estava tão solidamente estabelecida que é difícil esquecer que ela possuía origens cronológicas estabelecidas."

Também em relação ao caso inglês, Gareth Stedman Jones ressalta que, em conseqüência do uso do tempo livre, houve o surgimento de uma cultura operária no início do século XX bastante distinta e pouco acessível à classe média mas que, no entanto, "não foi uma criação consciente dos trabalhadores ou que esteve limitada a eles, mas somente que, por sua mera importância numérica, as preocupações e predileções dos trabalhadores deixaram uma clara marca na forma adotada por essa cultura."[22]

Tratando das modificações da cultura proletária inglesa no início do século XX, Richard Hoggart faz algumas observações em relação ao peso do movimento operário em relação à cultura dos trabalhadores.[23] De maneira diferente de Eric Hobsbawm, que afirma que a cultura proletária a partir do final do século XIX seria incompreensível sem o movimento operário, Hoggart afirma que, nos estudos sobre os trabalhadores, há uma atribuição exagerada à atividade política na vida das classes proletárias. Dessa maneira, ressalta o caráter múltiplo, extensivo e pormenorizado da vida das classes trabalhadoras, cujos elementos são bastante semelhantes entre si.

Para Edward Thompson, a cultura é tida como central no processo de formação das classes. Ela, no entanto, nunca é algo consensual. Ao contrário, ela é um campo

---

[21] HOBSBAWM, *Mundos do Trabalho*

[22] JONES. *op. cit.*. p. 9

[23] HOGGART, Richard. *As Utilizações de Cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos.* Editorial Presença. 1973

extremamente conflituoso. Portanto, qualquer tipo de generalização torna-se vazia se não situada em contextos históricos específicos.[24] A cultura de classe, para Thompson, assume a forma de sistema articulado a partir da própria atuação e da pressão da classe sobre elementos culturais que, algumas vezes, vão além dos costumes e hábitos comuns a somente ela. Esse processo é marcado pelo conflito, lutas constantes por interesses em comum e por escolhas. E a cultura também assume um papel central no processo de luta de classes: o conflito se dá a partir da mobilização de seus próprios elementos.

No Brasil, como resultado de amplos debates teóricos e metodológicos, alguns pesquisadores viram a necessidade de analisar as experiências dos trabalhadores através de suas manifestações culturais. É o que propõe Antônio Arnoni Prado em *Libertários no Brasil*[25] e Francisco Foot Hardman em *Nem Pátria Nem Patrão*[26]. Hardman ressalta a importância de se tratar a cultura dos trabalhadores como inerente ao processo de formação do seu movimento. Entre as manifestações culturais descritas e analisadas pelo autor, as atividades de propaganda e outras ligadas aos círculos sindicais e anarquistas estão entre as abordagens centrais. Hardman ressalta também as tensões e conflitos entre as práticas militantes, relacionadas aos círculos dirigentes e as ligada à classe de maneira mais ampla. Em *Libertários no Brasil*, obra que reúne artigos de vários autores, o destaque é a produção cultural ligada aos núcleos anarquistas no Brasil. Romances sociais, folhetins e atuação de militantes e intelectuais e suas relações com os trabalhadores estão entre as questões centrais da obra.

---

[24] THOMPSON, E. P *Costumes em Comum*. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 17

[25] PRADO, A. A. (Org.) , *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986

[26] HARDMAN, Francisco Foot, *Nem pátria nem patrão. Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense. 1983.

O notamos é que o movimento operário é o centro das atenções de grande parte das análises feitas na historiografia sobre a classe trabalhadora no Brasil – mesmo daquelas que tentam não se restringir às suas atuações políticas diretas. As tentativas de perceber a experiência da classe através de suas manifestações culturais privilegiam, em sua maioria, os núcleos sindicais e políticos que, apesar da sua importância, não podem ser vistos como as únicas expressões da identidade dos trabalhadores. Como sugerem Foot Hardman e Victor Leonardi, havia uma extrema riqueza cultural da classe em seu processo de formação, vinculada "à própria heterogeneidade nacional e regional do proletariado nascente."[27] Essa riqueza também se traduziu em relação aos espaços em que os trabalhadores compartilhavam experiências e construíam sua identidade, que não estavam unicamente relacionados às organizações sindicais. Daí a importância de dar atenção a outros tipos de associações onde a experiência é partilhada, tais como sociedades recreativas, clubes dançantes e associações esportivas. Presentes nos bairros operários, esses lugares de sociabilidade também têm sua contribuição na formação da identidade dos trabalhadores. No entanto, essas agremiações ainda não têm o espaço merecido na historiografia sobre os trabalhadores.

Por que essa grande lacuna? Em grande medida porque, principalmente em relação à historiografia mais tradicional, acabou-se por aceitar a versão elaborada pelas lideranças sindicais do início do século XX, as quais consideravam outras formas de sociabilidade, como clubes esportivos e recreativos sem caráter sindical, como secundárias em relação à "verdadeira" organização ou até mesmo como alienantes. Dessa maneira, sem qualquer questionamento sobre o papel dessas associações na articulação de identidades entre os

[27] HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática. 1982, p. 254

trabalhadores, são postas em segundo plano pela historiografia – quando não completamente desconsideradas. A ausência de pesquisas sobre clubes e associações dos trabalhadores é também resultado das concepções a respeito da consciência de classe. Embora haja o reconhecimento sobre a peculiaridade organizatória dos trabalhadores, a consciência muitas vezes foi tratada em termos de movimentos reivindicatórios ou políticos ou do confronto direto com o patronato ou estado, o que acaba por excluir muitas das agremiações dos trabalhadores. Outras formas de manifestações da consciência, expressas e diferentes no cotidiano dos trabalhadores, são deixadas de lado se ignoramos os clubes e associações como espaço legítimo de organização.

Trabalhos mais recentes, como o de Leonardo Pereira, pensando na experiência do futebol na cidade do Rio de Janeiro, oferece alguns subsídios para pensarmos o papel dessas outras formas de associação no cotidiano dos trabalhadores em São Paulo. Embora admitindo que o patronato patrocinava algumas associações esportivas para afastar os operários dos sindicatos e para distraí-los das péssimas condições de trabalho por eles enfrentadas, Pereira ressalta o papel desses clubes no processo de construção da identidade de classe do operariado. "Disputando festivais conjuntos e auxiliando-se mutuamente, construíam entre si uma bem tecida rede de solidariedade, que os fazia se reconhecerem como iguais"[28] Longe de dissolver as contradições entre operários e patrões, a prática do futebol pelos trabalhadores – atividade que tinha um significado próprio para os seus praticantes, diferente do proposto pelos discursos patronais e do movimento operário – se constituiu num importante fator para a formação da classe. De forma semelhante, Fátima

[28] PEREIRA, Leonardo A. de M., *Footballmania. Uma história social do futebol. Rio de Janeiro. 1902-1938.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000, p. 273

Antunes trata sobre a experiência do futebol nas fábricas em São Paulo como parte da própria vontade dos trabalhadores e com elemento constituinte de sua cultura.[29]

Não obstante as diferenças teóricas, metodológicas e políticas entre os historiadores que tratam da cultura dos trabalhadores, é comum que esta seja vista e analisada como um conjunto de hábitos e práticas em comum, símbolos, tradições, instituições inventadas ou incorporadas por trabalhadores em contextos históricos. Para o caso dos trabalhadores da cidade de São Paulo, torna-se impossível falar sobre o conjunto característico dessa cultura como algo consensual ou homogêneo. A diversidade étnica desses trabalhadores, entre os quais existiam imigrantes europeus e ex-escravos, sugere uma diversidade e multiplicidade de tradições, costumes e formas de sociabilidades que seriam inexplicáveis e incompreensíveis através de um modelo único. Dessa maneira, investigar os diversos espaços que essa cultura tem para se manifestar, como clubes esportivos e recreativos e organizações sindicais – fundados sob lógicas e critérios diferenciados mas todos ligados à experiência, e portanto, ao "fazer-se" dos trabalhadores – é uma maneira de problematizar de forma mais rica a heterogeneidade da experiência– lançando luz sobre aspectos não explorados tradicionalmente pela historiografia sobre a classe trabalhadora. Em trabalho publicado recentemente, Beatriz Ana Loner[30] discorre acerca do conjunto associativo dos trabalhadores em duas cidades do Rio Grande do Sul, Pelotas e Rio Grande, ressaltado o papel que cada tipo de sociedade exercia no processo de formação da classe operária. Entre as associações abordadas, constam não somente as organizações sindicais e políticas, mas também agremiações recreativas e esportivas, associações teatrais e musicais e entidades

[29] ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado FFLECH/USP, p. 1992

[30] LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Editora Universitária: Unitrabalho. 2001

formadas pelos negros. Segundo Loner, todas elas correspondem a necessidades sentidas pelos trabalhadores e todas

> favoreceram laços de congraçamento e de igualdade entre seus membros, dentro do espaço associativo, propiciando o necessário convívio aplainador de diferenças. (...)Assim, elas ajudavam a forjar laços de amizade e solidariedade entre seus pares, ao mesmo tempo em que se formava um identidade em comum (...)[31]

Percorrer o conjunto das associações criadas pelos trabalhadores no Bom Retiro é um procedimento que reduz a escala de investigação. Isso permite uma análise micro-histórica das relações sociais presentes em bairro de trabalhadores as quais, numa delimitação mais ampla de análise, seriam mais difíceis de serem notadas. Observar os critérios de associação adotados em determinadas sociedades e o cotidiano associativo das agremiações e de seus componentes permite perceber as diferentes estratégias, comportamentos e percepções de mundo oriundas de uma condição social semelhante, o que vem a enriquecer as análises relativas à experiência dos trabalhadores.

[31] *Idem*, p. 132

CAP I - O Bairro do Bom Retiro: aspectos gerais

1- Transformações na Capital Paulista

No final do século XIX, a cidade de São Paulo passava por um período de consideráveis transformações. A atividade cafeeira ganhava fôlego nesse período, estimulando o crescimento econômico da cidade. Com a expansão da malha ferroviária, São Paulo tornava-se gradualmente o centro de escoamento da produção do café, o que contribuía para que se tornasse cada vez mais o principal pólo econômico do país. Em grande medida como resultado dos investimentos de ex-proprietários de escravos, que passaram a redirecionar seus recursos após a abolição, a capital paulista expandia suas atividades industriais. As indústrias que iam surgindo na cidade de São Paulo seguiam os caminhos das estradas de ferro que, situadas em locais planos e de custo menos elevado, facilitavam os investimentos dos empreendedores na implementação dos estabelecimentos fabris.[1] Entre 1900 e 1904 surgiram 334 novos estabelecimentos industriais na cidade, enquanto que, entre 1915 e 1919, 1.887.[2]

O fluxo de ex-escravos e de imigrantes, atraídos pelos empregos oferecidos pelas indústrias em expansão, dava à cidade de São Paulo um novo perfil demográfico e social. Dessa maneira, a expansão econômica da cidade veio acompanhada de um aumento populacional. Se em 1872 possuía 31.385 habitantes, passaria a contar com 239.820 em 1900 e com 579.033 em 1920.[3] Assim, era imprescindível o desenvolvimento de uma melhor infra-estrutura no perímetro urbano. Desde o final do século XIX, medidas como o drenamento de várzeas, instalação de iluminação a gás, água encanada e esgoto já vinham

[1] ROLNICK, Raquel. *Cada Um no seu Lugar!*Dissertação de Mestrado. FAU/USp. 1981, p.25
[2] *Idem*, p. 20
[3]DERTONIO, Hilário. *O Bairro do Bom Retiro: história dos bairros de São Paulo.* São Paulo: Secretaria da Educação e Cultura. 1971, p. 19

sendo implementadas. A prefeitura paulistana assinou contrato com a empresa canadense *Light & Power*, que passaria a instalar iluminação elétrica na cidade. Além desse serviço, essa companhia passou também a fazer circular os bondes elétricos, que anteriormente funcionavam sob tração animal. Nesse ritmo de modernização, o espaço urbano também passa a ser remodelado. Empreendida por engenheiros ingleses e franceses, a reforma urbana de São Paulo substituía a antiga paisagem colonial, abrindo espaço para edifícios e praças modernas, eliminando os velhos casarões e as florestas que, ainda integrados ao cenário da urbe, não combinavam com os padrões europeus de cidade.[4] No entanto, como ressalta Richard Morse, essas modernizações eram insuficientes para satisfazer a uma população que crescia assustadoramente.[5]

Diante da necessidade de morar nas proximidades do local de trabalho, evitando despesas com o transporte, os primeiros bairros operários foram formados em locais com maior concentração industrial – próximos aos rios Tiête e Tamanduateí e seguindo a malha ferroviária. Os baixos salários e o alto preço dos aluguéis faziam a população trabalhadora procurar alternativas mais acessíveis de moradia. Dessa forma, as habitações coletivas, como os cortiços, tornam-se moradas bastante comuns. "Índice significativo de padrão de vida dos mais baixos, o cortiço marca sensivelmente a fisionomia da cidade durante toda a segunda década deste século".[6] Em bairros como o Bom Retiro, mas também como o Brás e a Mooca, os casebres e cortiços, mal iluminados e super habitados, coexistem com sapatarias, mercearias, fábricas de calçados, etc.[7] Falando sobre as habitações populares

---

[4] SEVCENKO, Nicolau, *Orfeu extático na metrópole. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*, São Paulo: Cia. Das Letras. 1992, p. 115

[5] MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo.* São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1970 p. 244

[6] MOURA, Esmeralda B. B. *Mulheres e Menores no Trabalho Industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital.* Petrópolis: Vozes. 1982, p. 25

[7] *Idem.* p. 16

em São Paulo, o Dr. Francisco Figueiredo de Mello descreveu esse tipo de moradia da seguinte maneira:

> O typo clássico de cortiços que se nos deparou freqüentemente é um agrupamento de quartos dando para uma área estreita,em comum, cheia de vasos, com roupas estendidas ao sol que aliás ahi regateia os seus raios sem ahi penetrarem. Ao lado de cada porta, há o clássico fogareiro de lata de querozene. Na área, geralmente suja, as crianças brincam ou antes, estiolam à falta de luz, de ar, pobres flores humanas, quando não correm pelas ruas expostas aos perigos dos veículos. As mulheres, ao tanque, lavam, cantando ou ralhando com as crianças ou discutindo entre si, discussões que quasi sempre degeneram em brigas, onde dimana o veio inesgotável das notícias quasi diárias nos jornaes, das cenas de pugilato já chamadas de "Cortiço".[8]

A descrição acima, feita nas páginas de um boletim de medicina, revela a maneira pela qual os cortiços eram vistos pelas autoridades médicas. Precariedade, insalubridade e distúrbios, segundo o autor do texto, eram características inerentes a este tipo de habitação. Isso seria um dos motivos que levariam o governo a incentivar construção das vilas operárias, localizadas próximas aos locais de trabalho e equipadas com escolas, centros de lazer, etc. Assim, sob a égide do discurso médico e científico, tentava-se impor um padrão de vida ao operariado com o intuito de discipliná-lo para o trabalho e reduzir as tensões sociais.[9]

Como ressalta Maria Auxiliadora de Decca[10], "Os bairros operários e pobres apresentavam aspectos semelhantes: ruas inteiras de casas feitas em série, habitações

---

[8] MELLO, Dr. Francisco Figueiredo de. "Habitações Coletivas em São Paulo". *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*, vol IX 3ª.Série, N ° 4, Junho de 1926 p. 292-293. Apud ROLNIK, *op. cit.* p. 57

[9] RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.* São Paulo: Paz e Terra. 1987, p. 63

[10] DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de, *A Vida fora das Fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*, São Paulo: Paz e Terra. 1987

pobres, habitações coletivas, pequenas oficinas, pequenas ou grandes fábricas, pequeno comércio, sistema deficiente de água e esgoto, etc."[11] Tais condições de vida podem ser entendidas a partir dos efeitos negativos produzidos pela reforma urbana. O difícil acesso à moradia de qualidade era, em grande medida, resultado da especulação imobiliária, que elevava a níveis altíssimos os preços dos aluguéis e de terrenos, fazendo assim com que os trabalhadores se aglomerassem em pequenas unidades habitacionais. A empresa *City of São Paulo Improvements* controlava, em 1912, cerca de 37% de toda a área urbana da cidade, lucrando com atividades especulativas. As possibilidades dos trabalhadores adquirirem um local apropriado para a sua instalação eram bastante limitadas. O monopólio do serviço de iluminação e transporte exercido pela *Light and Power* era um fator bastante relevante para especulação imobiliária e alta do custo habitacional: os locais onde esses serviços eram implementados tornavam-se mais valorizados, elevando o valor dos terrenos e aluguéis – deslocando os operários para os cortiços ou para áreas mais longínquas.[12]

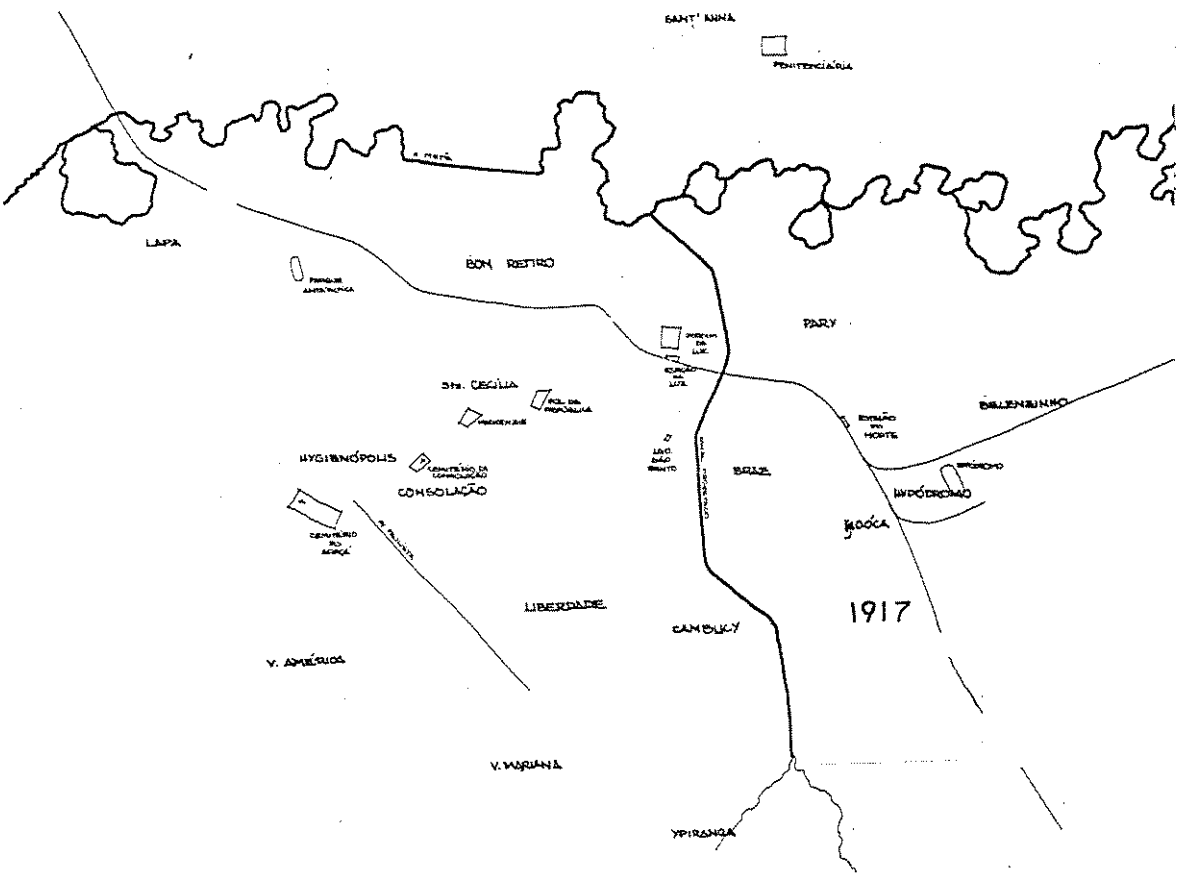
2- Aspectos econômicos, populacionais e urbanos do Bom Retiro

No início do século XIX, a região do Bom Retiro era totalmente ocupada por sítios e chácaras. Acompanhando o processo de modernização e urbanização da cidade de São Paulo, que tinha que se ajustar ao crescimento populacional, a Chácara Bom Retiro –então pertencente ao Conde de Três Rios – e outras que faziam parte da região que daria origem ao bairro, passou a ser loteada entre 1880 e 1890. Um lugar que servia como retiro para famílias nobres passaria a se tornar, gradualmente, e acompanhando o processo de

[11] *Idem*, p. 20

[12] MUNHOZ, Sidnei, *A Cidade ao Avesso: desordem e progresso em São Paulo no limiar do século XX*. Tese de Doutorado em História Econômica. FFLCH/ USP. 1997, p. 99

industrialização de São Paulo, um dos locais de concentração de trabalhadores – que procuravam habitações com preços acessíveis e próximas aos locais de trabalho.



Fonte: ROLNICK, op. cit. p.176

Constituindo-se como um dos caminhos rumo às margens do rio Tietê e situado ao lado dos trilhos da São Paulo Railway, a Estrada de Ferro Inglesa, o Bom Retiro –fazendo limites com a Barra Funda, Brás, Luz, Santa Efigênia e Campos Elíseos – se localizava numa área propícia ao seu crescimento econômico. A linha ferroviária facilitou a instalação

de armazéns no bairro, que serviam como depósito das mercadorias desembarcadas da Estação da Luz, situada nos limites do lugar.[13] Essas mercadorias, por sua vez, serviam como matérias-primas para a produção nas indústrias do Bom Retiro e bairros vizinhos. As primeiras indústrias vieram desde o final do século XIX, como a Olaria Manfred – a primeira grande olaria da cidade, pertencente a Manfredo Meyer.[14] No setor da tecelagem, a Fábrica Anhaia, pertencente a Luiz Antônio Anhaia, foi fundada em 1886 no bairro, empregando, em 1900, 350 operários, que trabalhavam 14 horas e meia por dia.[15] Mais adiante essa fábrica mudaria sua razão social para Cia Fabril Paulistana, mantendo, porém, suas instalações no bairro. Outra indústria surgida nos primórdios do Bom Retiro foi a Cervejaria Germânia, na rua dos Italianos, que seria incorporada à Companhia Antártica e transferida para o bairro do Ipiranga.

Entre o final da década de 10 e início da de 20, a atividade econômica no Bom Retiro mostrava-se bastante diversificada. Além da Cia Fabril Paulistana, outros estabelecimentos no ramo da tecelagem, estamparia e vestuário tinham suas instalações no bairro: a estamparia José Haider & Cia, na rua Três Rios[16]; a fabrica de camisas Chueri & Irmãos, na rua Ribeiro de Lima[17] ; as fábricas de meias de Augusto José & Irmão, na rua dos Italianos, e de Nair Diab Maluf, na rua Ribeiro de Lima.[18] Havia também uma fábrica de estopa, pertencente a Ugo Conti.[19] Segundo Maria Alice Ribeiro, a indústria têxtil teve

---

[13] DERTÔNIO, *op. cit.*. p. 13
[14] *Idem*, p.12
[15] RIBEIRO. Maria Alice Rosa. *Condições de Trabalho na Indústria Têxtil Paulista (1870 -1930)*. São Paulo: Hucitec e Editora da UNICAMP. 1998, p. 38
[16] "Operários em Greve", *O Estado de S. Paulo* 3/07/1917
[17] "Questões que Persistem", *O Estado de S. Paulo*, 18/07/1917
[18] "Incêndio", *O Estado de S. Paulo* , 29/06/1921
[19] "Resenha dos Arrabaldes", 18/07/1917 *A Gazeta*

prosperidade contínua entre o final do século XIX até o ano de 1920.[20] A presença desses estabelecimentos pode ser um reflexo desse processo.

Outras atividades, além das ligadas ao ramo dos tecidos, também existiam no bairro: a Casa Esposito, fábrica de calçados na rua José Paulino[21]; as oficinas da Companhia Inglesa (Rua José Paulino) e da Ford (rua Solon[22] e, mais tarde, rua Tenente Pena[23]). Havia ainda uma fábrica de espelhos, propriedade de Ernesto Richer, na rua dos Italianos[24]; uma fábrica de doces na rua José Paulino, propriedade de Luiz Kaufmann[25], uma chapelaria na rua Anhaia, pertencente a João Cami[26]; a Destiladora do Bom Retiro, onde se fabricava licores, xaropes e vinagres, na rua General Flores.[27] No ramo de fabricação e vendas de móveis, as casas Goldestein, propriedade de Jacob Goldestein, e Salomão Tabacow, ambas na rua José Paulino[28]. Salões de barbeiros, na rua José Paulino[29] e casas comerciais, na mesma rua e em outras, como as ruas da Graça e Barra e Barra do Tibagi, complementavam as atividades econômicas do bairro.[30] Os estabelecimentos citados são apenas alguns dos quais encontramos referências. Os dados referentes à *Estática Predial e Domiciliária do Brasil* (1920) apontam a existência de 75 fábricas e oficinas no bairro, além de 252 casas de negócios.[31]

---

[20] RIBEIRO, *op. cit.*, p. 67
[21] *A Plebe*, 9/06/1923
[22] Segundo Jacob Penteado, essa oficina existia na rua Sólon em 1921
PENTEADO, Jacob. Memórias de um Postalista. São Paulo: Martins. 1976
[23] "Explosão e Incêndio", *O Combate*, 4/02/1922
[24] "Princípio de Incêndio",*O Estado de S. Paulo*, 16/09/1920
[25] *Idem*
[26] "Questões que Persistem", *O Estado de São Paulo*, 18/07/1919
[27] *O Combate*, 2/10/1923
[28] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 4/07/1917
[29] *O Estado de S. Paulo*, 30/10/1915
[30] DERTÔNIO , *op. cit.*, p. 13
[31] *Estatística Predial e Domiciliária do Brasil*. Recenseamento do Brasil. *Natureza, condição, número de pavimentos, propriedade e densidade de prédios*. Realizado em 1 de Setembro de 1920.Vol. IV- 6ª Parte. 1930, p. 664-665

Não existem estatísticas específicas acerca das categorias profissionais dos moradores do Bom Retiro. No entanto, a presença desses tipos de estabelecimentos nos dá uma noção aproximada da composição dos trabalhadores do bairro – como tecelões, marceneiros, sapateiros e trabalhadores no comércio. Se considerarmos a atuação dos sindicatos no bairro, verificamos também a presença dos ferroviários e trabalhadores ligados ao ramo da construção civil – estes últimos com bastante peso entre os componentes da Liga Operária do Bom Retiro.[32]

Acompanhando o ritmo de crescimento e de industrialização da cidade, a população do Bom Retiro também aumentava. Se para o ano de 1900 estima-se em 4.000 o número de habitantes do bairro,[33] em 1920 esse número subiria para 29.804 – número que, embora muito superior ao dos anos anteriores, se mostra relativamente modesto se comparado a bairros operários como o Brás e a Mooca, cujo número de habitantes era de 67.074 e 69.209, respectivamente. No que se refere à faixa etária, o Recenseamento de 1920[34] revela a seguinte composição:

Faixa Etária	N ° Habitantes	Porcentagem
0-09 a	7.505	25,18
10-14 a	3.482	11,68
15-20 a	4.305	14,44
21-24 a	2.696	9,04
25-29 a	2.610	8,76
30-39 a	2.050	6,88
40-49 a	2.456	8,24
50-59 a	1.806	6,05
60-69 a	1.028	3,45
70 e +	368	1,23

[32] Essa liga se autodissolveu no início de 1920 e foi proposto que seus associados se filiassem à Liga Operária da Construção Civil. *O Estado de S. Paulo.* 24/01/1920

[33] DERTÔNIO, *op. cit.*. p. 1

[34] *Recenseamento do Brasil.* Realizado em 1° de Setembro de 1920. População do Brasil por Estados, municípios e distritos, segundo o sexo, a idade e a nacionalidade. Vol IV- 2ª Parte. 1928. Ministério da Agricultura , Indústria e Comércio, p. 124-127

O que podemos notar, a partir da tabela acima, é uma considerável presença de crianças, menores e jovens no bairro, sendo 25,18% a porcentagem referente aos moradores até 9 anos de idade e 26,12% a população situada entre os 10 e 20 anos – números que, se somados, representam mais de 15 mil pessoas. Por outro lado, notamos um número relativamente baixo de idosos: a população do bairro com mais de 60 anos correspondia a 4,6% do total de habitantes do Bom Retiro. Entre esses habitantes, de todas as faixas etárias, havia um relativo equilíbrio quanto à presença de homens e mulheres. O Recenseamento de 1920 revela que eram 15.029 os homens residentes no Bom Retiro, enquanto as mulheres eram em número de 14.775.

A população identificada como "estrangeira", era em número de 10.504 (35,26%), enquanto que os identificados como brasileiros, 19.300 (64,74%) – uma diferença de 29,48% entre um grupo e outro. Em bairros como a Mooca, Brás, Lapa e Belenzinho essa diferença era de 12,74%, 13,68%, 16,3% e 21,58%, respectivamente. A nacionalidade predominante entre esses imigrantes variou no decorrer do desenvolvimento do bairro. Se entre 1870 e 1890 eram em sua maioria portugueses, os italianos passariam a predominar entre 1900 e 1940. Geraldo Sesso Júnior, em *Retalhos da Velha São Paulo*, afirma que, no início do século XX,

> os bairros mais procurados pelos imigrantes, principalmente os italianos, foram o Bexiga, o Brás e o Bom Retiro, que eles, com o linguajar simplório e ingênuo, teimavam em chamar BÓ RETIRO...[35]

[35] SESSO JR. *Retalhos da Velha São Paulo*. São Paulo: Maltense. 1986 2ª Ed. Revisada, p.75

A marca da presença italiana foi retratada pelo escritor Alexandre Ribeiro Marcodes Machado (1892-1933). Estudante da Escola Politécnica da rua Três Rios, com o pseudônimo Juó Bananére, esse escritor registrou, em *La Divina Increnca*, alguns italianismos e modismos do Bom Retiro. Em uma de suas poesias escreveu:

> Ai chi me dera
> Chi o meu úrtimo sospiro
> Fosse lá nu Bó Retiro
> I o meu tumbolo tambê
> Fica pra sempre
> Giunto das italianigna
> Maise bó non podi ave...[36]

A predominância dos italianos entre os imigrantes no bairro iria, gradualmente, dar lugar à população judaica. Perseguidos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, os judeus iriam encontrar no Bom Retiro um lugar de refúgio. A partir de 1950, já predominavam entre a população imigrante do bairro. No entanto, a presença desse grupo étnico já se fazia notar na década de 10, mas em menor proporção – assim como os russos, libaneses, sírios e turcos.

O padrão de habitação dos moradores do bairro aparenta não diferir dos outros bairros de trabalhadores da cidade de São Paulo. Raquel Rolnik aponta que, em 1914, havia poucos cortiços no Bom Retiro se comparado o seu bairro vizinho, o Brás. No entanto, os dados que constam no recenseamento de 1920 revelam a existência de 63 "pensões ou casas de cômodos" porém, sem especificar se esses prédios eram ou não cortiços. Poderiam ser locais de estada passageira mas não hotéis, já que os dados do censo trabalham com a

[36] BANANÉRE, Juó *La Divina Increnca* Apud DERTÔNIO, op. cit. p. 51

categoria "hotéis", apontando a ausência desse tipo de estabelecimento no bairro. Havia ainda 4.727 prédios classificados como "residências particulares" que, se consideradas em conjunto com pensões ou casa de cômodos, tem-se uma média de, aproximadamente, 6 moradores por habitação no Bom Retiro – média que, ainda para os finais do século XIX, era bastante comum para os cortiços da cidade.[37] Wilson Maia Fina, discorrendo sobre as mudanças no Bom Retiro após a Segunda Guerra Mundial, enfatiza presença desse tipo de habitação em períodos anteriores a esse conflito:

> (...)o Bom Retiro também mudou. Deixou de ser aquele bairro de concentração operária, cheia de cortiços cheia de olarias cheia de panelas d'água, aquelas ilhas que as enchentes do Tietê provocava (sic) para tornar-se (...) um dos bairros mais modernos da cidade (...) [38]

A presença dessas habitações populares aparece também no relato de Dona Alice, em *Memória e Sociedade*, onde essa antiga moradora do Bom Retiro revela ter morado em um cortiço na rua dos Italianos.[39] De qualquer maneira, a habitação dos moradores do Bom Retiro também era uma questão problemática no cotidiano do bairro. Ainda em 1914, a Liga dos Inquilinos, associação fundada para questionar o preço dos aluguéis, realizava reuniões no bairro.[40] Em 1920, foi fundada uma sucursal dessa liga no Bom Retiro demonstrando que, assim com em bairros como o Brás e Cambuci, o problema relativo ao preço dos aluguéis, e à moradia de maneira mais ampla, era algo que precisava ser enfrentado através da organização coletiva.[41]

---

[37] MORSE, *op. cit.* p. 264
[38] FINA, Wilson *O Bom Retiro e seus Primórdios*. São Paulo: Sangirard. 1976, p. 17
[39] "Lembranças de Dona Alice" in, BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Ed LTDA. 1979, p. 60
[40] ROLNIK *op. cit.*. p. 164
[41] *O Estado de S. Paulo*. 24/08/1920

Outros dos problemas enfrentados no bairro eram as enchentes. Mais próximas às margens do rio Tietê, as ruas Javaés e Jaraguá eram os principais pontos atingidos.[42] Em 1922, a inundação das águas atingiria as ruas General Flores, Anhaia, dos Italianos e outras[43]- o que certamente expunha seus moradores à contaminação por diversas doenças.[44] A atuação do serviço sanitário era bastante debilitada, também fazendo parte deficiências de infra-estrutura do Bom Retiro – embora o Desinfetório Central tivesse suas instalações em uma de suas ruas.[45] Reclamações dos moradores junto à imprensa, como a que se segue, eram bastante comuns:

> Os moradores da Rua da Graça pedem (...) providências sobre o Serviço Sanitário quanto ao mau estado em que se acha uma quitanda instalada no número 33 daquela via pública – a qual oferece perigo à saúde pública devido ao mal cheiro que dali se exala.[46]

Situações como essa não eram novidades para uma cidade onde os serviços públicos eram apenas parcialmente presentes nos bairros operários. Dessa maneira, até mesmo os locais de fornecimento de alimentos eram afetados – revelando a falta de qualidade da alimentação consumida pelos moradores do bairro. Além disso, as instalações de água e esgoto cobriam apenas parte do Bom Retiro[47] e tinham sua qualidade questionada[48]

A falta de atenção das autoridades sanitárias para com a limpeza e a saúde pública também era percebida pelos moradores do bairro:

---

[42] DERTÔNIO *op. cit.* p. 67
[43] *O Combate*, 16/03/1922
[44] DE DECCA *op. cit.*. p. 39
[45] Rua Tenente Pena. DERTÔNIO *op. cit.*. p. 34
[46] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 25/05/1917
[47] ROLNIK *op. cit.* p.26
[48] *O Combate*, 6/05/1920

> Diz-nos um morador do Bom Retiro que há a necessidade de fazer manter o asseio aos mictórios da cidade.
> Nas proximidades da Estação da Luz o fétido dos mictórios sente-se de bem longe, e talvez provenha de dois que existem nas pontes da Inglesa.
> Como se sabe, é grande o trânsito por ali, não se tornando preciso acrescentar que a falta de asseio em tais mictórios constitui um perigo à saúde pública. [49]

Por intermédio de *O Estado de S. Paulo*, um morador do bairro aponta o "fétido dos mictórios" como um "perigo à saúde pública". Somada a isso, a presença de animais nas ruas do bairro aumenta o leque dos problemas apontados pelos moradores do Bom Retiro, o que é notado a partir da seguinte carta, dirigida à redação do mesmo jornal:

> Sr. Redator – Pedimos nos relevar a ousadia em endereçar-lhe estas linhas, por intermédio dos quais vimos solicitar a v.s. a gentileza de chamar a tenção de quem de direito, sobre a permanência de animais durante a noite em uma cocheira existente na rua Anhaia, entre as ruas Dr. Silva Pinto e Júlio Conceição e que faz fundo também com os prédios da rua dos Italianos. O barulho enorme que fazem esses animais durante à noite impede que os habitantes dos prédios vizinhos da referida cocheira durmam tranqüilamente, como é fácil imaginar. Tal ruído da idéia de uma turma de maceteiros quando em serviço, roubando assim, com semelhante barulho, o sossego durante a noite dos habitantes das imediações. Além desse incômodo temos que registrar ainda que esta cocheira exala um cheiro pouco agradável e muitas vezes, difícil de suportar.[50]

Essa queixa invoca não somente o problema da saúde pública, mas também o direito ao descanso noturno. Esse direito, para os queixosos, estaria sendo ferido devido ao "barulho enorme" produzido pelos animais, comparado a ruídos produzidos por "uma turma de maceteiros em serviço" – invocando-se aqui o cotidiano de um ambiente de

[49] "Queixas e Reclamações", *O Estado de S. Paulo*, 14/10/1915
[50] "Queixas e Reclamações", *O Estado de S. Paulo*, 1/10/1915

trabalho. Reclamações contra terrenos baldios, como o da rua dos Bandeirantes (entre as ruas Afonso Pena e travessa Guarani) – "um campo aberto onde há um valho completamente imundo", com uma "chusma de pernilongos"[51] – e contra o "lastimável estado" das ruas sem calçamento consistiam em outros dos problemas de infra-estrutura enfrentados pelos moradores do Bom Retiro – motivos de ações e queixas junto à imprensa.

Além da má qualidade relativa à saúde e à limpeza pública, os moradores do bairro se deparavam com a questão referente ao fornecimento dos gêneros alimentícios. Quando não eram em relação à higiene dos locais de venda, as reclamações sobre os produtos alimentares questionavam os preços de produtos como o pão:

> Geral é o protesto dos habitantes deste bairro contra as especulações dos padeiros da Capital, os quais exploram desapiedadamente o povo.
> O bairro do Bom Retiro é um dos bairros que tem pago mais caro esse precioso alimento. A padaria que sobretudo mais explora esse produto é a da rua dr. Silva Pinto, esquina da rua Aymorés, que o vende pelo súbito preço de 2$000 o quilo: 40 gramas por $100.[52]

Inserido num momento em que a cada dia aumentava a insatisfação popular contra a elevação dos preços, o protesto acima revela, em alguma medida, a maneira pela qual os moradores do Bom Retiro percebiam o encarecimento dos gêneros alimentícios – encarecimento esse resultante da crise econômica que assolava o país em decorrência do Primeiro Conflito Mundial. A alta do preço do pão na cidade de São Paulo era atribuída à ação dos açambarcadores – que estocavam cereais nos armazéns para fins de exportação,

[51] "Queixas e Reclamações", *O Estado de S. Paulo*, 26/11/1919
[52] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 17/08/1917

deixando o mercado interno em segundo plano.[53] Além disso, os moradores também exigiam mais facilidades de acesso aos locais de compra:

> (...) recebemos abaixo-assinados com grande número de assinaturas na qual se pede aos sr. prefeito municipal a criação de um mercado livre no bairro do Bom Retiro, ao fundo da rua José Paulino. É um bairro eminentemente operário, e por isso a sua criação faz-se precisa. [54]

Grande parte dos alimentos consumidos pelos moradores dos bairros de trabalhadores da cidade de São Paulo eram provenientes do comércio de vendedores ambulantes – que faziam parte do grande contingente de trabalhadores autônomos.[55] No bairro do Bom Retiro, a presença desses trabalhadores foi lembrada por um antigo morador do bairro:

> Naquela época era muito bonito. Tinha aqueles pregões, o pessoal passava pelas ruas vendendo pizza, peixes...Tinha os que vinham logo de manhãzinha oferecer leite de cabra.[56]

Entretanto, a venda dos alimentos de porta em porta devia ser insuficiente em relação à demanda dos moradores do bairro. O abaixo-assinado organizado pela população do lugar – cujo teor é ressaltado pelo peso que a notícia dá à presença de operários – pedindo a instalação de um mercado livre no bairro, revela também a exigência da intervenção do poder público municipal na questão referente à venda de alimentos. Vale

---

[53] LOPREATO, Christina. S.R. *O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)* IFCH/UNICAMP. Tese de Doutorado. 1997

[54] "Queixas e Reclamações", *O Estado de S. Paulo*, 19/07/1917

[55] PINTO, Maria Inês Machado. *Cotidiano e Sobrevivência* . São Paulo: Edusp. 1994, p. 113

[56] CIPIS, Boris. "Trabalho III- Os vendedores ambulantes" , in *Bom Retiro de Todos os Povos.* Projeto Museu de Rua. Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Oficinas Culturais Três Rios. Fevereiro de 1988. Depoimento de Boris Cipis

ressaltar que essa reivindicação ocorria exatamente no momento em que eclodia uma grande greve geral dos trabalhadores, a "Greve de 1917", movimento que, exigindo melhoria das condições de trabalho, certamente estimulou a luta pela melhoria das condições de vida de maneira mais ampla – abrangendo outras demandas do cotidiano.

O serviço relativo ao transporte também era motivo de insatisfação. Segundo Hilário Dertônio o bairro do Bom Retiro foi um dos primeiros a receber bondes elétricos, que iam gradualmente substituindo os movidos à tração animal a partir de 1900.[57]A linha que servia ao bairro saía do Largo do São Bento, no centro, indo até a rua dos Italianos. Atrasos e insuficiência dos carros eram apontados como os principais problemas desses serviços:

> Escreve um cidadão dessa capital:
> Pela presente tomo liberdade de solicitar à administração da Light que faça correr mais dois carros extraordinários, sendo um nº 21 e outro n º 23, na linha Bom Retiro. O horário para esses carros especiais deveria ser das 10 às 13 horas, hora do almoço, e das 13 às 19 horas. Esta medida será de uma importância (sic) para muitos dos moradores deste grande bairro, na maioria empregados no comércio. Atualmente só correm quatro carros, que nas horas indicadas são insuficientes porque sempre muitas pessoas são obrigadas a viajar nas plataformas e estribos por falta de lugares. [58]

Além de caracterizar as falhas desse sistema de transporte, esta notícia revela que a "hora do almoço" era um dos principais horários em que os bondes eram requisitados – sugerindo que a volta para casa com o fim de fazer as refeições consistia em um dos hábitos dos trabalhadores do bairro. Entretanto, esse hábito devia estar mais relacionado ao cotidiano dos empregados no comércio, já que, de certa maneira, a notícia acima relaciona

[57] DERTÔNIO, *op. cit.* p. 35
[58] *O Estado de S. Paulo*, 26/11/1919

o peso de sua presença no Bom Retiro à demanda pelo aumento do número de carros de transporte. No ano de 1919, havia pelo menos duas linhas de bonde que atendiam o Bom Retiro – as de número 21 e 23. No entanto, eram insuficientes. A deficiência do transporte coletivo em atender às demandas dos usuários do bairro tinha seus efeitos agravados pelo preço cobrado pelo serviço, que também era alvo de crítica:

> À superintendência geral da Light and Power os habitantes deste industrial e populoso bairro enviaram uma representação reclamando o bonde a $100. O motivo que aliás é justíssimo merece alguma atenção por parte da poderosa companhia canadense.[59]

Ganhando a apoio da *A Gazeta*, a reivindicação por um preço mais acessível dos serviços de transporte demonstra que os bondes tinham a sua importância para os moradores do bairro. Como notamos, esse veículo era bastante requisitado pelos trabalhadores no comércio – que solicitavam o aumento do número de carros no horário de almoço. Mas, certamente, esse serviço de transporte também era utilizado pelo conjunto mais amplo dos habitantes do bairro, quer fosse para se locomover até o local de trabalho, quer fosse para outras finalidades. Reivindicar um preço mais acessível junto à empresa responsável pelo serviço era uma das necessidades cotidianas do Bom Retiro.

3- Agremiações do Bom Retiro: diversidade associativa

A experiência associativa dos trabalhadores é bastante rica, não podendo se resumir somente a um tipo de associação. Sindicatos, clubes esportivos, recreativos, dançantes, grupos teatrais e educativos faziam parte das atividades relacionadas à organização dos

[59] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta* 17/08/1917

trabalhadores em torno de objetivos em comum – objetivos que, da reivindicação pela melhoria das condições de vida à prática do lazer, eram bastante diversos. Enfrentando dificuldades cotidianas típicas da falta de recursos, as agremiações levavam adiante atividades mais diretamente ligadas ao trabalho ou ao uso do tempo livre.

A diversidade do tipo de associações fundadas pelos trabalhadores paulistanos é bastante visível no Bom Retiro. Se neste bairro existiam agremiações como a Liga Operária do Bom Retiro, outras sociedades – pouco reconhecidas como organizações de trabalhadores – como Sport Club Saturno e Grêmio Dramático e Musical Luso- Brasileiro e Batutas do Bom Retiro se espalhavam pelas ruas do bairro, formando um quadro de sociedades bastante heterogêneo. Entre 1915 e 1924, pudemos identificar 54 diferentes sociedades com caráter bastante diversificado:

Tipo	Número	Porcentagem
Recreativo	29	53,70
Esportivo	13	24,07
Sindical	4	7,41
Musical	3	5,55
Teatral	2	3,70
Beneficente	1	1,85
Educativo	1	1,85
Outros	1	1,85

Entre as sociedades recreativas, incluímos as intituladas "dramático-recreativas", "recreativas", "recreativa-dançantes" e "dançantes". As características das atividades realizadas por esses tipos de sociedades eram bastante semelhantes, consistindo basicamente em saraus dançantes, bailes e apresentações teatrais – motivo pelo qual se justifica sua classificação em torno de uma única categoria. No entanto, os clubes esportivos do bairro não se limitavam a participar de jogos ou torneios, também

promovendo bailes e saraus – mas principalmente em datas especiais, como o aniversário da associação. Porém, a prática do esporte – principalmente o futebol – era a principal atividade dessas agremiações, o que nos levou a classificá-las como esportivas.

A partir da tabela acima, podemos notar que as sociedades que tinham a prática do lazer como objetivo central – sociedades recreativas, esportivas, musicais e teatrais – eram ampla maioria – representando quase 90% do número total de associações que funcionaram no Bom Retiro entre 1915 e 1924. Verificamos também um número relativamente baixo de sindicatos e sociedades beneficentes e a ausência de agremiações de caráter estritamente político– entendendo essa classificação como relacionada às associações partidárias, grupos anarquistas e outros, embora o grupo educativo encontrado, o Circulo de Estudos Sociais, pudesse estar relacionado à propagação dos ideais libertários. Sociedades de auxílio mútuo também estão ausentes do quadro de tipos de agremiações. Embora tenhamos verificado a presença de uma delas em uma das fontes pesquisadas, não havia nada que comprovasse a sua instalação no bairro.

Algumas das sociedades encontradas – entre todos os tipos – apresentam indícios de identidade étnica. Isso pode ser notado através da língua utilizada na nomenclatura das associações. Assim, Gênova Club, Cittá di Napoli e GDR Ermete Novellli, sugerem a presença de italianos entre seu quadro de associados. No entanto, se afirmamos que a etnia era o critério de associação tendo em vista somente a nomenclatura das agremiações, não é possível determinar ao certo se pertencer a uma dada nacionalidade era ou não pré-requisito para associar-se. A falta de documentação, como os estatutos das associações, faz com que qualquer afirmação categórica a respeito seja precipitada. Por exemplo, o Grêmio Dramático Musical Luso-Brasileiro admitia como sócias pessoas de outras nacionalidades, como italianos, russos, argentinos e espanhóis, servindo também como centro de lazer para

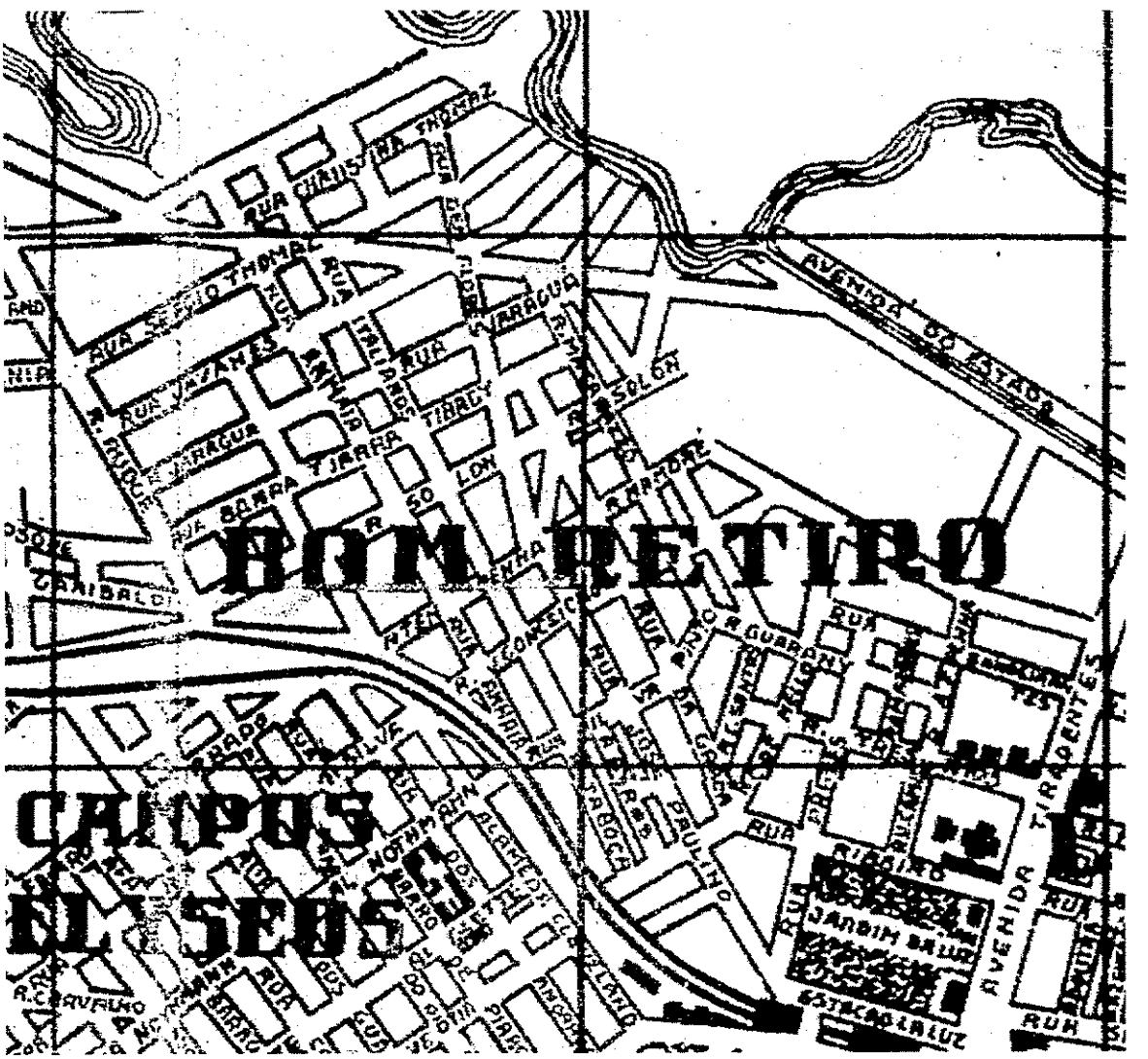
o conjunto mais amplo dos moradores do Bom Retiro.[60] Existem poucas associações em que a etnia é apontada de forma mais direta como critério associação. Entre elas, o Centro Independente Bom Retiro, cuja notícia de fundação menciona a organização de "mais um clube de dança edificado por homens de cor"[61] – que, além da identidade étnica, apresenta também uma relação de identificação com o bairro. A Sociedade Israelita Amigo dos Pobres (EZRA) – agremiação beneficente judaica fundada para "auxiliar os pobres, doentes e arranjar serviço aos que não tem, e também auxiliar materialmente quando necessário"[62] – auxiliava as famílias de imigrantes recém chegados ao Brasil. O caráter étnico dessa associação é visível não só através de sua nomenclatura, mas também pelo seu quadro de diretores[63]. Entretanto, não temos dados que indiquem que a EZRA restringia seus auxílios somente à pessoas de origem judaica. Da mesma maneira, não sabemos ao certo se o Centro Independente Bom Retiro congregava apenas negros, embora saibamos que, para um país recentemente saído do regime de escravidão, seria muito difícil que indivíduos de outras etnias se propusessem como sócios nesta agremiação.

A maioria das associações encontradas tem sua data de fundação, ou período de atuação, entre os anos 1919 e 1921. Nesse período ocorre um considerável aumento da presença de clubes recreativos, esportivos e dançantes no bairro do Bom Retiro – característica comum para os demais bairros habitados por trabalhadores da cidade de São Paulo. A presença das poucas agremiações sindicais no bairro já era notada através da fundação da Liga Operária do Bom Retiro, em 1917. Essa liga viria a ser desmantelada pela

---

[60] *Bom Retiro de Todos os Povos.* Projeto Museu de Rua. Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Oficinas Culturais Três Rios. Fevereiro de 1988.
[61] *O Menelik.* 17/02/1915
[62] Fundo EZRA. Ata Número 1 20/05/1916. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
[63] *Idem*

repressão policial na greve geral ocorrida naquele ano, retomando sua organização em 1919 – para depois se autodissolver em definitivo no inicio de 1920.[64]Organizações de marceneiros, tecelões e ferroviários aparecem atuando no bairro entre 1917 e 1919, sendo que, depois desse período, ou deixam de funcionar ou mudam sua sede para outro bairro. De maneira geral, durante o período pesquisado, são poucas as associações que, como o Grêmio Dramático Musical Luso-Brasileiro, têm funcionamento contínuo.



Planta Cartográfica da Cidade de São Paulo. 1927

[64] *O Estado de S. Paulo,* 24/01/1920

Os clubes recreativos e esportivos se espalhavam mais pelas ruas do bairro, com presença em locais de indústria e comércio – como as ruas da Graça e José Paulino e Ribeiro de Lima. Já os sindicatos se localizavam em apenas duas das ruas – entre elas a rua José Paulino que, além de centro comercial, se iniciava nas proximidades da Estação da Luz, o que também poderia facilitar o acesso dos associados de bairros vizinhos.

A experiência associativa dos trabalhadores do Bom Retiro é bastante diversificada. Agremiações recreativas, dançantes, esportivas, musicais e sindicais fazem parte desse universo que possui lógicas diferentes de organização. Refletir sobre essas lógicas e sobre as práticas sociais, políticas e culturais delas decorrentes pode ser um caminho bastante proveitoso para pensarmos o cotidiano e a identidade dos trabalhadores do bairro. E, de forma mais ampla, o estudo sobre a lógica associativa dos trabalhadores do Bom Retiro, embora possua sua peculiaridade, também pode oferecer subsídios para pensarmos a dinâmica de associação dos trabalhadores paulistanos.

CAP II - Sindicato, Dança e Futebol

1- Organizações sindicais

Para falamos sobre as organizações sindicais no Bom Retiro é preciso distinguí-las em duas categorias: as que possuíam sede no bairro e as que atuavam no lugar sem possuir sede na localidade. Entre o primeiro tipo, estão as sociedades: Liga Operária do Bom Retiro, União dos Trabalhadores Ferroviários, Liga Internacional dos Marceneiros e uma sucursal da União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos. Pertencente à segunda categoria as seguintes agremiações: União dos Artífices em Calçados, União dos Trabalhadores Gráficos e Associação dos Barbeiros.

Em 1917, foram definidas as "Bases de Acordo" para a constituição das Ligas Operárias de Bairro. Entre os itens desses princípios, estão o combate ao alcoolismo, a luta contra os açambarcadores de alimentos e pelo barateamento do preço dos aluguéis.[1] As primeiras ligas de bairro fundadas foram as da Mooca e do Belenzinho, no mês de maio daquele ano. Entre junho e agosto, os bairros da Lapa, Água Branca, Brás, Cambuci, Vila Mariana, Ipiranga e Bom Retiro constituíram suas organizações operárias locais.[2]

Constituída, a Liga Operária do Bom Retiro passaria a realizar as suas atividades no bairro. Em agosto de 1917, encontramos referência sobre uma de suas primeiras reuniões realizadas "Afim de tratar dos interesses e direitos do proletariado em geral." É provável que essa recém fundada organização ainda não tivesse uma sede própria e, por isso, realizou sua atividade em um salão de um clube do bairro, o Grêmio Dramático e Recreativo Luso-Brasileiro.[3] No mesmo mês em que promoveu essa reunião, participou

[1] LOPREATO, *op. cit.* p.98
[2] *Idem*
[3] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 14/08/1917

da fundação da Federação Operária de São Paulo, juntamente com outras organizações sindicais de bairro e por categoria profissional.[4] Noticiando algumas reuniões que haviam sido realizadas recentemente pelos sindicatos, *A Plebe* publicava:

> A Liga Operária do Bom Retiro também realizou uma animada reunião na quinta-feira, nela fazendo uso da palavra os camaradas Cianci e Edgard.
> Grande foi o número de operários que nessa assembléia se inscreveram como sócios. [5]

A presença de Edgard Leuenroth, diretor de *A Plebe* e figura proeminente entre os anarquistas, revela uma clara intenção da Liga Operária do Bom Retiro de propagar os ideais libertários entre os trabalhadores do bairro. E como representante do Comitê de Defesa Proletária, o litógrafo Francisco Cianci[6] certamente ressaltava a necessidade dos trabalhadores em defender seus direitos através da luta sindical. Portanto, reuniões como essa serviam como instrumento de campanha de filiação às agremiações sindicais, campanha que, segundo a notícia, havia apresentado bons resultados para a Liga Operária do Bom Retiro.

As atividades da Liga durante o ano de 1917 não foram muito duradouras. Verificamos referências a atuação somente entre agosto e setembro, o que revela a seu caráter efêmero. A Liga não funcionou durante 1918, só retornando às suas atividades durante o ano seguinte. Isso teve como uma das causas a repressão policial: o movimento grevista de 1917 demonstrou proporções até então nunca presenciadas, o que levou ao aumento da escalada policial contra as organizações sindicais. A ação repressiva foi fortalecida pelo Estado de Sítio, decretado em virtude da entrada do Brasil na Primeira

---

[4] *O Combate*, 27/08/1917
[5] *A Plebe*, 1/09/1917
[6] MAFFEI, Eduardo. *A Greve* . Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978, p. 147

Guerra Mundial naquele ano.[7] Além disso, outro fator pode ter contribuído para a desmobilização da Liga Operária do Bom Retiro e, segundo Sheldon Maram, de todo o movimento operário: a epidemia da Gripe Espanhola. [8] Essa doença atingia o seu ponto mais crítico durante o mês de outubro de 1918. Afetou mais de 80 mil pessoas na cidade de São Paulo[9], sendo mais de 5.000 o número de mortos, para uma população estimada em 470.892.[10] O Bom Retiro, dado suas deficiências de infra-estrutura, foi dos mais atingidos por essa epidemia.[11]

A Liga Operária do bairro só encontraria condições de se organizar novamente em 1919. Em julho daquele ano, durante uma reunião da Federação Operária de São Paulo, que tratava de questões relativas à greve dos ferroviários da companhia Sorocabana, era anunciada uma reunião dos trabalhadores do Bom Retiro para o mesmo dia, com a finalidade de constituir o "Centro Operário Local"[12]. No final do mês, *O Combate* anunciava que o operariado do Bom Retiro estava "novamente arregimentado para a defesa de seus direitos", sendo convocada uma reunião da associação em sua sede social, na rua Julio Conceição, 72.[13] Poucos dias depois, já no mês de agosto, o jornal *A Plebe* publicava:

> Liga Operária do Bom Retiro
>
> Está definitivamente constituído esse núcleo proletário, cuja atividade foi suspensa em 1917 pela furiosa reação policial que então se verificou contra o movimento operário.

---

[7] MARAM *op. cit. p.*137

[8] Sheldon Maram aponta essa epidemia como um dos fatores de desmobilização sindical durante o ano de 1918. *Idem.* p.95

[9] BERTUCCI, Liane Maria. *Saúde: arma revolucionária. São Paulo – 1891 1925.* Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp. 1997, p. 70

[10] Dados organizados pela Associação de Brasileira de Escoteiros *A Gazeta*, 26/11/18

[11] "É natural (...) que a gripe melhor se propague nos bairros pobres, como o Brás, Mooca, Cambuci, Pari, Bom Retiro, Bexiga, etc,. onde a população é mais densa (...)" *A Gazeta*, 25/10/1918

[12] *O Estado de S. Paulo*, 10/07/1919

[13] *O Combate*, 26/07/1919

> Após os trabalhos preparatórios levados a cabo por um grupo de companheiros, realizou-se na quinta-feira uma numerosa reunião, na qual foi organizada sua comissão provisória, e nomeado os delegados à Federação Operária.
> Aproveitando a oportunidade, fez-se bastante propaganda nessa assembléia, mostrando-se a assistência bastante animada. [14]

Somente após a realização de duas reuniões, realizadas em 10 e 27 de julho, era anunciada a reconstituição definitiva da Liga Operária do Bom Retiro. A despeito de outros motivos que pudessem ter contribuído de forma decisiva para a interrupção de suas atividades, como a epidemia da gripe espanhola e a própria dificuldade de realização de suas reuniões, a "furiosa reação policial" contra o movimento operário é apontada como o principal fator da extinção temporária da organização. Não sabemos se a reunião acima citada foi realizada em sua própria sede social, que em agosto de 1919 se localizava na rua José Paulino, número 93. No entanto, fazer propaganda junto aos moradores do bairro, como foi feito nessa atividade, requeria a presença do maior número de trabalhadores possível. Assim, é provável que tenha sido realizada nos salões do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro, com sede na rua da Graça, 144, local de boa referência no bairro e com um espaço que poderia admitir a presença de mais pessoas. Isso é muito provável já que, no início de agosto, a diretoria do referido Grêmio deferia o pedido da Comissão Executiva da Liga Operária do Bom Retiro, que solicitava o uso de suas dependências. Assim, entre os "trabalhos preparatórios levados a cabo por um grupo de companheiros", podem estar incluídos os acertos necessários para arrumar um local onde a reunião pudesse ser realizada.

[14] *A Plebe*, 19/08/1919

De maneira geral, as atividades da Liga Operária do Bom Retiro se resumem à realização de reuniões no bairro, cujas finalidades são descritas como "reuniões de propaganda" ou, de maneira mais genérica, para tratar de "assuntos de importância". Além disso, participou da arrecadação de fundos para a campanha do Comitê Pró-Presos e Deportados durante o ano de 1919, quando desde setembro se intensificavam as prisões e deportações.[15] A Liga Operária do Bom Retiro contribuiu com a quantia de 33$500, sendo a única Liga de bairro a colaborar na campanha, juntamente com os metalúrgicos, tecelões e construtores civis – que contribuíram com a quantia de 60$000, 200$000 e 300$000, respectivamente.[16] O que notamos é que as ações dessa agremiação, embora sendo constituída pelos trabalhadores do bairro, estavam voltadas principalmente para o movimento operário como um todo. Não encontramos referências sobre a atuação dessa sociedade junto aos problemas cotidianos específicos do bairro. A propaganda sindical foi a principal característica da atuação dessa associação no bairro, o que revela uma luta constante dos militantes para que mais trabalhadores se filiassem às organizações sindicais – luta essa certamente motivada pelo sucesso de mobilização durante a greve geral de 1917.

Embora tenha conseguido efetivar a sua reconstituição, percebemos que a Liga Operária do Bom Retiro não deixou de enfrentar dificuldades no prosseguimento de suas atividades. Em uma de suas primeiras reuniões de reorganização, realizada no fim de julho de 1919, esta associação possuía sede na rua Julio Conceição, 72. Já em agosto, mudaria para a rua José Paulino, 93 e, em outubro de 1919, sua sede é mencionada como estando localizada na rua dos Italianos, 65. A mudança freqüente de localização pode ter ocorrido devido à falta de recursos para pagar os aluguéis ou ainda devido ao fato de os locais

[15] MARAM, *op. cit.* p.144.
[16] *O Grito Operário*, 17/01/1920

mencionados como sua sede não se tratarem de salões ou casas de aluguel, mas de casas de militantes. Foi curto o período em que a associação operária do bairro conseguiu sobreviver. Em janeiro de 1920, passados pouco mais de cinco meses de suas reconstituição, o jornal *A Plebe* noticiava:

> Liga Operária do Bom Retiro
>
> Devido a conveniências associativas, dissolveu-se essa associação operária, passando os seus membros a fazer parte da Liga Operária da Construção Civil.
>
> Por isso, é bastante a apresentarem-se os associados na secretaria desta associação, com qualquer recibo ou documento que provem terem eles pertencido à Liga extinta. [17]

Notamos, primeiramente, qual era a predominância, em termos de categoria profissional, dos associados da Liga Operaria do Bom Retiro: se seus membros passariam a fazer parte da Liga Operária da Construção Civil (LOCC) é porque estavam ligados a alguma categoria relacionada ao ramo da construção civil. Dessa maneira, os problemas relacionados às "conveniências associativas" podem estar ligados ao fato de duas associações, com as mesmas bases sociais, estarem funcionado ao mesmo tempo e, por isso, dividindo a atuação da categoria profissional no Bom Retiro. A Liga da Construção Civil tinha a sua sede na rua Florêncio de Abreu, 45. Embora não pertencesse ao bairro, essa rua, situada no Brás, se localizava próxima de seu limite. Extinguir a agremiação do Bom Retiro poderia ser uma maneira de otimizar os esforços de organização de uma categoria, já que se tratavam de duas organizações próximas geograficamente e que englobavam trabalhadores da construção civil em seu quadro de sócios. Em fevereiro de 1920, um mês após a extinção da Liga Operária do Bom Retiro, a LOCC anunciava suas

[17] *A Plebe*, 14/01/1920

intenções de fundar sucursais em bairros como a Água Branca, Belenzinho, Mooca e Lapa, sem mencionar o Bom Retiro como um dos alvos dessa intenção.[18] Assim, provavelmente os trabalhadores da categoria do bairro já estavam atuando junto à sede principal. Aos membros da liga extinta poderia ser uma vantagem se associar à Liga Operária da Construção Civil, já que essa associação possuía um melhor grau de organização, podendo os representar melhor em suas lutas e diante das dificuldades que surgissem, as quais se intensificariam, para todas as organizações sindicais, devido à escalada da repressão policial que se acentuava desde setembro de 1919.

Outra organização sindical com sede no Bom Retiro foi a União Geral dos Ferroviários (UGF). Esta associação foi fundada em 1917, mas foi desestruturada pela repressão policial. Passou a ser reconstruída em julho de 1919, na mesma circunstância em que era anunciada a reorganização de Liga Operária do Bom Retiro. Nessa ocasião, foi constituído um conselho de representantes de diversos departamentos e apresentado um projeto de estatuto, tendo sido também deliberado que a associação reuniria "todos os ferroviários, criando seções nas localidades onde haja oficinas, depósitos ou núcleos de trabalhadores das estradas de ferro".[19]

A sede provisória da UGF foi instalada na rua Senador Queiroz, 70, localizada no Brás. No entanto, dois meses depois de reorganizada, sua sede principal passaria a funcionar no Bom Retiro, na rua José Paulino, 103. O bairro do Bom Retiro pode ter sido considerado um lugar estratégico: a rua José Paulino nasce nas proximidades da Estação da Luz, lugar de concentração de ferroviários e de desembarque de passageiros do interior do Estado de São Paulo, o que poderia facilitar o acesso dos militantes de outras cidades à

[18] *O Grito Operário*, 4/02/1920
[19] *A Plebe*, 26/07/1919

sede principal – tornando mais fácil a comunicação entre a diretoria da sociedade e seus sócios. Para isso, também era necessário que a União Geral dos Ferroviários investisse na estruturação de sua sede:

> União Geral dos Ferroviários
>
> A secretaria geral desta união comunica aos departamentos do interior e a todos os associados em geral que já se acha instalado na sede principal, a rua Jose Paulino, 103 (São Paulo), um telefone para comunicações urgentes e que o mesmo tem o número 5615 (cidade). (...)
>
> -Comunica-se a todos os associados que está procedendo à distribuição das cadernetas e respectivos estatutos, podendo todos procura-los a qualquer hora na sede social.[20]

Recém organizada, a associação dos ferroviários investia na estruturação de sua sede, procurando viabilizar sua atuação junto à categoria através da instalação de um telefone, disponibilizado pelo jornal *A Plebe*. Além de investir no melhoramento dos canais de comunicação, a União Geral dos Ferroviários distribuía as cadernetas, provavelmente relativas ao pagamento das mensalidades, e seus estatutos aos associados, tentado assim se firmar efetivamente como sociedade organizada.

Foi curto o período em que a UGF se localizou no bairro do Bom Retiro. A repressão policial faria com que esta associação fosse novamente desestruturada. Para isso, parece ter sido decisiva a prisão de dois de seus diretores, Alberto de Castro e Antonio Peres, em outubro de 1919:

> Na sede da União Geral dos Ferroviários, á rua da Graça,144, realizou-se ontem à tarde uma reunião, na qual tomaram parte os representantes e os associados das linhas Ferroviárias da Central, Inglesa, Sorocabana e Cantareira.

[20] *Idem*, 3/10/1919

> A questão que mais agitou a classe foi a prisão dos secretários da sociedade.
> Depois de terem sido debatidos os meios mais convenientes para conseguirem a soltura dos citados companheiros, ficou resolvido recorrer primeiramente aos meios legais e, quando esses meios nada se obtenha, então, uma apelo a todas as associações operarias para estas resolverem em última instância.[21]

O local onde se realizou a reunião, na rua da Graça, 144, era a sede do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro – espaço também utilizado pela Liga Operária do Bom Retiro. Os secretários da associação haviam sido presos apenas dois dias antes da realização dessa reunião, acontecimento que certamente foi dos principais temas da referida atividade devido à urgência do assunto. Tentando obter a soltura dos diretores, a associação optava, ao menos inicialmente, pelos meios legais, o que deveria incluir o contato junto a advogados que se dispusessem a defendê-los – uma das poucas esperanças de libertação dos dirigentes da entidade. O "apelo a todas as associações operárias" é apontado como uma última instância para a resolução do problema, o que deveria ser mais uma maneira de protestar contra as arbitrariedades policiais do que propriamente uma forma de obter a libertação dos diretores da UGF. As ações dos ferroviários para a soltura o dos secretários da agremiação não surtiu efeitos: Alberto de Castro e Antonio Peres fariam parte de uma lista de nomes de deportados, que haviam sido processados tanto pelo governo paulista quanto pelo governo federal.[22]

A prisão e deportação dos diretores desestabilizaram a União Geral dos Ferroviários, abalando a militância de seus associados. Para tentar contornar essa situação, era necessário que a sociedade defendesse sua credibilidade como legítima representante

---

[21] *Idem*, 26/09/1919
[22] *O Estado de S. Paulo*, 24/10/1919

dos ferroviários, se defendendo dos que pudessem acusá-la de alguma forma. Nesse sentido, publicava a seguinte notícia:

> Esta organização operária que conta apenas vários meses de existência, seguiu a sua vida progressiva e muito bem organizada.
> No entanto, um tal Parelha (que pelo nome não se perca) foi ao jornal Estado de São Paulo declarar que a Liga dos Operários Ferroviários era uma sociedade de cavação.(...)
> Está-se vendo pelas declarações do tal Parelha, que é um clerical e um crumiro; capaz de todas as abjeções (...) .
> Protestamos, contanto, contra a miserável calúnia (...) contra a União Geral dos Ferroviários e que ficamos na estacada para rebater essa e outras calúnias que contra as organizações operárias pretende a polícia, aliada ao capitalismo, levar a cabo. [23]

Se remetendo inicialmente ao período de existência da União Geral dos Ferroviários, a notícia procura ressaltar o progresso e a organização da sociedade – uma maneira de defender a agremiação como legítima representante da categoria. Entretanto, mostra seu desprezo para com o "tal Parelha", provavelmente um trabalhador ferroviário, que teria ido à redação do *O Estado de S. Paulo* com a finalidade de caluniar a sociedade junto ao periódico – visto pela imprensa operária como potencial aliado do patronato e do Estado. Sendo assim, procura desqualificá-lo de várias maneiras: acusando-o de clerical, o que nas páginas de *A Plebe* deveria ser como um insulto, e de "crumiro", sinônimo de traidor entre os militantes do movimento operário. Assim, a notícia revela uma das dificuldades enfrentadas pelas agremiações sindicais: as desavenças existentes entre os próprios membros de uma categoria, desavenças essas que podem ter se acentuado perante a repressão policial.

---

[23] *A Plebe*, 23/10/1919

Encontramos referências sobre o funcionamento da União Geral dos Ferroviários no bairro do Bom Retiro até novembro 1919, quando convocava os associados para uma reunião.[24] Um balanço relativo à suspensão de suas atividades foi publicado em março de 1920, em *O Combate*, ocasião em que se estruturava novamente:

> Ressurge a União Geral dos Ferroviários
>
> A organização dos trabalhadores das estradas de ferro, que havia suspendido a sua atividade promissora em conseqüência das abomináveis violências de que foram vítimas os seus militantes mais dedicados, muitos dos quais foram presos e alguns deportados, ressurge agora para perseguir sua obra grandiosa de arregimentação da classe. (...)[25]

De maneira semelhante à Liga Operária do Bom Retiro, a UGF frisa o peso da repressão policial e da violência sofrida pelos "militantes mais dedicados" como o motivo principal da interrupção de suas atividades. A prisão e deportação de militantes, como de Alberto de Castro e Antonio Peres, em finais de outubro de 1919, foi seguida de outras, o que poderia não só prejudicar a organização da sociedade em decorrência do afastamento de seus dirigentes, como também afastar os associados de suas assembléias e reuniões, diminuindo o seu poder de ação e de legitimidade junto aos ferroviários. Quando voltou a funcionar, a União Geral dos Ferroviários não possuía mais suas instalações no bairro do Bom Retiro, mudando-se para a rua Joly, 125, no Brás.

A União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT) possuía uma sucursal no Bom Retiro, na rua Paulino, 93 – mesmo local utilizado pela Liga Operária do Bom Retiro. A principal indústria têxtil do bairro era a Companhia Fabril Paulistana, havendo também

---

[24] *O Combate*, 21/11/1919
[25] *A Plebe*, 6/03/1920

outros estabelecimentos ligados ao ramo da tecelagem. Temos poucas referências sobre o funcionamento dessa sucursal, cuja atuação notamos entre os meses de agosto e outubro de 1919, como uma reunião dos trabalhadores da fábrica Paulistana:

> União dos Operários em Fábricas de Tecidos
>
> Na sucursal do Bom Retiro reuniram-se ontem, às 18 horas, os operários da Fábrica Paulistana. Dirigiu os trabalhos o companheiro Alberto Giuliani, sendo discutidos diversos pedidos que vão ser feitos aos diretores daquele estabelecimento.[26]

A instalação de sucursais das associações sindicais certamente tem dois motivos principais: facilitar a comunicação entre a associação central e os trabalhadores do bairro e tornar a atuação da sociedade mais dinâmica, facilitando o processo de discussão e de decisão em momentos de mobilização, como as greves. No caso de uma categoria profissional com grande número de trabalhadores, como os trabalhadores têxteis, isso era fundamental. Além disso, as sucursais poderiam ter também a função de discutir questões específicas relacionadas às condições de trabalho em certos estabelecimentos, como revela a notícia acima, e de divulgar o sindicato como forma de organização dos trabalhadores, uma maneira de fazer campanha para a adesão de novos sócios.[27] A forma de atuação das sucursais foi um dos temas de discussão do 3° Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1920:

> O 3° Congresso, estudando o tema referente às sucursais de sindicatos, entende que tendo as mesmas surgido em conseqüência de necessidades transitórias, oriundas do desenvolvimento sindical, somente a prática irá aconselhando sobre a conveniência ou não de as manter ou criar.

---

[26] *Idem*, 2/10/1919
[27] *Idem*, 1/10/1919

> O Congresso aconselha, entretanto, às organizações esforçarem-se para a prática do mecanismo federativo quando tenham que desdobrar os seus organismos, procurando dar a devida autonomia às sucursais, nas questões locais, quando, pelo caráter das profissões, essas sucursais se tornarem necessárias. [28]

O "caráter das profissões" é reconhecido como um dos motivos do surgimento das sucursais. No entanto, o 3° Congresso Operário deixa em aberto a questão relativa à fundação das filiais, demonstrado que a necessidade ou não de mantê-las em funcionamento era algo imprevisível no decorrer da prática sindical. No entanto, havendo a necessidade de criá-las, é recomendada a prática do mecanismo federativo, o que era coerente com o modelo adotado pela Federação Operária de São Paulo, entidade que congregava um grande número de organizações sindicais da cidade – entre as quais a Liga dos Trabalhadores em Fábricas de Tecido.

Em 1920 não verificamos nenhuma ocorrência acerca do funcionamento da sub-sede dos tecelões no bairro do Bom Retiro. A sede principal estava fechada pela polícia em maio daquele ano. No mês de outubro, possuíam sucursais da União dos Operários em Fábrica de Tecidos somente os bairros Brás, Mooca e Belenzinho.[29] Em 1921, também não temos indícios de que os trabalhadores em fábricas de tecidos do bairro estivessem organizados em nível local. Em maio de 1921, as reuniões dos operários da Fábrica Paulistana eram realizadas no Brás, na rua Florêncio de Abreu, 45 – local próximo ao bairro.[30]

Durante 1924, não temos informações se o Bom Retiro possuía uma organização local de tecelões. No entanto, esses trabalhadores estavam articulados junto às ações da

---

[28] *Idem*, 8/05/1920
[29] *Idem*, 2/10/1920
[30] *Idem*, 21/05/1921

categoria na cidade. Em janeiro daquele ano, eclodia um movimento grevista que, segundo o jornal *O Combate*, atingia 12 mil trabalhadores na cidade de São Paulo.[31] A greve atingia diversos estabelecimentos têxteis da cidade, como Aniagem Paulista, Crespi, Gamba, Lanifício De Camillis e outros.[32] Houve apedrejamento de algumas fábricas, o que preocupava os industriais. Foi esse temor que levou a Fábrica Paulistana, no Bom Retiro, a solicitar garantias à polícia e ao Delegado Geral da cidade a não mais conceder licença para a realização de reuniões.[33] No início de fevereiro, o movimento aparentava não ter se espalhado totalmente entre os tecelões do Bom Retiro. A possibilidade de a mobilização se intensificar entre os trabalhadores do bairro era retratada da seguinte maneira:

> O Bom Retiro em Polvorosa?
>
> Segundo notícias recebidas pela nossa reportagem, os tecelões do popular bairro do Bom Retiro vão também eles, entre hoje amanhã, declarar greve.
>
> O ato de rebeldia é feito em sinal de solidariedade com os seus companheiros e para obter o necessário aumento de seus atuais salários.
>
> Esperamos, porém, que a calma e a reflexão impeçam os operários do bairro do Bom Retiro a declarar a greve, para que as coisas não se compliquem mais. [34]

A possibilidade de a greve ganhar fôlego no Bom Retiro era vista com preocupação pelo periódico devido ao caráter popular do bairro, fator que poderia fazer com que o movimento ganhasse outros adeptos além dos tecelões. Mesmo diante das dificuldades de organização, atividades coletivas de reivindicação ainda faziam parte das ações dos trabalhadores em fábricas de tecidos e causavam preocupações entre o patronato e as autoridades policiais.

---

[31] *O Combate*, 23/01/1919
[32] *Idem*, 29/01/1924
[33] *Idem*, 31/01/1924
[34] *Idem* 1/02/1924

Outra associação organizada no Bom Retiro foi a Liga Internacional dos Marceneiros. Esta sociedade foi fundada em 1917 e pode estar relacionada às repercussões do movimento grevista daquele ano no bairro. Em julho daquele ano, os operários da casa de móveis Goldestein, propriedade de Jacob Goldestein, declararam-se em greve devido à redução de seus salários.[35] Nesta mesma ocasião o movimento grevista dos marceneiros se alastrava, atingindo outros estabelecimentos, o que contribuiria para a fundação da sociedade da categoria:

> Os Marceneiros também se agitam
>
> Estão em greve os operários marceneiros de diversas oficinas, que reclamam aumento de salários.
>
> O movimento está sendo sustentado com entusiasmo, sendo completa a solidariedade entre os grevistas, que tem realizado reuniões diárias no Bom Retiro, em uma das quais foi constituída a Liga Internacional dos Marceneiros (...) [36]

As referidas "reuniões diárias no Bom Retiro" podem ter englobado mais do que os marceneiros do bairro, já que a notícia se refere à categoria como um todo. No entanto, a menção do Bom Retiro como local dessas "reuniões diárias" abre a possibilidade de os trabalhadores em marcenaria do lugar estarem numa posição de destaque em relação às proporções que o movimento vinha tomando entre a categoria. O próprio fato de a sede da Liga Internacional dos Marceneiros ter sido fundada e instalada no bairro pode ser um indício disso. Esta organização também investia na propaganda sindical: numa reunião realizada em julho de 1917, pedia o comparecimento não somente dos associados, mas de "todas as pessoas que quiserem tomar parte da reunião" [37], revelando assim sua intenção de

---

[35] *A Gazeta*, 4/07/1917
[36] "Movimento Operário", *A Plebe*, 9/07/17
[37] Resenha dos Arrabaldes, *A Gazeta* 24/07/1917

ampliar o número de associados – o que possivelmente aumentaria sua legitimidade enquanto representante da categoria. Um mês após a fundação desta liga, verificamos a presença de uma agremiação semelhante: a Liga dos Trabalhadores em Madeira.[38] Isso pode representar uma divisão da categoria entre tendências políticas distintas. Entretanto, talvez ambas possam se tratar da mesma agremiação, já que era comum que a imprensa publicasse notícias sobre uma dada sociedade utilizando denominações distintas.

A União dos Artífices em Calçados, com sede na rua Florêncio de Abreu, 45 (Brás), é uma das associações sindicais que atuava no Bom Retiro sem possuir sede ou sucursal no lugar. Em 1923, um trabalhador e militante pertencente à agremiação foi demitido da Casa Espósito, uma fábrica de calçados local.[39] Em decorrência disso, seus companheiros de trabalho iniciaram uma greve pedindo sua readmissão, o que o revela grau de representatividade que a União dos Artífices em Calçados tinha junto aos trabalhadores do lugar. A demissão de um militante da sociedade pode ter sido vista não somente como uma injustiça, mas como um questionamento da representatividade da agremiação.

Outro momento em que a União dos Artífices em Calçados atuou no Bom Retiro foi durante a organização das manifestações do Primeiro de Maio de 1924. Naquele ano, as comemorações foram realizadas em locais fechados, como no Salão Celso Garcia, no bairro do Belenzinho. No Bom Retiro, a agremiação dos artífices em calçados ficou responsável pela convocação dos trabalhadores para a realização de uma reunião local, como era costumeiro durante as comemorações do Primeiro de Maio:

---

[38] *O Combate*, 27/08/1917
[39] *A Plebe*, 9/06/1923

No Bom Retiro

> A União dos Artífices em Calçados convoca o povo desse bairro para a sessão que se realizará às 8 ½, no salão da Sociedade Luso-Brasileira, à rua da Graça, 144. (...)[40]

A atividade também foi realizada em local fechado, o salão do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Outras sociedades faziam parte da organização das atividades referentes a esta data, como a União dos Trabalhadores Gráficos, União dos Trabalhadores em Construção Civil, União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, União dos Chapeleiros e outras sociedades. A União dos Artífices em Calçados, a responsável pala realização da reunião no Bom Retiro, convocava não somente os trabalhadores pertencentes à categoria para tomarem parte das atividades do Primeiro de Maio, mas "o povo" do bairro – talvez devido ao fato de ser a organização que mais tinha forças de mobilização no local naquele instante. As comemorações do Primeiro de Maio em locais fechados revelam uma posição defensiva do movimento operário, possivelmente atendendo às exigências policiais. Os festejos da data em 1924 se distinguem dos realizados em anos anteriores, quando eram organizados em locais públicos e abertos – como a Praça da Sé e, no Bom Retiro, no Largo do Areal.[41] Isso reflete, em grande medida, a instabilidade política do governo Arthur Bernardes, que desde 1922 vinha governando o país em Estado de Sítio – o que inibia a participação dos trabalhadores nas organizações sindicais, acarretando também grandes dificuldades de organização para essas agremiações.[42]

Além da atuação dos trabalhadores junto às associações sindicais já mencionadas – Liga Operária do Bom Retiro, União Geral dos Ferroviários, União dos Operários em

---

[40] *Idem*, 1/05/1919

[41] *O Estado de S. Paulo*, 1/05/1919

[42] PINHEIRO, Paulo Sérgio. "O Proletariado Industrial na Primeira República", in:HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano.* São Paulo: Difel. 1985. Tomo III, Vol. II, p. 171

Fábricas de Tecidos e União dos Artífices em Calçados – notamos atividades de outras categorias, como os gráficos. Não temos dados a respeito da existência ou não de oficinas gráficas no bairro. No entanto, durante fevereiro de 1923, os gráficos realizavam uma greve e, nessa ocasião, se reuniram num salão do Bom Retiro, na rua Ribeiro de Lima, 77, para discutir assuntos relativos ao movimento.[43] Mesmo que não houvesse oficinas gráficas no bairro, poderia haver trabalhadores gráficos residindo no local, o que justificaria a atividade da associação no Bom Retiro.

Outra categoria que atuou coletivamente no bairro foi a dos barbeiros, mas, de início, sem qualquer relação comprovada com alguma agremiação sindical:

> Oficiais de barbeiro domiciliados no bairro do Bom Retiro, escrevem-nos dizendo que a lei municipal estabelecendo o descanso aos domingos e dias feriados não está sendo respeitada no referido bairro, pelo que pedem à Prefeitura se dignem mandar fiscalizar o trabalho dos barbeiros nos dias que elas devem, por ali, estar fechadas.[44]

A Associação dos Barbeiros seria fundada somente em 1919, estabelecendo sua sede na rua da Quitanda, no Brás.[45] Assim, a categoria lançava mão da imprensa como instrumento de reivindicação, apelando que ela interviesse junto à Prefeitura. Já em 1920, a diretoria do Grêmio Dramático Luso-Brasileiro cedia seu salão à Associação dos Barbeiros, para esta realizar uma reunião da classe, conforme pedido que foi dirigido à Diretoria,"[46] Assim, a maneira de atuação desta sociedade se assemelha a da União dos Artífices em Calçados e da União dos Trabalhadores Gráficos: embora não possuísse sede ou sucursal

---

[43] *Idem*, 24/02/1923
[44] "Queixas e Reclamações", *O Estado de S. Paulo*, 30/10/1915
[45] *O Combate*, 26/05/1919
[46] Ata de Sessão de Diretoria do GDM Luso-Brasileiro 2/03/1920

no Bom Retiro, atuava no bairro, aproximando-se das possíveis demandas dos trabalhadores da categoria que trabalhavam ou residiam no lugar e tornando mais dinâmica a sua atuação.

Através da atuação das sociedades sindicais no Bom Retiro, podemos perceber algumas características gerais dessas organizações relativas ao bairro e ao movimento operário na cidade. Quanto à denominação das agremiações, somente a Liga Operária do Bom Retiro possuía uma relação direta de identidade com o conjunto dos trabalhadores do bairro. No entanto, o fato de que , após sua dissolução, ter sido resolvido que os associados desta liga ingressariam na Liga Operária da Construção Civil pode ser um indício de que sua inserção entre as diferentes categorias profissionais presentes no Bom Retiro não deveria ser tão ampla, congregando essencialmente trabalhadores ligados ao ramo da construção civil. Por sua vez, a União dos Operários em Fábricas de Tecidos, através de sua sucursal no bairro, possuía vínculo de identidade restrita a uma só categoria dos trabalhadores do local, os tecelões.

As outras sociedades sindicais mencionadas – União Geral dos Ferroviários, Liga Internacional dos Marceneiros, União dos Trabalhadores Gráficos e Associação dos Barbeiros – atuavam junto ao conjunto de suas respectivas categorias na cidade de São Paulo ou, no caso da União Geral dos Ferroviários, do Estado, sem qualquer tipo de ação junto aos problemas mais específicos da localidade. Também é significativa a ausência de um Centro Operário Católico no local, tipo de organização que existia em vários bairros da cidade, como no Brás, na Moóca , na Lapa e outros. [47]

[47] SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado. Suas Relações na Formação do Proletariado de São Paulo*. São Paulo: Dominus Editora. 1966, p. 207

De maneira geral notamos que somente a partir de 1917 as sociedades sindicais aqui abordadas aparecem atuando no bairro. Em 1915, como já ressaltamos, os barbeiros atuavam sem que houvesse ligação com alguma associação da classe. Percebemos também que entre 1917 e 1924 a características de todos os sindicatos atuantes no Bom Retiro é a efemeridade e a inconstância de sua organização, o que é um reflexo das dificuldades do movimento operário na cidade de São Paulo. No entanto, sempre procurando atrair mais membros para seu quadro de associados, as sociedades sindicais do bairro buscavam obter legitimidade enquanto representantes dos trabalhadores em suas lutas cotidianas.

O estudo das organizações sindicais a partir do bairro é uma maneira de se aproximar mais do percurso desse tipo de associação. Dar enfoque a um espaço limitado da cidade é uma forma de perceber de maneira mais concreta a relação entre trabalhadores e sindicatos já que, provavelmente, procuravam atuar nas organizações que estivessem mais próximas de suas residências ou locais de trabalho – uma maneira de lidar melhor com o tempo livre de que dispunham. No entanto, esse tipo de enfoque certamente possui limites. Mesmo com a presença de agremiações sindicais com sede no Bom Retiro, a atuação dos trabalhadores do lugar não deve se resumir a elas. Exemplo disso são os próprios casos aqui citados, em que algumas sociedades que não tinham suas instalações no bairro atuavam circunstancialmente na localidade.

2- Clubes Recreativos

No Bom Retiro havia um grande número de associações ligadas à prática do lazer. Clubes recreativos, esportivos, dançantes e grupos teatrais representam cerca de 90% das sociedades atuantes no bairro entre 1915 e 1924. Antes mesmo de 1915 já havia algumas agremiações do tipo em funcionamento, como o Grêmio Dramático e Musical Luso-

Brasileiro, fundado em 1900, e outras como a carnavalesca Ta Bom Deixe (1909) e Flor do Bom Retiro (1908). No entanto, foi no período relativo aos últimos anos da década de 10 que a proliferação desse tipo de associação nos bairros operários foi mais acentuada, fenômeno esse que teve bastante repercussão no Bom Retiro. Entretanto, apesar de sua inserção no cotidiano dos trabalhadores, seu papel na configuração da classe foi pouco estudado pela historiografia. Como ressalta Beatriz Loner,

> todo o conjunto associativo, a rede organizativa de associações com base operária dos mais diversos tipo (mutualistas, beneficentes, classistas, recreativas, esportivas e culturais) compreendem formas de representação e configuração de classe, sendo elementos importantes no desenvolvimento e congregação de seus elementos e no estabelecimento de distinções com outros grupos e setores sociais.[48]

Desta maneira, o estudo dos diferentes tipos de organizações formadas por trabalhadores é uma maneira de perceber de forma mais rica a experiência das classes trabalhadores em seu processo de formação, processo esse bastante complexo e permeado por ambigüidades.

Segundo Nicolau Sevcenko, o processo de metropolização da cidade de São Paulo, durante as décadas de 10 e 20 do século XX, fazia emergir novos valores e estilos culturais: os valores da modernidade. Entre esses valores, a prática da dança. Para esse historiador, descansar se tornava cada vez mais obsoleto, já que os indivíduos preferiam gastar seu tempo livre em atividades ligadas ao lazer.[49] Esse teria sido um dos motivos principais da proliferação das *music-halls*, dos clubes recreativos e dançantes nos bairros operários, já

---

[48] LONER. *op. cit.* p. 20

[49] SEVCENKO, Nicolau, *Orfeu extático na metrópole. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1992, p.33

que as classes trabalhadoras também foram afetadas pelos valores da modernidade. Algumas inovações tecnológicas teriam estimulado esse processo, como a invenção da vitrola. Segundo Sevcenko, esse aparelho permitia uma maior democratização da música, já que, de maneira diferente do gramofone, facilitava a sua apreciação pública.[50] Embora fosse de preço elevado, as sociedades recreativas poderiam adquirí-las. Outro motivo relevante para o crescimento das sociedades recreativas e dançantes, entre todas as classes sociais, teria sido a expectativa de felicidade emergente durante 1919: o fim do conflito mundial e da epidemia da gripe espanhola, que assolou a cidade em 1918, seriam as principais causas dessa expectativa.

As explicações de Nicolau Sevcenko não são suficientes para a compreensão do processo de formação dos clubes recreativos no bairro do Bom Retiro e, de maneira mais geral, na cidade de São Paulo. Certamente a expectativa de felicidade durante o ano de 1919 pode ser um motivo plausível para explicar a fundação de novos clubes – processo esse que se verifica com considerável intensidade nesse ano. No entanto, as agremiações recreativas já existiam em significativo número em 1918, quando foram obrigadas a interromperem suas atividades em decorrência da epidemia de gripe espanhola, que se alastrava no final daquele ano e até mesmo antes. Quanto ao papel das inovações tecnológicas, é pouco provável o peso dado a vitrola como meio de democratização da música. O primeiro aparelho do tipo produzido no Brasil foi em 1920, utilizando peças importadas e com qualidade de som a desejar.[51] Dessa maneira, a vitrola poderia ser um aparelho de fácil acesso às sociedades recreativas de elite, mas pouco acessível às agremiações formadas por trabalhadores – já que as peças importadas encareceriam o

[50] *Idem*, p. 90
[51] ISOLA, Ivam Negro (Coord.) *Odisséia do Som*. São Paulo: Museu da Imagem e do Som. 1987, p. 87

produto. Além disso, as vitrolas da época não tinham potência de som suficiente para sustentar bailes nos salões. As orquestras eram as principais responsáveis pela animação dos bailes nas agremiações. Alguns clubes possuíam suas próprias corporações musicais. As explicações sobre a proliferação das organizações recreativas no Bom Retiro devem ser buscadas na própria lógica de organização dos moradores do bairro, lógica essa que não deixou de ser acompanhada por conflitos motivados por questões morais e políticas.Os valores da modernidade não afetaram igualmente a todas as classes sociais e muito menos o conjunto dos trabalhadores paulistanos, que possuíam diferentes visões sobre as sociedades recreativas e suas práticas.

A presença das agremiações recreativas no Bom Retiro é lembrada por Dona Alice, em *Memória e Sociedade*.[52] O depoimento dessa antiga moradora do bairro revela algumas características da atuação desse tipo de sociedade juntos aos moradores do lugar:

> meu tio (...) me levava para danças no grêmio recreativo do Bom Retiro, isso com muita simplicidade. Todos eram amigos, as festas eram agradáveis. Dançávamos polca, mazurca, ragtime, habanera, shots e valsa (...)Faziam quatro, cinco buquês de flores no salão e os pares que arrematavam as flores dançavam. Quando tinham um só buquê, quem arrematava dançava sozinho.
> Conheci meu marido numa sociedade musical do Bom Retiro. Eu tinha treze anos, ele vinte e dois; foi meu primeiro namorado.[53]

Além dos rituais mencionados pela depoente, os quais expressam um pouco da dinâmica de sociabilidade adotada por uma agremiação recreativa, notamos os laços de amizade e o casamento como algo possível de ser efetivado no convívio social junto a esse

[52] BOSI. op. cit.
[53] *Idem*, p. 59

tipo de sociedade.[54] Assim, as agremiações recreativas eram muito mais do que simples espaços de lazer: eram locais onde seus freqüentadores poderiam iniciar a constituição de uma família e manter relações de amizade no interior de um grupo, comunidade e classe social.

As atividades das agremiações recreativas do bairro tinham basicamente as mesmas características: apresentações teatrais, geralmente incluindo um drama e uma comédia, e o baile. O título de algumas das peças teatrais apresentadas nas associações revelam um pouco de sua temática: "O Louco da Aldeia", "Noite Infernal", "Sentimento e "Resignação", "O Falsário", "Sombra e Luz", " Os 3 Amantes de Laureta", "Pula, Meu Bem", "O Escravo", entre outras. Essas atividades eram anunciadas como "soirée dramático-dançante", "festival dramático-dançante" ou ainda "soirée dançante"e "partida dançante". A maioria delas era corriqueira, talvez por constarem entre as obrigações estatutárias das agremiações. Em alguns casos, os eventos eram mais especiais, como a comemoração do aniversário da fundação:

> Centro Dramático e Recreativo Renascença
>
> Realiza-se nos dias 13 e 20 do corrente, duas festas, sendo uma em comemoração ao 3° aniversário do centro e para batismo da bandeira. Será levado à cena o drama "Tosca". [55]

Com três anos de existência, o CDR Renascença comemorava o aniversário de sua fundação e, a seguir, inaugurava sua bandeira social, criando assim um símbolo de identidade para a associação. Embora a notícia não mencione, certamente a festa incluía a realização do baile, atividade comum entre os outros eventos realizados por essa sociedade.

---

[54] Isso também era comum para o caso das cidades de Rio Grande e Pelotas, no Rio Grande do Sul. LONER. op. cit. p.96

[55] *O Combate*. 2/03/1920

Em 1919, esta sociedade realizava, mediante pagamento de aluguel, bailes quinzenais nos salões do Grêmio Dramático e Musical Luso Brasileiro.[56]

Entre as ocasiões especiais que motivavam a realização de eventos festivos consta o carnaval sem que, no entanto, houvesse no Bom Retiro alguma associação exclusivamente dedicada aos festejos dessa data. Em 1922 o Centro Recreativo Paulistano, com sede na rua Ribeiro de Lima, percorreria as ruas do bairro:

> Carnaval – O Centro Recreativo Paulistano, com sede à rua Ribeiro de Lima, 21-A, não só festejará internamente o carnaval. Como temos noticiado, os foliões do Paulistano farão sair três carros que percorrerão as ruas deste bairro e as centrais durante o tríduo carnavalesco. [57]

Para a realização de sua festividade, com direito a três carros alegóricos percorrendo as ruas do bairro e do centro da cidade, o Centro Recreativo Paulistano angariava fundos fazendo circular um "Livro de Ouro", provavelmente solicitando contribuições de comerciantes do bairro.[58] Iniciado os festejos, a imprensa noticiava:

> Carnaval
>
> Por toda a parte neste distrito, fervilha imensa vontade de desopilar o fígado com o carnaval. O Lança-perfume, a serpentina, os confetes já se fazem sentir (...)
>
> E que carnaval está aí. O deus momo já começa a soltar a sua alegria. Os bumbos e os pratos dão nota alegre do último Zé Pereira.
>
> Baga Baga Bum /Baga Baga Bum/ Viva o Zé Pereira/Que a ninguém faz mal/Viva a pagodeira/Em dia de carnaval/Viva o Paulistano/E o seu pessoal ! ...
>
> Não será despercebido este ano o carnaval no distrito do Bom Retiro, pois o Clube Recreativo resolveu festeja-lo interna a externamente (...)[59]

---

[56] GDM Luso- Brasileiro. Ata de Sessão de Diretoria 20/06/1919
[57] *O Combate*, 22/01/1922 Bom Retiro
[58] *Idem*, 20 /01/1922
[59] *Idem*

Ressaltando a vontade de "desopilar o fígado", a notícia revela um dos sentidos atribuídos à festividade carnavalesca: o de alívio, provavelmente da rotina de trabalho e de outros problemas cotidianos que caracterizavam o bairro. Entre os clubes do Bom Retiro, o Centro Recreativo Paulistano foi o que mais ganhou destaque nos festejos do carnaval em 1922, pois estendeu suas comemorações para as ruas do bairro, permitindo a participação do conjunto de seus moradores. Ter a sua atividade noticiada dessa maneira pela imprensa, que dava vivas ao seu pessoal, poderia ser uma forma de ganhar respeito perante a opinião pública, rebatendo assim as desconfianças levantadas contra a associação poucos dias antes, como notamos abaixo:

> Baile Escandaloso – Informam-no que na rua Ribeiro de Lima, 21-A, se acha instalada uma sociedade recreativa que, pela quantia de 2$000, admite qualquer pessoa em suas reuniões, em que predominam as damas mais debochadas.[60]

Como ressalta Sidney Chalhoub, os espaços de lazer dos trabalhadores eram vistos como locais de concentração de vadios e de desordeiros. Dessa maneira, eram estigmatizados durante a Primeira República, o que estava intimamente relacionado à política de construção de uma nova ideologia do trabalho.[61] Ao retratar a facilidade de acesso nas "reuniões" da associação, pagando-se a quantia de 2$000, a notícia afirma que a sociedade permitia a participação de não sócios em suas atividades. Isso poderia facilitar a presença de pessoas mal vistas, já que não necessariamente passavam pelo crivo das exigências estatuárias – como ter bom comportamento, item que provavelmente constava nos estatutos da entidade. Outro problema apontado pela notícia é a presença das " damas

[60] "Bom Retiro", *O Combate*, 21/12/1921

[61] CHALHOUB Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.* São Paulo: Editora da Unicamp. 2001. 2ª Ed, p. 257

debochadas". Segundo Sueann Caufield, a integridade moral das mulheres era tida como um elemento fundamental para a preservação da família, vista pelas autoridades públicas como "base da nação e um espaço social que produziria uma força de trabalho delicada, honesta e disciplinada."[62] Assim, vigiar espaços que permitiam a presença de damas debochadas, "de posição duvidosa", era uma maneira de evitar a proliferação de lugares nocivos à família e ao trabalho.

Ao sair às ruas do bairro, a preocupação do Centro Recreativo Paulistano com a sua imagem deveria ser maior, procurando se afirmar como sociedade distinta. Isso poderia ser importante para a realização seu desfile, pois deveria atender algumas exigências estabelecidas pelo Delegado Geral João Baptista de Souza:

> Nenhum préstito fantasiado ou não poderá sair à rua sem prévia licença. As sociedades carnavalescas deverão apresentar, quanto antes, seus carros alegóricos ou críticos e o itinerário a percorrer.[63]

Alem dessas exigências, estavam também proibidos os cordões, os entrudos e o uso de querosene – líquido inflamável que, em mãos de carnavalescos exaltados, poderia representar perigo à ordem e à propriedade. No Rio de Janeiro, o controle dos cordões pelas autoridades era feito como uma das formas de se precaver contra as "classes perigosas"[64] Esse procedimento aparenta ter sido semelhante ao adotado na cidade de São Paulo, o que revelaria a existência de preocupações semelhantes entre autoridades fluminenses e paulistanas. Com essas medidas, o Delegado Geral procurava estabelecer o máximo de

---

[62] CAULFIELD , Sueann. *Em Defesa da Honra. Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940).* Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura. 2000, p. 54

[63] "Carnaval", *O Estado de S. Paulo.* 18/02/1922

[64] CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920.* São Paulo: Companhia das Letras. 2001, p. 198

controle possível sobre as agremiações que viessem a realizar suas atividades em local público. Embora não tenhamos informações se o Centro Recreativo Paulistano recebeu ou não a necessária licença para sair às ruas do Bom Retiro, o correto é que, a publicação antecipada de suas intenções pela imprensa, que dava vivas ao "seu pessoal", poderia servir como estratégia para fazer com que os planos da associação não fossem impedidos de serem executados – o que lhe permitiria comemorar o carnaval de forma publica, abrindo espaço para que os moradores o prestigiassem e participassem da festa de Momo.

Outras agremiações festejaram o carnaval, mas de maneira restrita aos seus salões, como o Grêmio Dramático e Recreativo Ermete Novelli:

> Realizou-se no sábado p.p. uma festa dançante por motivo da entrada do carnaval, sendo distribuídas 2 medalhas de ouro: uma para a fantasia mais rica e bela e outra para o carnavalesco mais espirituoso, cabendo aquela ao sr. Francisco Martins e esta ao sr. Luiz de Abreu e sua companheira, que estavam vestidos de Jeca-Tatu. [65]

Embora o nome da referida agremiação sugira a nacionalidade italiana como fator de associação, notamos que, através dos nomes dos sócios citados, isso não deveria ser uma exigência rígida. Notamos, também, que a notícia procura ressaltar uma certa elegância da sociedade, pois, embora se localizando num bairro de trabalhadores e operários, tinha a intenção de se destacar nas páginas da imprensa – o que poderia significar maior popularidade e distinção para a agremiação.

Em 1919, vários clubes recreativos foram fundados no Bom Retiro. Entre eles, o Clube de Genova, que surgia em dezembro daquele ano, como relata a seguinte notícia:

> Fundou-se neste distrito mais uma sociedade dançante, o Clube de Genova.

[65] "Bom Retiro", *O Combate*, 4/03/1922

> Esta sociedade, que se acha instalada no novo salão do sr. Miguel de Genova, inaugurar-se-á no dia 31 próximo, com uma belíssima soirée dramático-dançante.
> Tomará parte a banda musical XI de Bersaglieri.[66]

O novo salão a que a notícia se refere se localizava na rua José Paulino, nos números 116 e 118. Notamos uma clara relação entre o nome da associação e o do proprietário ou locatário de sua sede, Miguel de Genova – provavelmente de origem italiana, identidade étnica que se completava na associação com a presença da banda musical XI de Bersaglieri. O Clube de Genova se estabelecia não só como organização, mas também enquanto espaço físico. Uma das primeiras atividades dessa agremiação foi a comemoração do carnaval seguinte, no início de 1920:

> Genova Clube – Os sócios fantasiar-se-ão com as cores do clube e terão o concurso de distintas senhoritas da "elite" do distrito.
> Na noite de 14 do corrente, pelas 19 horas, eles sairão em turmas, precedidas de clarins e tambores e "Zé-Pereiras", em "Marche aux flambeaux" pela ruas do bairro.
> Às 22 horas iniciar-se-á o baile, que certamente será deslumbrante – perfumoso, serpentinoso, confetinesco, galhofeiro...
> Ao aparecer o ridente rei da luz da fimbria, purpurina no horizonte, terminará o espalhafatoso baile – Evohé...Evohé... [67]

Ao fantasiar-se com as cores do clube, os sócios criavam uma identidade visual para saírem em turmas pelas ruas do bairro – dando uma maior visibilidade à associação recém fundada. As distintas senhoritas da "elite" do bairro, quem seriam? Talvez pudessem fazer parte da família de algum comerciante do Bom Retiro, potenciais contribuintes para a

[66] Bersaglieri era uma unidade de infantaria ligada ao Exercito italiano que tinha como característica o uso de plumas de galo no chapéu *O Combate*, 27/12/1919
[67] *Idem*, 5/02/1920

realização da festividade através do "Livro de Ouro". Em uma outra ocasião, o Clube dos Crisântemos realizaria uma festa em homenagem a um negociante do bairro, certamente com a finalidade de obter benefícios para a agremiação[68]- o que demonstra a possibilidade de relações de proximidade entre os clubes e os donos de estabelecimentos comercias do lugar. No entanto, também é possível a utilização do termo "elite" como maneira de distinção social e de auto-afirmação.

Além das ocasiões especiais, como comemoração do carnaval, o Clube de Genova realizava atividades mais cotidianas, como bailes e apresentações teatrais. Passado um ano de sua fundação, a associação ampliaria seu leque de atuação, criando uma sessão esportiva, cuja sede também se localizava nos salões da rua José Paulino. Sarais literários, musicais e dançantes, além das apresentações teatrais, estiveram no programa da festa de inauguração da festividade da nova associação esportiva do Bom Retiro.[69]

A fundação do Clube de Genova poderia ser considerada mais uma entre outras que ocorreriam no Bom Retiro. No entanto, esta associação se estabeleceu no bairro não só enquanto organização social, mas também como espaço de sociabilidade. Este espaço foi utilizado por outras associações do bairro além do Genova. Entre elas, o Excelsior Clube, cuja fundação foi anunciada em junho de 1920:

> Este grêmio, que foi fundado por um grupo de rapazes do comércio, realizou domingo passado a sua primeira soirée dançante, no salão do Genova Clube, à rua José Paulino, 118. [70]

[68] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 17/08/1917
[69] "Crônica da Vida Social", *O Combate*, 8/12/1920
[70] "Bom Retiro", *O Combate*, 10/06/1920

O Recenseamento de 1920 revela que bairro do Bom Retiro possuía cerca de 252 casas de negócio, entre as quais as ligadas ao comércio.[71] A presença de trabalhadores no comércio no bairro é ressaltada como um dos argumentos principais para justificar a reivindicação pelo aumento do número bondes nas linhas que serviam o Bom Retiro.[72] Assim, "os rapazes do comércio" mencionados na notícia muito provavelmente eram trabalhadores nas casas comerciais do lugar, que fundaram seu próprio clube e utilizavam os salões do Genova Clube para a realização de suas atividades. Entre os diretores da associação, Miguel de Genova, proprietário ou locatário do salão, ocupava a função de segundo tesoureiro.[73] No mesmo ano de fundação do Excelsior Clube outra sociedade era fundada no bairro, se estabelecendo no salão da rua José Paulino:

> Por um grupo de rapazes foi fundado neste distrito mais uma sociedade recreativa que se denomina Lyrial Club. Tem sua sede no salão Genova, à rua José Paulino, 116-118, onde se realizará no próximo domingo a sua primeira reunião dançante.
> Uma nota aristocrática: o novo clube não permite operários em seu meio...[74]

Ao ressaltar o Lyrial Clube como "mais uma sociedade recreativa" fundada no bairro, a notícia deixa entrever a dimensão que o processo de fundação das agremiações do tipo vinha adquirindo no bairro. A "nota aristocrática" é bastante significativa, pois revela uma intenção dos associados, que poderiam ser trabalhadores no comércio ou em setores da produção, em se diferenciar dos operários das fábricas do bairro e de outros locais.

---

[71] *Estatística Predial e Domiciliária do Brasil*. Recenseamento do Brasil. Realizado em 1 de Setembro de 1920.Vol. IV- 6 ª Parte. 1930, p. 664-665
[72] *O Estado de S. Paulo*. 26/11/1919
[73] "Bom Retiro", *O Combate*. 9/09/1920
[74] "Bom Retiro", *O Combate*, 4/12/1920

Percebemos assim alguns dos conflitos decorrentes das divisões presentes entre as classes trabalhadoras.

Foi durante o ano de 1921 que o salão da rua José Paulino foi mais freqüentado pelas associações do bairro, como o Grêmio Dramático Recreativo Flor do Sertão, Grupo Pique-Nique Universal[75] e outras que anunciavam o lugar como sua própria sede:

> Centro Dramático Recreativo Renascença
>
> Este Centro realizará hoje à note em sua sede social, à rua José Paulino, 118, Salão Genova, uma festa dramático-dançante em homenagem ao seu presidente, sr, Francisco Martinez. Às 21 horas será posto em cena o drama em um ato intitulado "Sentimento e Resignação". Em seguida a comédia em um ato "Mania pelos modos." [76]

Em 1919, esta associação realizava suas atividades no salão do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Entretanto, no mesmo ano, alguns associados deste grêmio solicitavam à sua diretoria para que fosse suspenso o uso do espaço pelo CDR Renascença, até então feito mediante pagamento de aluguel, levantando suspeita sobre a fama dessa associação.[77] Após alguns meses, esta sociedade abria mão de utilizar o salão do GDM Luso-Brasileiro – no mesmo mês em que o salão Genova era inaugurado.[78] Na notícia acima, publicada em 1921, o Centro Dramático e Recreativo Renascença homenageava seu presidente realizando uma festa dramático-dançante. O motivo da atividade se diferencia dos outros já citados – comemoração do aniversário da agremiação, carnaval e outras festividades cotidianas. No entanto, o conteúdo do programa não se difere do padrão característico da atuação das outras associações recreativas, com a realização de

[75] *O Combate*, 21/05/1921, 03/02/1921 e 22/02/1921
[76] "Crônica da Vida Social", *O Combate*, 14/05/1921
[77] GDR Luso-Brasileiro Ata de Sessão de diretoria 20/07/1919
[78] *O Combate*, 8/12/1919

apresentação teatral e baile. O que chama a atenção são os títulos das peças anunciadas, que sugerem uma temática ligada a valores morais e ou de costumes, como "Sentimento e Resignação" e "Mania pelos modos".

O surgimento constante das agremiações recreativas certamente representava a adoção de novos hábitos por parte dos trabalhadores no uso de seu tempo livre. O final da década de 10 foi uma época bastante representativa desse processo, e o bairro do Bom Retiro foi um dos seus principais cenários. No jornal *O Combate*, havia uma coluna dedicada exclusivamente às agremiações ao bairro. No entanto, o surgimento de novas sociedades recreativas não deixou de ser acompanhado por conflitos entre os moradores do lugar. Em várias ocasiões a imprensa noticiava queixas contra as "danças indecentes" ou contra os "bailes escandalosos". Bastante representativa desses conflitos é a notícia que se segue, publicada em *O Combate*:

> Danças Indecentes –Apesar da ação da polícia de costumes em muitas sociedades recreativas, continua-se a dançar o tango, o maxixe, etc., de maneira a mais despudorada. O pior é que, lá pelas tantas da noite, o álcool que se distribui em farta porção se faz sentir e uns e outros cabeceiam, debochados, e malvados sujeitos se aproveitam das raparigas que foram suas damas.
> Na impossibilidade de fazer uma seleção , seria de caráter imediato uma fiscalização secreta de todos os clubes indistintamente e o fechamento de todos aqueles em que se verificasse qualquer atentado à moral.
> Não é possível que continuemos assim. Os Grêmios multiplicam-se todas as semanas , o que quer dizer que se dilata cada vez mais a extensão do mal. É tempo de pormos um dique à esta avalanche de dissolução que desgraça tantos lares.[79]

[79] *Idem*, 10/07/1920

Atribuindo diversos males às danças praticadas nos grêmios, a notícia converge para um ponto principal: os valores ligados à mulher e à família. Os clube recreativos são mencionados como potenciais espaços de desvirtuamento desses valores que, segundo Boris Fausto, estariam intimamente relacionados ao modo de vida das classes trabalhadoras.[80] Sueann Caufield afirma que freqüentar bailes sozinhas era um indício de "liberdade excessiva" no comportamento feminino "o que colocava em questão a moralidade da família e a própria virgindade".[81] O consumo excessivo do álcool é também apontado como outro dos males atribuídos à dança, o que demonstra a preocupação do autor da notícia com possíveis distúrbios e brigas decorrentes das bebedeiras. Mencionando a proliferação acentuada das associações recreativas, a notícia revela também as deficiências para o seu controle absoluto: reconhece a ação da polícia de costumes ao mesmo tempo que demonstra apreensão em relação a sua eficácia.

Além do problema moral, outro fator parecia bastante relevante para as diatribes contra as sociedades dançantes: os malefícios para o organismo, provocados pela combinação entre o álcool e dança noturna. É o que notamos na notícia abaixo, publicada dois dias depois no mesmo jornal:

> As sociedades - A propósito das danças escandalosas, recebemos a seguinte carta: As famílias desse bairro, como a de todos os outros, com certeza, aplaudem o gesto dessa folha abrindo campanha contra as danças imorais(...)As sociedades recreativas não tem outra razão de ser além do malefício que acarretam. Nenhum mal fazem. O prazer da dança, corrompido pelos mais extravagantes modernismos, não compensa as noites perdidas e os maus hábitos que se contraem. Nelas, as raparigas de ordinário perdem o

[80] FAUSTO, *Crime e Cotidiano. A criminalidade de São Paulo (1880-1924).* São Paulo: Brasilense. 1984, p. 220

[81] CAUFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra. Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940).* Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura. 2000, p.234

> pudor, quando não passam a pertencer ao número das que desgraçadamente caminham para o prostíbulo. Tudo por que? Pelo prazer de dançar Mas há tantos outros prazeres que divertem o espírito sem contaminá-lo. Ao invés da dança, por que, por exemplo, não se entretêm as moças com jogos que lhes são próprios, como nos países civilizados e moralizados como a Inglaterra? O esporte diverte muitíssimo, tendo a seu favor o exercício físico realizado de dia, depois um sono reparador. Ao passo que o exercício noturno da dança só prejuízos causa ao organismo, que se vê obrigado a uma função anormal depressiva. (...) [82]

Percebemos aqui a persistência em alertar os leitores para o suposto perigo que corriam as mulheres ao freqüentarem os clubes recreativos: inevitavelmente se encaminhariam para os prostíbulos. Mas novos elementos são acrescentados na argumentação: as noites perdidas e os males ao organismo. Isso deixa entrever a preocupação central da notícia: a disciplina da força de trabalho. Um dos principais projetos políticos da Primeira República era fazer com que o trabalho livre e regular fosse internalizado como algo positivo entre os populares. Dessa maneira, a nação se livraria da herança dos tempos da escravidão, quando o produtor direto era socialmente desqualificado.[83] Para a efetivação desse projeto era preciso a vigilância não semente dos locais de trabalho, mas de todas as outras situações cotidianas do trabalhador.[84] Assim, os espaços de lazer das classes trabalhadoras também eram alvos dessa vigilância. As sociedades recreativas eram vistas como mau uso do tempo livre, o que poderia interferir negativamente para o fortalecimento da nova ideologia do trabalho que se tentava impor durante as primeiras décadas do século XX. Atividades noturnas regadas a álcool não só feriam os bons costumes, mas também poderiam prejudicar o desempenho na atividade

---

[82] *O Combate*, 12/07/1920
[83] CHALHOUB, *op. cit* p. 48
[84] *Idem*, p. 51

produtiva, ao passo que o esporte, segundo a notícia, seria uma forma de lazer divertida e saudável, próprio de países civilizados. Em decorrência disso os poderes públicos passariam a incentivar a educação física.[85]

As diatribes contra as sociedades recreativas e suas "danças indecentes" também se revertiam em ações diretas dos poderes públicos. Em julho de 1921 a prefeitura municipal da cidade de São Paulo baixava a seguinte proibição:

> Os Bailes Públicos
>
> O sr. Prefeito municipal proibiu a realização de bales públicos na casa n ° 118 da rua José Paulino, onde é estabelecido Miguel de Genova.[86]

Justamente o salão da rua José Paulino que, como já mencionamos, servia como sede para várias sociedades recreativas, foi alvo da ação da prefeitura. Além dos vários argumentos apresentados contra as a prática da dança – consumo do álcool, corrupção das mulheres, danos ao organismo, etc – outros motivos devem ter influído para que os bailes da rua José Paulino fossem proibidos. Entre eles, a legalidade das agremiações que promoviam atividades dançantes. Passada uma semana da proibição, o Lyrial Clube, que também possuía sua sede no local, convocava uma assembléia com o seguinte objetivo:

> Lyrial Club- Hoje, assembléia geral na sede social, à rua José Paulino, 118, com a seguinte ordem do dia: aprovação dos estatutos sociais e assuntos diversos.[87]

---

[85] SEVCENKO *op. cit.*. p.47
[86] *O Estado de S. Paulo*, 13/07/1921
[87] "Movimento Associativo", *O Estado de S. Paulo*, 20/07/1921

O Lyrial Clube realizaria uma assembléia para aprovação dos estatutos decorridos mais de seis meses de sua fundação, em finais do ano de 1920. Talvez essa e outras associações da rua José Paulino não possuíssem seus estatutos legalizados junto às autoridades competentes.[88] Isso certamente dificultava o controle, por parte das autoridades, dos indivíduos que freqüentavam o lugar, já que não haveria relação de nomes dos componentes da diretoria e tampouco uma listagem de associados à disposição das autoridades. A maneira como a notícia acima classificava os bailes realizados no local é um dos indícios disso: "bailes públicos", o que ampliava o grupo de indivíduos que freqüentavam o lugar para além dos quadros sociais das agremiações existentes nos salões da rua José Paulino. Assim, tentado solucionar o problema, o Lyrial Clube realizava uma assembléia para aprovar seus estatutos sociais. Passado um mês da realização desta reunião, essa agremiação promovia, "das 19 às 24 horas, um vesperal dançante na sede social (...) à rua José Paulino, 118."[89] – demonstrando que, de alguma maneira, o problema relativo à proibição da realização de bailes no local foi superado pela sociedade.

A proibição, por parte da prefeitura da cidade de São Paulo, da realização dos bailes na rua José Paulino aparenta ter surtido bastante efeito sobre as organizações que possuíam suas sedes no lugar. Agremiações como Pic-Nic Universal, G.D.R. Flor do Sertão e G.D.R. Pérola do Norte tem suas atividades anunciadas na imprensa somente até o mês de Junho de 1921 – um mês antes da proibição dos bailes em suas sedes. A exceção foi o Centro

[88] Não possuímos nenhum registro de estatutos das sociedades atuantes no Bom Retiro entre 1915 e 1924. Mas relativo a período anterior (1908-1914), existem alguns registros no fundo "Polícia", do Arquivo do Estado de São Paulo. A partir desses registros, podermos perceber alguns dos procedimentos exigidos para que o funcionamento das associações fosse autorizado, como: o requerimento da agremiação interessada – contendo seus estatutos sociais – e principalmente o aval da autoridade mais próxima do local onde a sociedade requisitante se instalava, os Delgados de Polícia responsáveis pelos bairros.

[89] "Movimento Associativo", *O Estado de S.Paulo*, 20/08/1921

UNICAMP

Dramático e Recreativo Renascença, que no ano de 1922 ainda realizava suas atividades no local[90], e o próprio Lyrial Clube.[91]

No início de 1922, o salão da rua José Paulino serviria como local de realização de uma atividade que fugia dos padrões das outras até então promovidas no lugar. Anunciado como "festival dramático-dançante", o evento deveria possuir um formato bastante semelhante ao das outras festividades: apresentação de peças teatrais e baile. O que chama a atenção era seu objetivo:

> Em desafronta da honra – Em benefício de Paulino Porreta, que se acha preso por ter assassinado o sedutor de sua irmã, Média Porreta, realizou sábado (...) um festival dramático-dançante no Salão Genova , à rua José Paulino, 118.
> Todos os números do programa foram muito aplaudidos pelos inúmeros espectadores.[92]

Essa atividade ocorreu seis meses depois da proibição dos bailes públicos no local. Segundo Sueann Caufield, a virgindade feminina era bastante valorizada pelas classes trabalhadoras e, em algumas circunstâncias, "os sedutores deveriam ser considerados responsáveis pela honra das mulheres que eles deflorassem".[93] Talvez a vítima em questão tenha consentido realizar ato sexual mediante uma promessa de casamento, promessa essa que teria sido quebrada pelo sedutor[94], que então se isentava da responsabilidade assumida com Média Porreta – motivo certo para que Paulino Porreta defendesse a honra da irmã. Caufield afirma que "a perda da virgindade era um momento crítico na vida de uma mulher solteira, provocando fofocas na vizinhança."[95] Dessa maneira, muitos chefes de família

---

[90] "Bom Retiro", *O Combate*, 22/03/1922
[91] "A Sociedade", *O Combate*, 24/03/1922
[92] "Bom Retiro", *O Combate*, 10/01/1922
[93] CAUFIELD, *op. cit.* p. 207
[94] *Idem.* p. 78
[95] *Idem.* p. 226

resolviam defender a honra familiar pessoalmente[96] - sem recorrer às autoridades policiais. Isso não deveria ser diferente em um bairro paulistano. Segundo Boris Fausto, os crimes relacionados à honra familiar eram recorrentes entre o final do século XIX e início do XX: 70 entre 221 processos-crime relativos ao período entre 1880 e 1924 diziam respeito a casos em que a família era o eixo central.[97] O caso de Paulino Porreta, defensor da honra de sua irmã, revela o grau de importância da preservação da família não somente para o assassino do "sedutor", mas para a comunidade a que pertencia: o assassinato, embora pudesse ser enquadrado como crime, perdia seu peso negativo já que fora cometido em defesa da honra de um membro da família. Assim, a realização de um festival dançante em benefício de Paulino Porreta era uma maneira de se solidarizar com o defensor de uma família e de legitimar sua ação perante uma comunidade, a qual pode estar ligada à nacionalidade de Paulino Porreta, nome de origem italiana. Não há menção de nenhuma agremiação como responsável pela organização do evento – embora o lugar servisse como sede para mais de uma sociedade recreativa. No entanto, pode-se afirmar que há ao menos uma relação geográfica entre a festividade em benefício a Paulino Porreta e as sociedades que freqüentavam o lugar – relação essa que, em alguma medida, estabelece uma identidade entre a atividade realizada e as agremiações do salão da rua José Paulino. Dessa forma, percebemos que, embora Porreta fosse um transgressor sob o ponto de vista da justiça oficial, administrada pelo Estado, seu crime certamente não foi tido como um delito grave pela população do bairro – o que revela uma divergência entre a legalidade oficial e a moralidade presente entre as classes trabalhadoras.[98]

---

[96] *Idem*, p. 240

[97] FAUSTO. *Crime e Cotidiano*, p. 103

[98] IGNATIEFF, Michael. "Instituições Totais e Classes Trabalhadores: Um Balanço Crítico." In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo.. Março/Agosto. 1987 Vol. 7. N ° 14, p. 185-193

Ainda em 1922, decorridos quase dois meses da atividade beneficente em prol de Paulino Porreta, era noticiada a presença de uma nova instituição no salão da rua José Paulino, mas com um caráter bastante diferente:

> Instituto Normal
>
> Acha-se instalado esse estabelecimento de ensino em um vasto prédio da rua José Paulino, 118, nesta capital.
>
> Luxuosamente mobiliado, com amplas salas para os diversos cursos, possui ainda um salão para conferências, onde sobressaem um palco e diversos camarotes para os assentos.
>
> O Curso Normal, que é reconhecido pelo governo federal, conforme o decreto n ° 3239, garante a seus alunos todos os preparatórios para qualquer curso superior e confere diploma de guarda-livros e contador. (...) [99]

As diversas associações recreativas que possuíam sua sede no número 118 da rua José Paulino cediam lugar para uma instituição de ensino profissionalizante e preparatória para curso superior. Além do diploma de contador e de guarda livros, o Instituto Normal oferecia também cursos de datilografia e taquigrafia. Ao invés das "danças indecentes" e "despudoradas", instrução para as classes trabalhadoras. O diretor desse Instituto era o Dr. Luiz de Carvalho Kintz, que também era presidente do Pallas Clube, uma associação recreativa que, segundo o jornal *O Combate*, havia sido fundada por "elementos distintos" do Bom Retiro – talvez comerciantes ou negociantes do bairro.[100] Na relação de nomes dos diretores do Pallas Clube, constava Constantino de Genova, cujo nome sugere algum grau de parentesco com Miguel de Genova, antes proprietário dos salões da rua José Paulino. É provável que o Instituto Normal tivesse sido criado não somente para oferecer cursos

[99] *O Combate*, 3/03/1922
[100] "Bom Retiro", *O Combate*, 4/03/1922

profissionalizantes, mas também para dar um ar mais civilizado às atividades que eram realizadas no local, já que o instituto também realizava festividades, como a realizada em novembro de 1922, uma festa que, segundo *O Combate*, "contou com uma sessão solene e grande baile, que terminou tarde da noite."[101] Se caracterizada também enquanto entidade educativa, a sociedade do local poderia perder parte do caráter negativo atribuído pela imprensa às atividades das sociedades recreativas.

Nos anos de 1923 e 1924, quase não há referências sobre as sociedades recreativas em funcionamento na rua José Paulino e em outras ruas do bairro – o que indica a possibilidade de muitas delas terem sido extintas. O levante tenentista de 1924 sitiou a cidade de São Paulo por alguns dias. No Bom Retiro, houve a interrupção do funcionamento do serviço de transporte e problemas relacionados ao abastecimento.[102] Os bombardeios decorrentes do confronto entre os insurretos e tropas governistas também fizeram vitimas no bairro, gerando um saldo de feridos e mortos.[103] No início de 1925, a polícia informava ter apreendido dois fuzis no quintal de uma casa na rua dos Italianos, "dias depois de ter terminado o movimento sedicioso desta capital e enviado a este quartel General pelo senhor dr. 1° Delegado Auxiliar(...)"[104]- o que demonstra uma certa característica do Bom Retiro como campo de batalhas no desenrolar dos conflitos. O movimento dos tenentes aumentou o clima de instabilidade política durante o governo de Arthur Bernardes, clima esse que havia se instaurado desde 1922, ano que Bernardes assumiu a presidência do país. Em 1924 foi novamente decretado Estado de Sítio, o que

[101] "Bom Retiro", *O Combate*, 4/11/1922
[102] *O Estado de S. Paulo*, 15/07/1924
[103] *Idem*
[104] "Armamento", Força Pública do Estado de São Paulo, Boletim N°8. 12/01/1925

implicava não só em dificuldades para as organizações sindicais, como também para o funcionamento dos espaços de lazer, como revela a notícia abaixo:

> Casas que devem fechar às 18 horas
>
> O Chefe da polícia militar, tenente-coronel Cabral Velho, a fim de assegurar a ordem e a tranqüilidade públicas, determinou que as casas de bebidas, cafés, bares, e bilhares cerrem suas portas às 18 horas, responsabilizando os proprietários pela transgressão da ordem.[105]

Somadas ao clima de tensão que, mediante o conflito militar, pode ter surgido entre os moradores do Bom Retiro e outros bairros da cidade, as medidas impostas pelo tenente-coronel também teriam afetado a organização dos clubes recreativos, fazendo com que as autoridades públicas exercessem um controle mais rígido sobre as sociedades do bairro – podendo isso ser um dos fatores que expliquem o quase ausente número de referências sobre as sociedades do bairro já a partir de 1922.

3- Um "bailarino consumado"

Entre as diversas agremiações recreativas no Bom Retiro havia uma denominada Centro Dramático Recreativo Raphael Zeminghim. O nome desta sociedade, fundada em 1917, se refere a um personagem, morador do Bom Retiro, bastante presente no cotidiano das demais associações dançantes do bairro: Raphael Zeminghim. A primeira diretoria da agremiação tinha a seguinte composição:

> presidente, Romeu Prizzo; 1° Secretário, Domingos Zompanioni; 2° , Ângelo Rovanini; 1° Fiscal, Augusto Lusaco; 2° , Francisco Lacuzzo; Conselho Fiscal, José J. Cusinino,; presidente honorário, Dr. Luiz Sérgio Thomaz; sócio benemérito, Raphael Zeminghim;

[105] Idem, 25/07/1924

> Diretoria Feminina: presidente, Amélia Manara; Secretária, Maria Credelli; 1ª Mestra de Sala, Maria Rosa; 2ª, Emma Rosali e fiscal, Angelina Girardi. [106]

Notamos, primeiramente, que a nacionalidade italiana predominava entre os componentes da referida diretoria – bastante comum para um bairro onde, nesta época, os italianos predominavam entre sua população imigrante. Verificamos também a presença de uma sessão feminina, com diretoria própria. Em 1919, essa sessão adquiria maior autonomia, passando a se denominar GDR Feminino Raphael Zeminghim.[107] E entre os componentes, um sócio honorário, Dr. Luz Sérgio Thomaz, e outro benemérito, Raphael Zeminghim, que além de homenageado na escolha do nome da associação, ocuparia essa posição de destaque junto à diretoria da entidade. O prestígio de Zeminghim no bairro do Bom Retiro explica, em grande medida, sua proeminência junto a esta e outras associações. Em julho de 1917 o jornal *A Gazeta* publicava a seguinte notícia:

> Ao que parece, Rafael Zeminghim não tem direito apenas à celebridade pelos inúmeros desastres de que foi vítima até hoje em conseqüência dos quais não só fraturou os braços umas doze vezes. Ele também conquistou, em muitos clubes recreativos dos bairros e nos concursos de danças em que toma parte uma fama de bailarino consumado (...) Nem é só bailarino, é criador de danças: pois ao menos no Bom Retiro não há quem desconheça o "two-steps" do Zeminghim. (...)[108]

A notícia revela claramente a circulação de Raphael Zeminghim entre os clubes recreativos do Bom Retiro. Se esse clubes r se faziam cada vez mais presentes no cotidiano do bairro é porque certamente suas atividades, entre elas as dançantes, adquiram papel

[106] "Resenha dos Arrabaldes, *A Gazeta*" 3/08/1917
[107] *O Combate*, 20/11/1919
[108] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 6/07/1917

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

importante nos hábitos de lazer e, principalmente, de sociabilidade dos moradores. Saber dançar deveria ser uma habilidade exigida para participar de maneira mais efetiva do convívio social proporcionado pelas sociedades recreativas. E ser um hábil dançarino, como Raphael Zeminghim, poderia significar uma posição de destaque entre as agremiações. Homenagear tão hábil dançarino e tê-lo como sócio honorário deveria ser uma forma de as agremiações dedicadas à dança buscarem um certo prestígio entre os moradores do Bom Retiro, o que poderia significar um aumento do número de associados . Além do C.D.R. Raphael Zeminghim, Grêmio Dramático e Musical Flor Brasileira elegeria Zeminghim como sócio honorário em 1920.[109]

Outro fator relevante para explicar a presença de Raphael Zeminghim entre as várias agremiações do bairro: em maio de 1917, era correspondente do Bom Retiro para o jornal *A Gazeta* e em 1919 seria o responsável pela publicação de notícias referentes às sociedades recreativas do bairro em *O Combate*, como revela a seguinte nota:

> Sociedades Dançantes - Comunicamos às sociedades dançantes deste distrito (Bom Retiro) que só serão publicados, nessa sessão, as notícias que nos forem enviadas diretamente pela secretaria das associações, em carta ou ofício, carimbadas e assinadas, devendo ser dirigidas ao sr. Rafhael Zeminghim, à rua Aimorés, 49. [110]

O local indicado, na rua Aimorés, 49, era a residência de Zeminghim. Se seu prestígio como bom dançarino poderia ser suficiente para que sua presença fosse desejada junto à algumas agremiações recreativas e dançantes, o fato de ser o responsável direto pela publicação de notícias referentes às sociedades do bairro dava a Zeminghim uma

[109] "Bom Retiro", *O Combate*, 22/09/1920
[110] *Idem*, 7/11/1919

importância ainda maior. Para o caso de algumas sociedades carnavalescas formadas por trabalhadores e pobres da cidade do Rio de Janeiro, Maria Clementina Cunha afirma que algumas das agremiações buscavam obter favores da imprensa como maneira de obter distinção.[111] Muito provavelmente isso também ocorria no caso das sociedades do Bom Retiro. Manter uma relação de proximidade com Zeminghim poderia significar espaço garantido nas colunas de *O Combate*, o que deveria conferir não somente uma visibilidade maior às associações, mas também legitimidade perante as autoridades responsáveis pelo controle das agremiações: caso não tivessem seus estatutos devidamente registrados – como o próprio C.D.R. Raphael Zeminghim, que após dois anos de sua fundação ainda não tinha seus estatutos aprovados[112] - seu reconhecimento pela imprensa poderia ser um artifício para garantir seu funcionamento.

Embora sua habilidade como dançarino fosse reconhecida pela imprensa, o que o tornava um notável para as agremiações recreativas do bairro, Zeminghim não escapava das dificuldades cotidianas de um bairro habitado por trabalhadores. Em finais de 1918, quando a epidemia da Gripe Espanhola atingia gravemente a cidade de São Paulo, *A Gazeta* noticiava que a doença havia atingido "sr. Paschoale Zeminghim e todos os membros de sua família."[113] Na mesma ocasião era anunciada a morte de Alfredo Zeminghim, na rua Aimorés , 49. Nessa altura, a epidemia já fazia cerca de 1.700 mortos na capital paulista. Pouco depois da morte de Alfredo Zeminghim, *A Gazeta* publicava a seguinte nota:

---

[111] CUNHA. *op. cit.* p. 162
[112] *O Combate*, 2/12/1919
[113] " Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 20/11/1918

> Zeminghim cava a vida . Rafael Zeminghim Pede-nos noticiar que em sua residência, à rua Aimorés, 49, está à venda uma boa máquina de costura, em magnífico estado, sendo o preço dos mais convidativos.[114]

Provavelmente o falecido era um alfaiate ou costureiro, que trabalhava para contribuir com a renda familiar, e que fosse o único da família com habilidade para lidar com a máquina de costurar. Assim, vendê-la seria uma maneira de garantir, ao menos temporariamente, a renda antes dela gerada.

A popularidade que Raphael Zeminghim vinha obtendo como dançarino contribuiria para que *A Gazeta*, jornal para o qual servia como correspondente, noticiasse suas dificuldades, que publicadas deveriam soar como um apelo aos leitores. Assim, suas possibilidades de contornar os problemas que surgissem no cotidiano do Bom Retiro eram ampliadas, deixando-o em uma situação mais favorável do que a dos outros moradores do bairro. Se as agremiações recreativas do Bom Retiro enxergavam o relacionamento com Raphael Zeminghim como um artifício para obterem alguma forma de distinção, através da publicação de notícias sobre suas atividades na imprensa, o prestígio de Zeminghim junto às agremiações deverá ter contribuído para que ele obtivesse algum tipo de vantagem para si mesmo. As sociedades recreativas eram espaços de lazer e de sociabilidade cada vez mais presentes nos hábitos dos moradores do Bom Retiro. Estando presente em atividades de várias dessas associações, participado delas como sócio honorário ou simplesmente como convidado para algum evento promovido por elas, Zeminghim também ampliava o círculo de suas relações sociais cotidianas, o que deveria lhe servir como um trunfo em circunstâncias de dificuldades.

---

[114] " Resenha dos Arrabaldes" , *A Gazeta*, 5/12/1918

4- As Corporações Musicais Bersaglieri

Em artigo sobre a Lyra da Lapa, uma corporação musical pertencente ao bairro homônimo, Francisco Foot Hardman afirma que as bandas constituíam um aspecto geral inerente à formação das classes trabalhadoras. Poderiam unir trabalhadores por fábricas, bairros, por categoria profissional e também por nacionalidade.[115] No Bom Retiro, encontramos referências sobre algumas corporações musicais, sendo duas delas merecedoras destaque especial: a VIII Bersaglieri e a XI de Bersaglieri. A atuação dessas agremiações no bairro oferece alguns subsídios para prensarmos nas relações étnicas que se desenvolviam no lugar, particularmente aquelas existentes no interior da nacionalidade italiana. Em julho de 1920, *O Combate* publicava a seguinte notícia na coluna dedicada ao Bom Retiro:

> Estão em franca hostilidades as duas corporações musicais deste bairro – a 8ª e a 11ª Bersaglieri.
>
> Esta última reclama contra adoção, feita pela primeira, de fardamento igual e nome semelhante, quando o seu antigo nome era Ítalo-Brasileira. A primeira responde à última que não precisa disto para mostrar o seu valor. Uma e outra trocam epilhetos terríveis, descompõem-se, maltratam-se. A profissão e vida dos músicos saem em cena e não raro há desaforo grosso. Enfim, uma coisa que pode resultar em pancadaria grossa. Não se sabe do lado de qual deles está a razão. As duas têm, nenhuma a tem. Questão de nacionalidade? Mas ambas são italianas no título...Questão de mestria. Submetam a uma prova, constituam um júri. E depois do julgamento estendam as mãos uns aos outros. Essa rivalidade é simplesmente ridícula.[116]

---

[115] HARDMAN, Francisco Foot. " Lyra da Lapa: acorde imperfeito menor." In PRADO, op. cit. p. 152-153
[116] "Bom Retiro", *O Combate*, 28/07/1920

Percebemos aqui o grau de importância atribuída à denominação da agremiação. Pertencer a uma associação significava estabelecer uma identidade para si, a qual também era construída em torno do nome adotado pelas corporações. Ao ver outra sociedade utilizar fardamento igual e nome semelhante ao seu, os membros da XI de Bersaglieri teriam se sentido ofendidos: seria como se outros indivíduos, associados em outra corporação que não a sua, tivessem se apropriando de sua identidade, a qual perderia sua força se não fosse a única. Demonstrando sua preocupação em relação ao atrito entre as duas corporações musicais – atritos que, segundo a notícia, poderiam sair desaforo e "resultar em pancadaria grossa" – o jornal procura acalmar os ânimos, propondo a realização de uma prova e a formação de um júri para resolver a questão. A nacionalidade dos componentes das agremiações é descartada como fator de origem do conflito, já que ambas são tratadas como italianas. Os motivos da rivalidade, que para o autor da notícia era ridícula, assim como os detalhes da proposta pacificadora do jornal são expostos de maneira mais clara em outra nota sobre os assunto, publicada no dia seguinte:

> Numa resposta à Corporação Musical XIII a XI Bersaglieri diz, entre outras coisas, que foi fundada na época da guerra ítalo-turca, durante a qual o XI Bersaglieri gloriosamente se distinguiu; que em homenagem a este feito, tomou o seu nome; que então a sua rival, que hoje é XIII, era Ítalo-Brasileira; que os músicos dessa banda, querendo provocar um confusão proveitosa, adotaram uniforme igual e nome semelhante; que, em suma, se submeterá a uma prova nas seguintes condições: a que perder terá que dar 1:000$000 a uma casa de caridades; a que ganhar, ficará com o direito do uso do uniforme dos Bersaglieri; que a prova constituirá na execução de uma ópera, etc.
>
> Nada mais fácil, pois, do que liquidar a questão. A XIII Bersaglieri não poderá recusar um convite tão lealmente feito. A recusa importaria num rival evidente de franqueza, o que de certo não acontecerá. Resolva-se, portanto, o caso do melhor

> modo. A prova musical é a única saída honrosa. Se a XIII recusara, fica o público com o direito legítimo de supô-la sem forças para medir com o adversário. (...) Enquanto, porém, não se resolve a superioridade pela prova, será interessante saber a opinião deste bairro. Abrimos para isso um concurso, cujo prazo irá até 15 de Agosto. (...)[117]

A guerra ítalo-turca a que a notícia se refere diz respeito a uma ação militar da Itália contra a Líbia em 1911, cujo território estava sob o domínio do Império Turco.[118] A adoção do nome Bersaglieri era uma forma de homenagear a unidade militar homônima, que lutou no conflito. *O Combate* incentivava a disputa, tentando convencer ambas as agremiações a aceitarem o desafio. Não aceitar participar desse evento beneficente poderia ser interpretado negativamente pelos moradores do Bom Retiro, convidados pelo jornal para opinar a respeito.

Embora *O Combate* afirme que a rivalidade entre a as corporações musicais VIII e XI de Bersaglieri não dizia respeito a questões nacionais, já que, ao menos no título, eram italianas, o caráter étnico do conflito entre as agremiações não deve ser descartado. É possível que a hostilidade entre elas fosse referente a rivalidades entre indivíduos de origens étnicas distintas, já que os imigrantes italianos vinham de diversas regiões – Vêneto, Sicília, Calábria, etc. Considerando que a Itália era um país recém unificado (1870), as possibilidades de conflitos entre esses diferentes grupos de italianos certamente existiam .

A etnia como centro do conflito entre a VIII e a XI de Bersaglieri torna-se mais provável ao verificarmos algumas das atividades cotidianas dessas agremiações. Quando

---

[117] "Bom Retiro", *O Combate*, 29/07/1920

[118] HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Tradução: Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988, p. 443

ainda era denominada Banda Musical Ítalo-Brasileira, a VIII de Bersaglieri realizaria uma festa em seu benefício em um teatro do bairro, o Teatro Marconi. Nessa festa seria apresentado o drama "Maravilha Napolitana", que foi encenado por uma sociedade denominada Clube Siciliano[119]. Abre-se, portanto, uma possibilidade: a Banda Musical Ítalo-Brasileira poderia estar relacionada à região da Sicília, ilha ao sul da Península Itálica. Essa banda possuía grau de identificação com a Itália: na ocasião da visita do príncipe italiano Aimone, em setembro de 1920, quando já era denominada VIII de Bersaglieri, faria uma apresentação na Estação da Luz em sua homenagem.[120] Quanto à XI de Bersaglieri, encontramos uma notícia se referindo à sua participação na inauguração do Clube de Genova.[121] Embora o nome dessa sociedade se referisse a uma pessoa, Miguel de Genova, não deixa de ser possível que também dissesse respeito à cidade Gênova, localizada na região da Ligúria, ao norte do país[122] – provável origem de Miguel. Dessa maneira, as hostilidades entre a VIII e a XI de Bersaglieri poderiam ser traduzidas no conflito entre sicilianos e genoveses – possível origem da primeira e da segunda agremiação, respectivamente. Outra hipótese é que as unidades militares, que deram nomes às bandas musicais, fossem oriundas de diferentes regiões da Itália, o que abre uma série de outras possibilidades de conflitos entre grupos étnicos distintos. A hostilidade entre a VIII e a XI de Bersaglieri, se realmente traduzida em termos de conflitos entre grupos étnicos presentes na Península Itálica, demonstra o quão complexo são as análises referentes à imigração italiana no Brasil e seu papel na formação das classes trabalhadoras.

---

[119] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 7/08/1917
[120] *O Combate*, 22/09/1920
[121] *Idem*, 27/12/1919
[122] ALVIM, Zuleica. *Brava Gente. Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense. 1986, p.8

5 - Clubes esportivos

Entre 1915 e 1924, encontramos 13 clubes esportivos em atividades no Bom Retiro, sendo o futebol a atividade principal das agremiações. A história desse esporte na cidade de São Paulo passa necessariamente pelo bairro. Segundo Fátima Antunes, uma das primeiras expressões desse jogo se deu no final do século XIX, na Chácara Dulley, lugar que servia de retiro para famílias abastadas da cidade, localizado no bairro do Bom Retiro.[123] Nesse lugar, surgiria o Clube Atlético São Paulo em 1895, fundado por ingleses[124] e o primeiro clube de futebol da capital paulista.[125] Inicialmente praticado por ingleses, o jogo de bola passou a atrair a curiosidade de outras camadas da população, que, a partir de 1902, passava a praticar o esporte nos primeiros campos de várzea.

Em 1910, nascia no Bom Retiro um dos primeiros clubes formados por trabalhadores na cidade: O Sport Clube Corinthians Paulista, cujo campo se instalava na rua José Paulino.[126] O caráter popular desse clube é lembrado pelo Seu Amadeu, em depoimento registrado em *Memória e Sociedade*:

> Naquele tempo o Paulistano era o Clube da elite. Mas as torcidas maiores eram as do Corinhthians e do Palestra. No Corinthians estava a massa: os pretos e os espanhóis.[127]

Notamos claramente que Seu Amadeu pensava o futebol levando em conta as classes sociais e os grupos étnicos que o praticavam. Mas o esporte pensado dessa maneira não está somente na memória deste sujeito. Entre os significados atribuídos ao jogo,

---

[123] ANTUNES *op. cit.* p.17
[124] HOBSBAWM, Eric. J. *A Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991).* Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 1995, p.197
[125] MAIA, *op. cit.*7
[126] *Bom Retiro de Todos os Povos.* Projeto Museu de Rua. Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Oficinas Culturais Três Rios. Fevereiro de 1988. Depoimento de Boris Cipis
[127] BOSI *op. cit.* p.88

questões relativas à etnia e à classe podem ser notadas na experiência do futebol praticado pelos moradores do Bom Retiro, um bairro habitado essencialmente por trabalhadores.

Além do futebol, outras atividades faziam parte da atuação dos clubes esportivos do lugar, como festivais dramáticos e dançantes – semelhante às agremiações recreativas do bairro. Em Julho de 1917, o Sport Club 1° de Julho organizaria um desses festivais, comemorando o aniversário de sua fundação:

> Realizou-se anteontem, a sua sede social, à rua General Flores, 31-A, o S.C. 1° de Julho uma belíssima festa por motivo do aniversário de sua fundação. A festa se prolongou até a hora em que o sol apareceu no horizonte.
> À meia noite a diretoria ofereceu ao sr. Rafael Zaminghim uma valsa que ele dançou com a senhoria Luiza Zuin.
> Foram oferecidos pelo presidente Emilio Ferroni aos convidados refrescos e doces. [128]

Notamos a presença de Rafael Zeminghim, correspondente do jornal *A Gazeta* no Bom Retiro e cuja fama como bom dançarino se espalhava pelo bairro – presença essa haveria garantido que o Sport Clube *1° de Julho* tivesse a sua festa noticiada nas páginas do jornal. Além do presidente da sociedade, Emilio Ferroni, a presença de outros convidados que participaram da festividade revela uma forte presença italiana nessa agremiação: Arthur Zamariolla, Arlindo Paganelle, Guido Zanchi, Ana Belfiore, Francisca Benetti e outros. [129] A presença italiana também é notada em outro clube do bairro, com sede na rua Aimorés:

> Oriental Paulista F.C. – Realizou-se no dia 22 do corrente uma assembléia geral, na qual foi eleita a nova diretoria desta sociedade, que ficou assim organizada:

[128] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 3/07/1917
[129] *Idem*

Presidente, Salvador Promezi; Vice-Presidente, Ubaldo Giantti; 1°. Secretário, Gino Pucci; 2°. Secretário, Jacinto Velozo; 1° Conselheiro, Fortunato Amor.; 2°. Conselheiro, Alberto Balgamani; 3°, Vicente Drucci; Tesoureiro, Gureno di Biosi; cobrador, Antonio Forlenza; 1° Capitão, Vicente Subino; 2°.Capitão, Gennarino Sorneli; 3°., José Bondi; 1°. Mestre Sala, João Messina; 1°. Fiscal, Paschoal Tittulio; 2°. Fiscal, Leonardo Baptista; 3°., Antonio Amor; diretores esportivos, Emilio Giovanetti e Alfredo Avenici. [130]

Atividades recreativas também faziam parte de atuação dessa sociedade esportiva. A organização desse clube, assim como o Sport Club Primeiro de Julho, expressa uma das possíveis formas de sociabilidade entre os italianos do bairro, que do início do século XX aos anos 30 eram maioria entre a população imigrante do Bom Retiro.

No bairro do Bom Retiro, a participação dos clubes esportivos em campeonatos oficiais, promovidos pela Associação Paulista de Esportes Atléticos, era quase nula . Essa situação se assemelha ao caso do Rio de Janeiro. Segundo Leonardo Pereira, os clubes formados por membros da elite fluminense impunham uma série de restrições aos times suburbanos, limitando ao máximo sua participação nas ligas oficiais de futebol.[131] O alto preço cobrado para a filiação das agremiações esportivas e ainda a proibição da remuneração aos jogadores foram algumas das medidas tomadas para tentar impedir a presença de trabalhadores entre as ligas e clubes elegantes da cidade do Rio de Janeiro.[132] Isso era uma maneira de os precursores do jogo, oriundos das classes sociais mais favorecidas, garantirem para si o monopólio da prática do futebol, visto como um símbolo de cavalheirismo e fidalguia.[133] Tratando sobre a regulamentação das férias para os

[130] *O Estado de S. Paulo*, 29/03/1915
[131] PEREIRA. *op. cit.* p. 62
[132] *Idem*
[133] *Idem*

jogadores de futebol, a notícia abaixo revela a maneira pela qual a proliferação do jogo era tratada na cidade de São Paulo:

> Muitos aficionados, dedicados e veteranos sportmen, têm abandonado os campos. A razão dessa ausência não é difícil explicar: o "footbal" praticado constantemente, sem método e sem fins preconcebidos, enjoa os indivíduos mais apaixonados. (...)
> Noutras eras, quando o "sport" bretão estava em moda, e os "matches" da extinta Liga Paulista constituíam verdadeiras reuniões da sociedade elegante, os contendedores faziam questão das férias sportivas.[134]

Para o autor da notícia, a atual situação da prática do futebol na cidade era bastante distinta "noutras eras", quando os jogos representavam momentos de encontro dos membros da "sociedade elegante". A desqualificação dos praticantes do esporte, apontados como ineptos a seguirem regras preestabelecidas, certamente elaboradas pelos precursores do jogo de bola, revela o descontentamento diante de sua inserção entre diversas camadas sociais.

Em 1916 a Associação Metropolitana de Sports Atléticos do Rio de Janeiro proibiria a participação de operários no quadro de jogadores dos clubes a ela filiados, o que foi seguido pela sua congênere paulista.[135] Outras medidas proibitivas também são verificadas na capital paulista: no campeonato municipal da cidade de São Paulo em 1922 a Divisão Municipal da Associação Paulista de Esportes Atléticos deliberava que "Só poderão concorrer ao campeonato municipal os clubes que nada devem aos cofres da APEA" [136] Com exceção da Associação Atlética Sul-América, nenhuma outra agremiação

---

[134] "A Regulamentação do Football", *O Estado de S. Paulo*, 24/10/1919
[135] ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado . IFCH/UNICAMp. 1996, p.97
[136] *O Estado de S. Paulo*, 30/01/1922

esportiva do Bom Retiro participou deste campeonato oficial – o que indica que poucas as agremiações do bairro tinham condições de pagar a quantia exigida pela entidade.

Embora os clubes esportivos do Bom Retiro pudessem se deparar com obstáculos que os impedissem de participar dos campeonatos oficiais, outros canais eram por eles criados para a prática do jogo. Em 1918, havia a Liga Esportiva do Bom Retiro, que realizava sua própria competição, como noticiava *A Gazeta*:

> Liga Sportiva do Bom Retiro.
>
> A Associação Athlética ABC venceu o Voluntários Football.
>
> Mais um match em prosseguimento ao campeonato instituído pela Liga Sportiva do Bom Retiro domingo último pelas unidades supra.(...)[137]

Um mês após essa partida, a Associação Atlética ABC seria vitoriosa no campeonato daquele ano, motivo que levou o clube "alvi-preto" a organizar "um grandioso festival para comemorar seu belo triunfo"[138], convidando associados e torcedores para participar do evento, cuja realização foi noticiada nas páginas de *A Gazeta*:

> No Bom Retiro- Associação Athlética ABC
>
> Realizou-se sábado ultimo, na sede social da associação, à rua Silva Pinto, 87, o anunciado festival promovido pela mesma, em comemoração ao seu belo triunfo alcançado na Liga Sportva do Bom Retiro. (...)
>
> Compareceram a esta festa distintas famílias do bairro. Às 22 horas, quando era maior o entusiasmo, foram entregues as medalhas aos vários footballers (...) Em seguida foi cantado o hino da Associação Athlética ABC, por todos os sócios presentes. Terminou estas encantadora festa a altas horas da madrugada.[139]

---

[137] *A Gazeta*, 5/09/1918
[138] *Idem*, 11/10/1918
[139] *Idem*, 17/10/1918

A premiação dos jogadores, para os quais foram entregues medalhas, poderia ser vista como um símbolo de distinção entre os que recebiam – uma justa recompensa após as duras batalhas nos campos do Bom Retiro. Dessa forma, os "footballers" do bairro criavam seus próprios artifícios para se valorizarem enquanto participantes do jogo de bola. Entoar o hino, um símbolo de identidade da agremiação, deveria ser o ápice do ritual em homenagem aos jogadores, ritual que era coroado com a "encantadora festa". A presença de distintas famílias do bairro, provavelmente às quais os associados e jogadores pertenciam, dava um caráter mais íntimo e respeitável ao evento. Assim, futebol, festividade e família se entrelaçavam na construção de uma identidade entre os membros da Associação Atlética ABC, o que certamente se assemelhava à prática de outras agremiações esportivas.

Além do campeonato organizado pela Liga Esportiva do Bom Retiro, outra competição aparece entre as atividades esportivas ligadas ao futebol no bairro: o Campeonato Distrital, que teve suas duas edições em 1921 e 1922. Esse torneio, porém, não envolvia disputa entre equipes, mas sim entre seleções de alguns bairros paulistanos. No entanto, o Esporte Clube Saturno, um clube do Bom Retiro, foi o organizador do evento, que contou com a participação dos bairros Água Branca, Lapa, Brás, Cambuci, Mooca, Belenzinho, Barra Funda, todos lugares habitados essencialmente por trabalhadores.[140] Como maneira de atrair público, era anunciada a presença de alguns "jogadores de renome".[141] O selecionado do Bom Retiro se consagraria campeão do torneio e, logo depois, no estádio do S.C. Corinthians, realizaria uma partida contra uma equipe do bairro da Consolação, que não havia participado do torneio. A renda desse jogo, que foi promovido pela Associação dos Cronistas Esportivos, seria revertida em prol do Asilo da

[140] *O Estado de S. Paulo*, 18/02/1921
[141] *Idem*, 6/03/1921

Sagrada Família[142]- o que sugere uma relativa importância do ato de caridade e da religião entre os jogadores participantes.

O Esporte Clube Saturno foi fundado em 1916[143] e possuía sede na rua General Flores, 83 – mudando-se para a rua Jaraguá em julho de 1920. Em 1919 era classificado como campeão suburbano, o que indica que mesmo antes do Campeonato Distrital organizado por esta associação já havia alguma outra competição entre as agremiações esportivas dos bairros paulistanos. Os membros de sua diretoria eram de maioria italiana, havendo apenas um de origem brasileira ou portuguesa: Antonio dos Santos, revisor de contas da agremiação.[144] Uma das fontes de receita do Esporte Clube Saturno era a realização de eventos para angariar fundos, como demonstra a notícia:

> Realiza-se no dia 12 do corrente, na sede do Esporte Clube Saturno, campeão suburbano, uma pequena festa em benefício dos cofres sociais , tendo início o baile ás 7 ½ horas da noite. Amanhã será inaugurada uma nova bandeira social .[145]

O trabalho de organização para o sucesso da festa, que provavelmente tinha como chamariz a posição do Esporte Clube Saturno enquanto campeão suburbano – fator que a notícia não deixa de registrar – era revestido simbolicamente pela inauguração da bandeira social, criando-se assim uma identidade material para a sociedade.

Não somente para obter fundos em seu benefício o Esporte Clube Saturno organizava eventos festivos. A preocupação com os jogadores que defendiam a associação nos campos também esteve presente na atuação dessa sociedade esportiva. Em agosto de

---

[142] *Idem*, 23/03/1921
[143] *O Combate*, 06/06/1920
[144] *Idem*, 21/09/1920
[145] *Idem*, 5/07/1919

1919, sua diretoria promovia "uma festa em benefício de um jogador que quebrou sua perna em um jogo realizado em Bauru."[146] Se angariar fundos em benefício da entidade era importante, provavelmente uma das principais fontes de financiamento do clube, amparar os jogadores também era fundamental para que a associação tivesse seu quadro completo durante as partidas e campeonatos de que participava. Consagrar-se campeão suburbano era uma maneira de obter um certo reconhecimento e prestígio no bairro, o que deveria ser importante para que as festas de arrecadação de fundos também tivessem êxito.

Busca de reconhecimento teria sido um dos motivos que levaria o Esporte Clube Saturno a novamente tomar a frente de organização do Campeonato Distrital em 1922. Esse torneio seria realizado pouco antes do início do Campeonato Municipal:

> Campeonato Distrital
>
> Foi concedido pela diretoria da APEA ao E.C. Saturno, com exclusividade, o antepenúltimo domingo antes do início do campeonato da cidade para este clube realizar o campeonato distrital.
>
> Os clubes que desejarem participar desse torneio poderão entender-se a respeito com o sr. Humberto Balboni, que é encontrado à rua Jaraguá, 67, ou pelo telefone 912.[147]

Além do Bom Retiro, participariam desse torneio os bairros Brás, Liberdade, Santana, Barra Funda, Santa Efigênia, Vila Mariana, Consolação, Água Branca, e Pari[148], o que dava uma ampla dimensão ao evento. Isso haveria de interessar à Associação Paulista de Esportes Atléticos: já que não conseguia obter a filiação da totalidade dos clubes dos bairros paulistanos, possivelmente devido à cobrança de taxas exorbitantes às suas

---

[146] *Idem*, 28/08/1919
[147] *O Estado de S. Paulo*, 12/02/1922
[148] *Idem*, 31/03/1922

diretorias e associados, vincular seu nome a uma disputa que envolvia vários bairros da cidade poderia ser uma forma de não perder o controle total sobre a prática do jogo. E para o Esporte Clube Saturno, uma boa oportunidade de, como organizador do campeonato, ter a sua competência reconhecida. Embora tivesse o apoio da APEA, que cedia com exclusividade um domingo para a realização dos jogos, cabia à sua direção receber as inscrições dos participantes, o que era feito em sua própria sede social. A presença de "futebolistas campeões" como participantes do torneio servia como propaganda do Campeonato Distrital, e certamente aumentava o prestígio do Esporte Clube Saturno enquanto organizador do evento.[149]

Organizar o Campeonato Distrital com apoio da APEA deveria ser bastante importante para que o Esporte Clube Saturno obtivesse não somente o reconhecimento de sua competência, mas também respeitabilidade diante da opinião pública e das autoridades que controlavam o funcionamento dos clubes e associações da cidade. Segundo Leonardo Pereira, os clubes esportivos elegantes do Rio de Janeiro ficavam horrorizados diante da maneira com que o esporte era praticado pelas camadas populares da cidade: xingamentos e brigas no campo iam de encontro aos padrões de distinção estabelecidos pelos finos *sportmen*.[150]

Em dezembro de 1920, ocorreria um grave incidente envolvendo duas equipes do Bom Retiro:

> Agressão a Faca – Na tarde de domingo ultimo (...) realizou-se um jogo de futebol no campo do 1° de Julho, na rua Barra do Tibagi, entre este clube e o fluminense. No fim do encontro, houve desavença por causa do modo por que se encaminhou o jogo, entre carroceiro Luiz Derato, "torcedor" do Fluminense e o jovem operário Antonio Silviani,

[149] *Idem* 29/03/1922
[150] PEREIRA, *op. cit. p.*128

jogador do clube 1° de Julho, acabando aquele por vibrar profundo golpe de faca no peito de seu contendor.

E conseqüência disso, o criminoso foi preso em flagrante e lavado para a Polícia Central enquanto que sua vítima, impossibilitada de prestar declarações devido à gravidade de seu estado, era recolhida à Santa Casa de Misericórdia.(...)[151]

Percebemos aqui uma das maneiras pelas quais o futebol era visto entre os praticantes pertencentes às classes trabalhadoras da cidade de São Paulo: o operário Antonio Silviani e o carroceiro Luiz Derato levavam sua identidade em torno do clubes às ultimas conseqüências. Ao deixar claro as profissões dos envolvidos no incidente, a notícia reforçava a relação entre violência e o futebol praticado pelas classes menos favorecidas da cidade – o que fazia parte da política geral de detração dos espaços de lazer dos trabalhadores durante a Primeira República. No caso do Esporte Clube Saturno, essa relação apareceria no *O Estado de S. Paulo* após um incidente que teria envolvido dois associados do clube:

Perversidade Brutal

Ontem à tarde, dois indivíduos desconhecidos que, segundo se diz, são sócios do clube de futebol Saturno, entraram numa casa da rua General Flores, com propósitos malévolos a respeito de duas mulheres que lá estavam.

Esses sujeitos foram mal sucedidos e expulsos da casa, mas depois arrombando a porta conseguiram entrar novamente no prédio, travando luta com as mulheres e desfechando três tiros de revólver, fugindo em seguida.

Uma das balas atingiu, em região melindrosa, Ana Josepha parda de 30 anos de idade, casada com Antonio da Silva, produzindo-lhe um ferimento penetrante na cavidade abdominal.

[151] *O Estado de S. Paulo*, 30/12/1920

> A companheira de Ana, Benedicta da Conceição, nada sofreu. E aquela depois de receber o primeiro curativo no posto de Assistência, foi recolhida à Santa Casa de Misericórdia, tendo o delegado em serviço na Central, dr. Queiroz Meyer, instaurado inquérito sobre o fato.
>
> A polícia, como é natural , está empenhada em tudo esclarecer, pois a ver a narração verdadeira feita pela vítima, trata-se de um revoltante assalto realizado de dia contra uma casa da cidade e visando uma violência contra as pessoas que lá se achavam. E, é claro, fica mais uma vez provado quanto vale o nosso policiamento.[152]

A suposta condição de sócios do Esporte Clube Saturno atribuída aos acusados pelo crime servia como maneira mais imediata para a identificação dos suspeitos, que eram desconhecidos. A relação entre o futebol praticado por populares e crime pode ser estabelecida através do simples fato de pertencer ao quadro social do clube. A notícia revela também o quanto a associação esportiva servia como parâmetro para o estabelecimento da identidade pelos moradores do Bom Retiro: os suspeitos poderiam ter sido apontados como operários, pedreiros, italianos, negros, etc., mas foram descritos como sócios de uma agremiação popular. Dessa maneira, a organização e o sucesso do Campeonato Distrital, competição apoiada pela Associação Paulista de Esporte Atléticos, seria uma boa oportunidade de afirmar não somente sua competência enquanto entidade esportiva, mas também afirma sua honestidade e respeitabilidade perante o Bom Retiro e à opinião pública.

[152] "Movimento Associativo", *O Estado de S. Paulo*, 4/01/1919

6- "Jogadores de Cor"

Em 1919, o Áurea Futebol Clube, "um club de jogadores de cor", realizaria a primeira edição de seu campeonato. Naquele ano, uma agremiação do Bom Retiro participaria do torneio: a Associação Atlética Sul América. Em 1920, a diretoria dessa sociedade era composta pelos seguintes membros:

> Presidente, C. Medeiros; Vice-Presidente, Antonio Macedo; Primeiro Secretário, A Alemeida; Segundo Secretário, Arlindo Soares; Primeiro Tesoureiro, Antonio Macedo; Segundo Tesoureiro, Antonio Leandro. [153]

Na sessão de posse da diretoria, seriam nomeados ainda os capitães, fiscais e diretor esportivo da agremiação. Entre os clubes esportivos do bairro, este é o único cuja composição dos membros de sua diretoria sugere a presença de portugueses e brasileiros, entre os quais a presença de negros é bastante provável. Para uma sociedade recém saída do regime de produção escravista, onde o preconceito racial imperava fortemente, é pouco plausível que, caso esta sociedade não tivesse negros em seu quadro de diretores, associados ou jogadores se dispusesse a participar de um campeonato promovido por "jogadores de cor".

O Touring Club Paulista, outra agremiação esportiva do Bom Retiro, também participaria de um dos torneios de futebol promovidos pelo Áurea F. C, em sua edição de 1920.[154] Numa outra ocasião, quando no mesmo ano realizaria um festival em seu benéfico, podemos perceber algumas dificuldades enfrentadas por esta sociedade para se manter em funcionamento:

---

[153] "Foot-Ball", *O Estado de S. Paulo*, 2/01/1920
[154] *O Estado de S. Paulo*, 9/05/1920

Festival Esportivo

Realiza-se amanhã, no Parque Antártica , uma festa esportiva em benéfico do Touring Club Paulista. Prestará o seu concurso valoroso o Esporte Clube Internacional.

Sociedade que merece o apoio de todos os "sportman". Tem uma organização excelente e, apesar das dificuldades que são inúmeras, não sai de sua rota. (...) Note-se que conta exclusivamente com a dedicação dos diretores.(...) As rendas, puramente das minguadas contribuições dos sócios, são diminutas e mal chega para pagar as despesas de instalação da sede. A existência de agremiações desta natureza torna-se, como é bem de ver, dificílima. Não obstante isso, elas reagem, elas se levantam, elas realizam o seu progresso, e concorrem também, modestamente embora, para a educação física dessa juventude.

Fomos sempre simpáticos a sociedades como a do Touring, envidamos todos os esforços para que elas executem, com relativa facilidade, o seu programa.

É de se esperar, pois que os sportman bem intencionados compareçam à festa de amanhã, que aliás é interessantíssima. [155]

A experiência relativa aos dribles dos obstáculos que surgiam no cotidiano dessa agremiação não é apontada como a única. A notícia reconhece a existência de outras sociedades com problemas semelhantes que, como o Touring Club Paulista, lutavam diariamente para vencerem as dificuldades. A participação em eventos como no citado acima era não só uma maneira de angariar fundos – o que deveria ser crucial para a manutenção de suas atividades – mas também de mostrar seu valor enquanto organização. Sua participação no festival esportivo promovido pelo Áurea Futebol Clube, formado por "jogadores de cor", indica uma grande probabilidade da presença de negros em seu quadro de associados e simpatizantes.

[155] *O Estado de S. Paulo.* 31/01/1920

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Na edição de 1921, outro clube do Bom Retiro tomaria parte da "Festa Esportiva do Áurea": o Esporte Clube Saturno.[156] O caso dessa agremiação é diferente da Associação Atlética Sul- América, pois a maior parte da composição da diretoria desta agremiação era de italianos. Qual o motivo que teria levado a participar de um campeonato esportivo promovido por um clube de negros? A popularidade que o Esporte Clube Saturno adquiria no Bom Retiro pode ser a chave para compreender sua participação no torneio: é bem provável que tenha obtido simpatizantes entre diversos grupos sociais e étnicos do bairro, o que faria com que sua participação na festa do Áurea Futebol Clube também atraísse público para suas partidas. A fundação do jornal *O Menelick*, pertencente à imprensa negra no período, é um dos indícios de negros no Bom Retiro: com a presença de Diocleciano Nascimento, que se tornaria seu redator-chefe, Marceano Marques de Oliveira, Aristides Alves da Costa e outros, a reunião de fundação deste periódico foi realizada na rua da Graça, 207 – uma das ruas do bairro e local onde residia Diocleciano.[157] Assim, é também provável a presença de jogadores negros na equipe do Esporte Clube Saturno, o que caracterizaria uma certa divisão entre diretoria, composta por italianos, e demais sócios e jogadores da agremiação.

Touring Clube Paulista, A A Sul-América e E. C. Saturno, davam ao evento promovido pelo Áurea F.C um contorno étnico e social bastante definido: ser negro e pertencente às classes socialmente desfavorecidas eram condições que faziam parte de um universo comum às agremiações participantes. Dessa maneira, apesar das dificuldades e da forte exclusão racial que marcou a história do esporte no período relativo à Primeira República, essas sociedades esportivas encontravam sua própria maneira de praticar o

[156] "Torneios Eliminatórios", *O Estado de S. Paulo* 29/06/1921
[157] *O Menelick*, 17/10/1915

futebol. Se o fato de ser negro era motivo de exclusão dos jogos mais representativos, como ressaltava o jornal *O Kosmos* em 1923[158], em eventos como o promovido pelo Áurea F.C. essa condição era a motivadora, unindo agremiações de caráter semelhante em torno da etnia.

7- Conflitos e convergências futebolísticas

Embora o futebol se tornasse cada vez mais uma prática cotidiana dos moradores do Bom Retiro e de outros bairros de trabalhadores – que passaram a fundar seus próprios clubes esportivos – a presença desse esporte como um novo hábito de lazer veio acompanhado de conflitos. O jogo de bola ultrapassava os limites das agremiações e, no final da década de 10, notícias como a que se segue foram bastante corriqueiras:

> Moradores da rua Silva Pinto pedem-nos reclamar a atenção da polícia pra a malta de garotos que, se entregam ao jogo de foot-ball naquela via pública, incomodando gradualmente a vizinhança com o alarido que produzem e danificando os prédios dali cujas vidraças são constantemente partidas com os golpes desferidos com as bolas pesadas pelos terríveis moleques.
> Dizem os reclamantes que os pequenos desocupados, quando advertidos por algum morador dali, reponde-lhe desabridamente, dirigindo-lhe chulas e insultos de toda casta.[159]

Moradores de várias outras ruas do bairro chamam atenção para o problema, demonstrando a maneira conflituosa pela qual o futebol se inseria no cotidiano do lugar. Em dezembro de 1917, outro jornal denunciava os "Footballers Vagabundos" da rua

[158] "Preto e Branco", *O Kosmos*. 18/04/1923
[159] "Queixas e Reclamações", *O Estado de S. Paulo*. 8/07/1919

Aimorés, que proferiam "em altas vozes palavras obscenas".[160] Grosseria dos praticantes do jogo, incômodo e transtorno são alguns dos problemas levantados pela notícia que, segundo o jornal, teriam sido levantados pelos moradores da rua Silva Pinto. No entanto, percebemos que o periódico toca em um ponto que certamente reflete suas próprias preocupações: a vadiagem, que durante a Primeira República passou a merecer uma atenção especial por parte das autoridades, atenção esta intimamente relacionada à imposição da ética do trabalho assalariado e regular.[161]

Outra questão marcante em relação aos conflitos decorrentes da prática do futebol entre os trabalhadores está na crítica feita ao jogo pelas lideranças sindicais. Incentivado pelos patrões em algumas empresas, o esporte era visto como forma de afastar as classes trabalhadoras dos sindicatos.[162] Joel Rufino Santos afirma que os operários eram "mandados a jogar futebol" pelo patronato, uma maneira de tentar frear as agitações sociais.[163] Algumas das visões dos militantes sindicais sobre o futebol podem ser notadas a partir da seguinte notícia, publicada pela *A Plebe* e assinada por Zejo Costa:

A Dança e o Foot-Ball

> Lastimando profundamente o estado em que se encontra a juventude contemporânea, em relação ao seu valor físico, moral e intelectual, afigura-se mais oportuno abordar mais algumas considerações a respeito.
>
> Presentemente a juventude está corrompida pelos divertimentos mais prejudiciais ao organismo e à educação.
>
> Uma infinidade de rapazes atira-se inconscientemente à dança e ao foot-ball, duas calamidades modernas que dizimam milhares de seres humanos .

---

[160] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 7/12/1918
[161] FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano*. p. 40
[162] ANTUNES, *op. cit.* p. 46
PEREIRA *op. cit.* p. 262
[163] SANTOS, José Rufino. *História Política do Futebol*. São: Paulo: Brasiliense. 1981, p. 22

A dança, hoje em dia, bate o Record da imoralidade, atinge o apogeu da loucura e do crime.

As sociedades dançantes e os clubes de foot-ball pululam nos bairros suburbanos, onde é grande a população proletária.

Disse um discurso abalisado moralista que a dança é a porta da prostituição, porque a legião de raparigas que concorre aos bailes se corrompe e perverte.

Na verdade, além de causadora da desgraça de tantas raparigas, a dança é também corruptora de numerosos rapazes.

O foot-ball atrai igualmente milhares de rapazes que se exercitam no funesto jogo com um selvagerismo atroz.

Esses rapazes, inconscientes e despreocupados, de nada se receiam: por isso quebram as pernas e os braços, estragam o aparelho digestivo, afetam os pulmões, se arruínam, enfim, para todo e sempre.

O foot-ball é uma diversão violenta. Além de produzir o mal físico, produz também o mal moral. Em certas ocasiões, no fervor do jogo, um simples gol, basta para originar contendas, onde não raras vezes há feridos.

Mais úteis à humanidade e a si próprios seriam esses rapazes se em lugar de se ocuparem em semelhantes passatempos, ingressassem antes nos Sindicatos e Ligas Operárias, afim de enfrentar o vilíssimo patronato.

Mais prestimosos à causa da emancipação se revelariam todos esses amantes da orgia e da boemia se, em vez de concorrerem diariamente aos ensaios de dança e aos trinos da bola, afluíssem às escolas e freqüentassem as bibliotecas em busca de conhecimentos de reconhecida utilidade.

Que se associe, pois economicamente, a juventude ora transviada por meios esportivos. Só assim se evitará rolar, como uma bola, para o abismo...[164]

Notamos claramente que, na visão do colunista, o futebol soma-se às danças como origem de diversos males que afetavam juventude e contra a humanidade –males esses que estariam se proliferando juntamente com o aumento do número de agremiações de dança e de futebol nos bairros de trabalhadores. Além de problemas relacionados ao organismo –

[164] *A Plebe*. 30/10/1917

pernas e braços quebrados, etc. – o futebol ocasionaria também malefícios de ordem moral entre seus praticantes. As brigas decorrentes das partidas eram vistas como uma desavença entre os trabalhadores, o que representaria um perigo à sua emancipação como classe. Percebemos, portanto, que a notícia procura opor os clubes esportivos à consciência de classe entre seus praticantes. Os incidentes decorrentes das partidas de futebol serviam como motivos para que a imprensa operária tratasse o futebol como inimigo das agremiações sindicais e, por conseguinte, da própria classe:

> Por causa do Foot-Ball
>
> Entram em cena a faca e o cacete
>
> Tratando-se de razões por causa do football, dois operários da fabrica de cordas Henrique Maggi, à rua Casa Verde, na Barra Funda, agrediram-se hoje mutuamente à faca e à cacete. (...)
>
> Naturalmente os dois briguentos nunca pensaram em se associar e defender seus interesses. Pois com energia e a coragem que demonstraram, melhor fariam se as empregassem em melhor causa... [165]

Novamente *A Plebe* procura estabelecer uma relação entre o jogo e a violência. Além disso atribui aos envolvidos na briga, dois operários, a ausência de iniciativas em defesa de seus interesses, iniciativas que seriam demonstradas pelo ato de associar-se a alguma organização sindical, onde a energia e a coragem seriam empregadas em uma causa melhor.

Esse tipo de experiência é uma das origens das explicações historiográficas que tratam o futebol como causa de alienação das classes trabalhadoras. A oposição entre agremiações esportivas e consciência de classe, construída pela imprensa operária, que

[165] *Idem*, 25/09/1919

tinha seus objetivos próprios e legítimos, foi natural e passivamente aceita por alguns historiadores, tanto de maneira explícita quanto através do longo silêncio que se verifica a respeito de outros significados possíveis atribuídos à prática do futebol pelos trabalhadores. No entanto essa oposição não era a única relação presente no interior da imprensa operária. Em março de 1921, *A Vanguarda* publicaria o seguinte comentário em relação ao Campeonato Distrital, organizado pelo Esporte Clube Saturno naquele ano:

> Entre Distritos
>
> Encontrar-se-ão quinta feira dia 24 do corr., numa partida de futebol, os selecionados representativos do Bom Retiro e o da Consolação, revertendo-se o produto das entradas em benefício a uma instituição qualquer (Baita Cavação).
>
> Este jogo, que está sendo patrocinado por diversos cronistas esportivos, parece estar precedido por outro, entre o selecionado da Água Branca-Lapa e o da Santa Efigênia.[166]

Mesmo criticando o fato da renda da partida ser revertida em prol de uma instituição qualquer, que seria o Asilo da Sagrada Família – uma instituição provavelmente ligada à Igreja, considerada inimiga pelos sindicalistas –, a notícia não deixa de ter um caráter informativo, o que pode revelar tanto a atenção do jornal em atrair leitores interessado no esporte quanto uma relativa simpatia em relação às partidas que seriam realizadas, já que envolviam distritos operários. Outra maneira diferente de tratar o futebol pode ser notada na seguinte notícia, também publicada pela *A Vanguarda*:

> Coisas Sportivas
>
> Já o dissemos: não somos contrários às duas seções,desde que estas estejam divididas de modo criterioso e não como pretendem: dividir os clubes fracos dos fortes.

[166] *A Vanguarda*, 19/03/1921

> Mas, quem é que quer essa divisão assim? São justamente três ou quatro clubes fortes, assim chamados porque contam entre seus associados burgueses endinheirados, sob o pretexto de que o campeonato com 12 clubes tornar-se-á irrealizável, por ser muito longo.
>
> De acordo. O Campeonato, com doze clubes para disputa-lo tornar-se-ia de fato fastidioso. Seria necessário começa-lo em janeiro de cada ano para que terminasse em Dezembro, fazendo-se necessário realizar diversos jogos por domingo. Daí a conveniência das duas seções. Foi o que deduziram os chefões do futebol paulista.
>
> É que eles há muito esperavam o momento oportuno de se poderem dividir de modo que os clubes "nobres" ficassem separados dos "plebeus". Eis o fim porque querem a tal divisão. Sim, porque seria vergonhoso para tal clube, formado de rapazes "chics" joguem com rapazes de tal clube formado por "cafajestes"...
>
> E, é tanta a pouca vergonha que campeia no futebol, que vemos por aqueles que diretamente são lesados com tais medidas, submeterem-se de mãos beijadas aos seus verdugos.
>
> Vabor [167]

O colunista protesta contra os critérios adotados pela Associação Paulista de Esportes Atléticos para a inclusão dos clubes paulistas nas divisões do campeonato. O domínio dos clubes burgueses sobre as regras do jogo de bola é duramente criticado, demonstrando que o esporte também era reconhecido como campo de ação e de disputas políticas por este periódico. A notícia, portanto, revela claramente que o futebol também foi pensado em termos de lutas de classes pela imprensa operária, luta essa em que os clubes mais modestos eram reconhecidos com tal e defendidos pelo militante e colunista do jornal.

Em 1919, um dos clubes filiados à Segunda Divisão da APEA, reconhecida como o lugar da presença de clubes "plebeus" pelo jornal *A Vanguarda* – maneira pela qual o periódico caracterizava a presença dos trabalhadores nas agremiações – era o Sport Club

[167] *Idem*, 16/03/1921

Canteiros Paulista. Observando o nome dessa associação, notamos uma clara relação de identidade com uma categoria profissional. Em 1921, esta agremiação possuía sua sede na rua Capitão Matarazzo, 13, e sua diretoria possuía a seguinte composição:

> Humberto Agrasso, presidente; Ângelo Fumati, vice-presidente; Domingos Lourenço, Secretário; José Perez, Tesoureiro; Anatoli Candini, 2° Tesoureiro; Dante Baldini e José Maneti, fiscais; Mario Marinelli e Octávio D'Ângelo, mestres de sala; Antônio Bertoni e Juvenal de Oliveira, diretores esportivos; Roque Mamone, 1° Capitão; Roque Caxini, 2° Capitão. [168]

Percebemos uma relativa variedade nacional entre os nomes citados. Embora predominem os italianos, há também espaço para espanhóis e brasileiros, o que pode ser um indício da predominância da categoria profissional como critério de associação – não sendo a nacionalidade obstáculo para pertencer a uma agremiação dedicada a proporcionar lazer aos membros de uma mesma profissão. Além do futebol, também organizava festividades:

> Realiza-se hoje, no salão da rua da Graça, 144, a festa da velha e simpática sociedade.
> Pela ansiedade com que é esperada essa festa pela população do Bom Retiro e pela enorme quantidade de convites distribuídos, é de prever que a mesma seja realizada com excepcional brilhantismo.
> O grupo dramático deste clube levará à cena, sob a direção do sr. Alexandre J. Menna, o emocionante drama em três atos 'A Filha do Estalajadeiro' e o 'Anjo da Morte'.
> Depois da representação dar-se-á o início do baile, que finalizará ao romper da aurora.[169]

[168] "Bom Retiro", *O Combate* 14/13/1921
[169] *O Combate*, 13/091919

Além de congregar os canteiros, o Sport Club Canteiros Paulista também servia como promotor de atividades de lazer para o conjunto mais amplo dos moradores do Bom Retiro, para a qual eram distribuídos vários convites. Isso pode revelar, por outro, lado, a uma considerável presença numérica da categoria no bairro – que fazia do futebol um instrumento para a sua união e sociabilidade.

Se há uma relação possível entre agremiações esportivas e identidade profissional, como no caso do Sport Club Canteiros Paulista, há também uma relação possível entre a atuação de algumas agremiações esportivas do bairro e atuação sindical. Em 1919, *A Plebe*, o mesmo periódico que relacionava o futebol à violência e à ausência de consciência de classe entre seus praticantes, publicava seguinte notícia:

> Grandioso Festival Proletário
>
> Bela demonstração de ordem na organização espontânea
>
> (...) A parte esportiva
>
> Com franqueza, deve-se dizer que parte tiveram bastante saliente no festival os clubes esportivos. Aqueles rapazes sadios e cheios de energia trouxeram as milhares de pessoas que acorreram ao Jardim da Aclimação que grande atividade (...)
>
> O match de football foi disputado com galhardia pelos times dos clubes do Esporte Clube Saturno e da Associação Atlética Republica, sendo vencedor o primeiro, por 2 goals a 1. [170]

A parte esportiva da festividade foi de responsabilidade da Associação Paulista de Esportes Atléticos. Os ingressos foram vendidos por 1$000, sendo permitida a entrada dos menores de 14 gratuitamente. Ao contrário das situações de brigas entre os trabalhadores, o festival proletário é descrito como demonstração de ordem – sugerindo que existiam

[170] *A Plebe*. 23/09/1919

posições distintas no interior de *A Plebe* em relação à pratica do futebol. O campeão suburbano, o Esporte Clube Saturno é apontado como uma das principais atrações do evento. Além do Saturno, outro clube do bairro participou também da atividade: o Touring Club Paulista, cujas dificuldades para a sua manutenção enquanto organização esportiva já foram ressaltadas enquanto reveladoras de seu recorte social. Em outra ocasião, a A. A. Sul-América participaria de um festival no Parque São Jorge "em benefício da classe"[171], aumentando a participação das agremiações esportivas do bairro nas atividades sindicais.

A inclusão de clubes esportivos nas atividades das organizações sindicais é geralmente classificada como dos artifícios utilizados pelos sindicalistas para atrair um público maior às suas atividades.[172] O preço do ingresso, a gratuidade da entrada de menores de 14 anos e a inclusão de um campeão suburbano no festival citado acima revela a preocupação dos organizadores do evento em relação ao número de espectadores. No entanto, deveríamos descartar a possibilidade de participação dos clubes esportivos como demonstração de solidariedade para com os objetivos das festividades sindicais? A atuação do Esporte Clube Saturno e do Touring Clube Paulista no bairro, entre elas a promoção de eventos em prol de suas finanças e a participação em torneios promovido pelo Áurea Futebol Clube – além das dificuldades cotidianas, reconhecidas pela imprensa – revela que o envolvimento dessas agremiações em um festival sindical poderia não ser fortuita. Na edição do Campeonato Distrital em 1922, organizado pelo Esporte Clube Saturno, esta agremiação entregaria os prêmios os vencedores do torneio no 1° de Maio daquele ano, demonstrando assim sua identificação com a data comemorativa dos trabalhadores e das

[171] "O Festival Esportivo no Parque São Jorge", *O Estado de S. Paulo*, 24/11/1920
[172] HARDMAN. *Nem Pátria Nem Patrão*, p. 79

organizações sindicais.[173] Assim, além da identidade construída cotidianamente através da prática do futebol, essas agremiações esportivas teriam também algum grau de identificação em relação aos objetivos defendidos pelas sociedades sindicais.

[173] "Futebol", *O Estado de S. Paulo*, 19/04/1922

CAP III - O caso do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro

O Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro é uma das únicas sociedades que, durante o período abordado nesse trabalho, tem atividade contínua – o que é notado tanto a partir das referências encontradas na imprensa quanto através da periodicidade das reuniões de sua diretoria. A experiência associativa dessa agremiação é relevante tanto como modelo de funcionamento de sociedades semelhantes quanto para a reflexão acerca das diversas maneiras como os moradores do Bom Retiro, bairro de trabalhadores, concebiam sua identidade e forma de organização coletiva. Pensar em tudo isso, no entanto, vai muito mais além das poucas páginas que dedicaremos ao Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro nesse capítulo, pois a história dessa sociedade não se resume à experiência relativa ao período que esse trabalho abrange – já que foi fundada em 1900 e ainda continua ativa.

1-Fundação e Objetivos

No dia 13 de Maio de 1900, reunidos na rua Mamoré, 17, Agostinho Teixeira, José Martin Adão, Francisco Pereira da Silva, José Ramalho e Delfim Pereira da Silva fundaram o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro.[1] Inicialmente, sua sede social era estabelecida na rua Capitão Matarazo, 92. Foi somente em 1907 que o Grêmio adquiriu o terreno na rua da Graça, 144, onde estabeleceria em definitivo sua sede e salão – local onde até hoje a referida sociedade se localiza, no número 608.[2] Não foi possível localizar os estatutos originais da associação. As referências estatutárias da agremiação

[1] Ata de Fundação 13/05/1900

[2] *Guia dos Documentos Históricos na Cidade de São Paulo*, 1554-1954. Coordenação Paula Porta S.Fernandes. São Paulo:Hucitec/Neps, 1998 p. 618

são relativas ao ano de 1950, mas permitem uma aproximação no que tange aos seus objetivos, citados no Artigo 2° dos Estatutos Sociais aprovados naquele ano:

> a)Proporcionar aos seus associados reuniões de caráter cultural e recreativo, com predomínio da arte dramática e musical, com receita mensal estatuída, objetivando elevação moral e entrelaçamento familiar de seus associados;
> b) Manter uma biblioteca para gozo de seus associados, com obras de caráter geral;
> c) Cultivar e desenvolver, na medida do possível, em caráter diversionista, modalidades desportivas e jogos de "Salão" , compatíveis com o nosso meio social e permitidos pelos poderes constituídos como lícitos, ficando estatuído serem terminantemente proibidos quaisquer jogos profissionais ou com finalidade pecuniária, entre seus associados ou em seu nome no recinto social.[3]

Embora se trate de resoluções estatutárias de 1950, os itens acima nos dão alguma noção a respeito das finalidades gerais do G.D.M. Luso-Brasileiro. Como veremos mais adiante, grande parte desses objetivos estiveram presentes nas atividades organizadas pela agremiação.

Em Assembléia Geral realizada em 17 de Junho de 1900, com 27 pessoas presentes, compôs-se a primeira diretoria, que ficou assim constituída: Delfim Pereira da Silva/Presidente; Antonio José Abranches/Vice-presidente; José Pereira dos Santos/1° Secretário; Francisco Pereira da Silva/1° Tesoureiro; Mario Estrella da Gama Machado/2° Tesoureiro; João Pereira Ramalho e Avelino Machado/Fiscais.[4] Ainda nessa assembléia foi proposta a mensalidade de 5$000. No entanto, na reunião de aprovação dos estatutos, realizada somente em 30 de Outubro de 1900, foi proposto e aprovado que, para o ano seguinte, esse valor fosse baixado para 3$000, tendo sido estabelecido, porém, o valor de

[3] Estatutos Sociais Aprovados em Assembléia Geral de Dezembro de 1950
[4] Ata de Assembléia Geral 17/06/1900

10$000 como jóia. Nessa mesma ocasião, Pedro Bittencourt, um dos associados presentes, fez a seguinte proposta:

> Que deveria ser incluído nos estatutos que em caso de atraso por moléstia ou desemprego de qualquer sócio o Grêmio favorecerá com espetáculos em benefício, o sr. Presidente pôs em aprovação, sendo aprovado por unanimidade (...)[5]

Temos aqui a única referência relativa aos estatutos da sociedade no momento de sua fundação. Em primeiro lugar, o fato de a assembléia de aprovação dos estatutos ter sido realizada somente 5 meses depois da fundação do Grêmio revela certas dificuldades de seus associados em dar andamento aos trabalhos para tornar efetiva a organização. Em segundo, pensando mais de perto nas resoluções da assembléia de aprovação dos estatutos, podemos supor a existência de uma relativa preocupação dos sócios em relação ao valor das mensalidades. Ao proporém a redução, embora para o ano seguinte, de 5$000 para 3$000, os presentes na referida assembléia poderiam estar preocupados com a questão do acesso aos quadros sociais da agremiação: embora estabelecendo o valor de 10$000 como jóia, mas que representava uma única parcela, a redução do valor da mensalidade poderia significar a vinda de mais associados para o clube, com o conseqüente aumento de sua receita. No que tange à proposta do sócio Pedro Bittencourt, notamos a preocupação com o futuro da arrecadação. Doença e desemprego poderiam interromper os pagamentos regulares. No entanto, ao propor o favorecimento de qualquer sócio que atrasasse suas mensalidades em decorrência de desemprego ou moléstia, Bittencort acaba também sugerindo uma maneira de angariar fundos aos sócios em dificuldades, não somente para

[5] Ata da Assembléia Geral 30/10/1900

poderem quitar suas contribuições mensais, mas também para lhes garantir alguma forma de sustendo enquanto o problema perdurasse. Transformada em um dos artigos de seus estatutos, essa deliberação, embora não consista em seu principal objetivo, dá ao Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro uma certa função mutualista – revelando também o recorte social de seus associados, sujeitos às adversidades que a condição de trabalhadores poderia lhes proporcionar. O caráter mutualista da sociedade revela ainda uma das estratégias sociais possíveis no cotidiano dos moradores do bairro na luta cotidiana para a superação de dificuldades, já que encontravam pouco amparo nas frágeis leis trabalhistas durante a Primeira República. Já na década de 50, quando os estatutos do Grêmio foram reformados, não há menção sobre o caráter mutulista da entidade, o que sugere que seus membros podem ter transferido essa função para outras instâncias de amparo – o que seria decorrente das novas relações de trabalho construídas durante a década de 30.

2-Critérios de Associação: estatuto e prática

Para ser sócio do Grêmio havia alguns requisitos. Alguns deles estão mencionados no Art.4° dos Estatutos de 1950:

a) Autorização por escrito, do pai ou tutor, quando menor de 18 anos;
b) Não estar envolvido em processo crime;
c) Ter precisa moralidade de costumes e exercer profissão honesta;
d) Ser proposto por sócios em gozo de seus direitos. [6]

[6] Estatutos Sociais Aprovados em Assembléia Geral de Dezembro de 1950

Mesmo se tratando de resoluções estatutárias de 1950, os artigos acima condizem com as práticas do Grêmio durante o período estudado. Nas atas de sessão de diretoria em que existem nomes propostos como sócios, há menção de seus proponentes – também associados e, em alguns casos, o candidato a sócio é apresentado pelos diretores. Também encontramos casos em que, sendo o sócio menor apresentava-se a autorização do responsável. Numa sessão de diretoria de novembro de 1920, foi apresentado o consentimento de Pedro Zanzoni para que seu filho menor de idade pudesse se associar ao Grêmio.[7] Existem outros casos do tipo mencionados nas atas de sessão da diretoria, o que deveria ser comum considerando a grande quantidade de menores presentes no Bom Retiro.[8]

Além da necessidade da apresentação por sócios, verificamos também outro procedimento relativo à aceitação de novos associados:

> Não tendo havido reclamação no prazo de 8 dias, conforme os editais afixados na sede social, todos os sócios foram aceitos por maioria absoluta de votos. [9]

Fixar editais na sede social, certamente com a relação de nomes propostos, deveria ser uma maneira de fazer com que os associados pudessem alertar a diretoria em caso de suspeita de má conduta ou desonestidade por parte de algum dos candidatos.

Quanto ao item "b" do artigo acima, que exige o não envolvimento do proposto em processo crime, encontramos um caso que revela que a aplicação desse artigo vigorava nas práticas do G.D.M. Luso-Brasileiro no período abordado nesse trabalho. Em fevereiro de 1923, numa lista de candidatos a sócios, todos foram aprovados de imediato, com exceção

[7] Ata de Sessão de Diretoria 30/11/1920
[8] De acordo com Recenseamento de 1920, cerca de 4 mil habitantes se situavam na faixa entre 15 e 20 anos.
[9] Ata de Sessão de Diretoria 31/03/1920

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

de Paulino Porreta, "sócio que teve vários debates", proposto por Luiz Salgarella[10]. Discorrendo sobre o caso,

> O sr. presidente fala que de acordo com outra sessão (embora o secretário não tivesse tomado nota) ficou resolvido sindicar o procedimento do sr. Paulino Porreta, por diversas bases que nos poderiam acarretar inconveniências e tendo sindicado só lhe coube colher boas informações do mesmo e por isso estava de acordo que o mesmo fosse aceito como sócio. [11]

Como vimos em capítulo anterior, em janeiro de 1922, pouco mais de um ano antes de Paulino Porreta ser apresentado por Salgarella à direção do Grêmio, solicitando a sua admissão como sócio, foi realizado um festival dramático-dançante na rua José Paulino, 118 – que servia como sede para diversos clubes recreativos. O motivo dessa festividade, noticiado nas páginas do jornal *O Combate*, era auxiliar Paulino Porreta, que estava preso "por ter assassinado o sedutor de sua irmã".[12] O evento era caracterizado como "Desafronta da honra". Embora não seja feita nenhuma menção especifica a respeito desse caso nesta ata, é provável que a diretoria soubesse do ocorrido – ou Porreta estava envolvido com outras ocorrências problemáticas. Isso certamente foi motivo para que não aceitasse sua admissão imediata como sócio. Entretanto, considerando que estivesse mesmo envolvido em processo crime – o que poderia inviabilizar em definitivo a aceitação de Porreta como associado da agremiação, pelo menos é o que sugere os estatutos de 1950 – a referida pessoa proposta foi aceita mediante sindicância a qual, segundo Agostinho Teixeira, presidente do Grêmio, "só lhe coube colher boas informações do mesmo". Para Paulino Porreta, uma excelente oportunidade de , mesmo tido como criminoso pelas autoridades,

[10] Ata de Sessão de Diretoria 7/02/1923
[11] *Idem*
[12] *O Combate*, 10/01/1922

legitimar sua ação como defensor da família e como membro de uma associação da comunidade.

Para o caso da cidade do Rio de Janeiro, Sueann Caulfield demonstra que a honra familiar estava intimamente ligada à integridade da mulher e que, embora houvesse divergências entre os juristas, todos eles concordavam que "a defesa da honra sexual no direito representava a continuação da marcha para a elevação da civilização"[13], fazendo parte do projeto político republicano para a estruturação familiar. De forma semelhante aos juristas, membros das classes trabalhadoras valorizavam a virgindade feminina[14], sendo comum que a imprensa noticiasse casos de pais que vingavam a honra das filhas seduzidas e defloradas[15] – o que se assemelha bastante ao caso citado, com a diferença de que o vingador foi o irmão da vítima. Na cidade de São Paulo, a situação não devia se distinta. Segundo Boris Fausto, crimes relacionados à honra familiar eram bastante recorrentes entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX e tinham elevado poder de sensibilização dos jurados que julgavam os acusados. [16]

O caso citado acima revela o quanto questões relativas à integridade da família eram importantes entre os associados do G.D.M. Luso-Brasileiro e mais ainda, o quanto deveriam ser relevantes para os moradores do Bom Retiro: a comissão de sindicância estabelecida para investigar Porreta, muito provavelmente, teria agido não só colhendo informações junto aos membros do quadro de associados, solicitando também referências a outros moradores do bairro – familiares, vizinhos, etc. Outros fatores, porém, podem ter contribuído para o ingresso de Porreta no quadro social do G.D.M. Luso-Brasileiro. Entre

[13] CAULFIELD. *op. cit.* p. 89
[14] *Idem* p. 207
[15] *Idem* p.25
[16] FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano.* p.244

eles, o fato de ter sido apresentado por um ex-diretor da associação, Luiz Salgarella, que havia ocupado a função de 1° Secretário em 1919. Talvez por pertencer à mesma nacionalidade da pessoa proposta como associada – como sugere os sobrenomes "Porreta" e "Salgarella", de origem italiana – o ex-diretor do Grêmio o apresentou para ser aceito como associado, a despeito de sua ação criminosa. Assim, na visão de Salgarella e da diretoria da sociedade, matar em nome da honra familiar poderia não ser um empecilho tão grande para alguém ser admitido como sócio.

A questão da "moralidade de costumes", especificada entre os requisitos para associar-se ao Grêmio, era uma das preocupações centrais não somente em casos de propostas de novos nomes para associados, como também em relação às pessoas que pudessem ter acesso às atividades da sociedade. Isso é o que notamos:

> O sr. Jacob Blumer fala sobre o futuro dos sócios João do Ré e Vicente Sauri terem tirados convites para os convidados Caetano do Ré e Luiz Bento Rodrigues. O sr. Caetano do Ré trouxe em nossa festa mulheres de posição duvidosa e o sr. Luiz Bento Rodrigues transmitiu seu convite para outra pessoa.[17]

Notamos que os sócios tinham o direito de retirar convites para distribuí-los para pessoas que desejassem convidar. Entretanto, isso poderia ocasionar problemas, como no caso de Caetano do Ré, convidado que provavelmente possuía algum grau de parentesco com João do Ré, associado do Grêmio, e que teria facilitado a entrada de "mulheres de posição duvidosa". Entretanto, mesmo que esse incidente tenha sido provocado por um membro da família de um sócio, restringir a distribuição de convites para familiares ainda era visto como uma forma de evitar ao máximo qualquer ocorrência como a mencionada

[17] Ata de Sessão de Diretoria 8/12/1919

acima, evitando assim transtornos que pudessem agredir à moral familiar e à própria associação. Em outra festividade, a diretoria resolveu solicitar às famílias dos associados para que não deixassem entrar cavalheiros não pertencentes a elas.[18] Entretanto, se havia restrição à entrada de cavalheiros não pertencentes às famílias dos associados, o mesmo não ocorria com as mulheres. Em uma das festas de em benefício ao Grêmio, ficou decidido vender cada convite por 3$000, "com direito a um cavalheiro e três damas"[19].Vê-se, portanto, que a responsabilidade pelo acesso de pessoas de procedência duvidosa às dependências da associação era dos "cavalheiros".

3-Composição Étnica

Entre 1915 e 1924, o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro aparenta ter passado por algumas modificações no seu quadro de associados. Embora não tenhamos referências estatutárias que especifiquem se, desde sua fundação, as nacionalidades portuguesa e brasileira eram ou não pré-requisito para poder associar-se à agremiação, seria correto afirmar que nesse período o Grêmio admitia não somente portugueses e brasileiros, como também indivíduos pertencentes a outras nacionalidades, principalmente a italiana. Sobrenomes como "Bonfiglioli", "Andrighetti" e "Giannoni" e outros constando dos nomes propostos como sócios nas sessões de diretoria da sociedade, demonstram que nacionalidade não era um critério rígido de associação. A presença não somente de portugueses e brasileiros, mas também de italianos, é justificada e plausível já que, no período estudado, os italianos predominavam entre a população imigrante do Bom

[18] Ata de Sessão de Diretoria 30/11/1920
[19] Ata de Sessão de Diretoria 14/01/1921

Retiro.[20] Porém, torna-se difícil estabelecer uma composição étnica mais aproximada do quadro social do G.D.M. Luso -Brasileiro na medida em que nas sessões de diretoria em que existem relações de nomes são raras as menções à origem nacional dos propostos para se ingressarem no Grêmio como associados. Entretanto, pensar a associação não só como instituição com um determinado número de membros, mas como um espaço de sociabilidade – utilizado não só pelo G.D.M. Luso-Brasileiro, mas por outras associações para as quais o Grêmio alugava ou cedia o salão – reforça a possibilidade da existência de uma variedade maior de nacionalidades entre os indivíduos que freqüentavam o local.

Embora pessoas de origens étnicas diferentes fizessem parte do quadro de associados do Grêmio, é arriscado supor qualquer tipo de harmonia entre as nacionalidades presentes em seu interior. Observamos isso durante a Primeira Guerra Mundial quando, no ano de ingresso do Brasil no conflito, o diretor Barros propõe:

> que a diretoria do Grêmio elimine de seu quadro social todo aquele de nacionalidade alemã, que no estado de guerra entre os dois países não se aceite nenhum sócio dessa nacionalidade.[21]

Notamos, então, mais uma nacionalidade presente entre os sócios: a alemã, pois, se foi proposto eliminar sócios com essa origem do Grêmio, certamente que eles existiam em número relevante. Continuando sua intervenção, o sr Barros afirma que

> A sua vitória (da Alemanha) seria a morte da civilização, da justiça e da liberdade. Somente o direito da força permaneceria. Os pequenos países desapareceriam dos mapas. O Brasil seria uma das vítimas com o apetite germânico no sul de nossa querida pátria.[22]

---

[20] DERTÔNIO, *op. cit.*. p.22
[21] Ata de Sessão de Diretoria 10/11/1917
[22] *Idem*

Notamos aqui o peso da influência do discurso nacionalista brasileiro na fala desse diretor. Percebemos que, a despeito da característica de inserção dos alemães no cotidiano do Grêmio, não se levando em consideração se cumpriam ou não suas obrigações como sócios, o Brasil estava em guerra contra a Alemanha e, por isso, a agremiação teria a obrigação de, na medida do possível, colaborar com o país, o que justificava a exclusão dos alemães . Dessa maneira, na visão do diretor Barros, o G.D.M. Luso-Brasileiro poderia estar cumprindo com seu papel cívico. Sendo assim, além de aprovada a proposta, foi resolvido também

> que a diretoria do Grêmio promova em tempo oportuno uma grande quermesse em benefício da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo, oferecendo até 50% de renda líquida. [23]

Circunstância momentânea, em decorrência da influência do discurso oficial sobre a guerra contra a Alemanha, ou conflito étnico? Talvez ambas as coisas. Seria pouco provável que surgisse repentinamente, através de seus diretores, uma perseguição contra os alemães no interior da associação. A presença de pessoas de diferentes origens nacionais certamente significava muito mais uma alternativa mais acessível de lazer do que harmonia entre nacionalidades. Na dinâmica das relações sociais da cidade de São Paulo o conflito étnico se fazia presente no cotidiano dos trabalhadores [24], o que não devia ser diferente no bairro do Bom Retiro e no interior do Grêmio. No entanto, o conflito mundial certamente teve seu papel na exacerbação do estranhamento em relação à presença dos alemães. De qualquer maneira, a resolução da sociedade de excluir os sócios

---

[23] *Idem*
[24] MARAM. *op. cit.*. p.29

dessa origem gerou constrangimentos. Em dezembro de 1917, havia sido aberta uma sindicância contra o tesoureiro da agremiação, Luiz Cerri , para verificar se uma moça que estava em sua companhia em um festividade era alemã. Cerri pediu demissão do cargo e negou-se a prestar contas à associação. Embora alegando não ter mais vontade de ser diretor, a investigação instaurada certamente contribuiu para essa sua decisão.[25] Esse caso demonstra não somente os conflitos presentes no interior do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro, mas também uma das divisões possíveis no interior das classes trabalhadoras. Embora pudessem articular interesses em comuns, antagônicos às outras classes sociais, a experiência relativa a esta agremiação no instante do Primeiro Conflito Mundial revela que a questão nacional poderia se sobrepor à identidade de classe. Percebemos também a maneira como acontecimentos de grande escala podem ser interpretados numa esfera mais delimitada das relações sociais.

4- Mulheres

Em umas das poucas propostas de novos associados que envolviam mulheres como candidatas, percebe-se, em alguma medida, a maneira pela qual seu ingresso como sócias do Grêmio era tratado pelos diretores. Diante da indicação de algumas "senhoritas" para o quadro de associados como forma de recompensá-las por terem trabalhado em uma quermesse realizada pela associação, abria-se a seguinte discussão:

> O sr. Barros acha que não deve aceitar mais moças como sócias, por não dar o resultado que eram de esperar. O sr, Cerri diz que as sócias só dão prejuízos, não pagam mensalidades, recebem estatutos e distintivos e gozam de todas as regalias. O sr. Aguiar

[25] Ata de Sessão de Diretoria 11/12/1917

> diz [que] antigamente as donas trabalhavam melhor e não tinham essas regalias. Finda a discussão, o sr. Presidente põe em votação e foram as moças (...) aceitas como sócias do Grêmio.[26]

Embora a admissão das "moças" propostas como sócias tenha sido aceita, notamos que, para alguns diretores, a inclusão de mulheres ao quadro de associado não era vista com muito bons olhos. As palavras do diretor Sr. Luiz Cerri deixam entender que sócias estavam isentas de mensalidades e, como qualquer associado, recebiam os estatutos, distintivos do Grêmio e gozavam de "todas as regalias" – provavelmente direitos estatutários – e, por isso, representavam prejuízos à associação. Trabalhar em atividades realizadas pela agremiação, como no caso acima, poderia ser uma das maneiras de ingresso para as mulheres. Mas o Sr. Barros, frisando que "não deve mais aceitar moças como sócias", deixava entender que não existiam barreiras de ordem estatutária para a aceitação de mulheres no quadro de associados, mas sim obstáculos de outra ordem, como a financeira. No entanto, a esses obstáculos o sr. Aguiar soma outro: a prática da associação durante seu tempo de existência. Na visão desse diretor, "antigamente as donas trabalhavam melhor e não tinham essas regalias", deixando a entender, de certa maneira, que o trabalho das mulheres no auxílio da associação deveria ser feito sem qualquer interesse imediato que não fosse o bem da sociedade. Ou ainda, que pudessem ser admitidas como sócias, mas sem gozar dos plenos direitos dos sócios que pagavam suas mensalidades. Além disso, Aguiar tenta diminuir, perante as discussões sobre a aceitação ou não das moças como sócias, o trabalho que elas haviam prestado junto ao Grêmio. Embora tivessem acesso às suas atividades, a participação das mulheres no quadro de

[26] Ata de Sessão de Diretoria 20/9/1917

sócios da agremiação era bastante reduzida, não existindo nenhum caso em que elas ocupassem funções na diretoria da associação.

5-Diretoria

Assim como a nacionalidade de seus associados era variada, o mesmo pode ser dito em relação aos componentes da diretoria do Grêmio – embora os cargos de mais alta hierarquia tenham sido ocupados principalmente por portugueses e brasileiros. Essa variedade pode ser percebida a partir de um exame dos sobrenomes dos membros que ocuparam funções na diretoria do Grêmio entre 1915 e 1924: Agostinho Teixeira, Francisco Pereira da Silva, João de Aguiar, João Bento Rodrigues, Jose Mesa Campos, Sebastião Pereira Sobrinho e Manuel Pinto podem ser citados como representantes luso-brasileiros entre os diretores no período. Francisco Fernandez Velloza e Francisco Alcacer são nomes que sugerem origem espanhola. Entre os italianos, Luiz Fabbi, Athos Dalla Torre e Alcibíades Gregnanini. Jacob Blumer é o único nome de origem judaica presente entre os diretores no período – ocupando os cargos de presidente entre setembro e dezembro de 1918, e de secretário ou tesoureiro em gestões posteriores. Presidentes do G.D.M. Luso-Brasileiro no período foram: Agostinho Teixeira, sócio fundador(1915 e 1919-1923,), José Mesa Campos (1917), João de Aguiar (1918), Jacob Blumer (1918) e Francisco Pereira da Silva, também sócio fundador (1924).

A variação dos membros que compuseram a diretoria do G.D.M. Luso-Brasileiro é muito pouca. Com exceção do período compreendido entre 1915 e 1918, quando em cada ano houve uma renovação quase completa de gestão para gestão – com duração de 1 ano cada uma – as pessoas que ocupavam funções na direção eram quase sempre as mesmas. O caso mais notório é o de Agostinho Teixeira, eleito presidente em 1919 para

permanecer no cargo até 1923, quando foi substituído por Francisco Pereira da Silva. Francisco Velloza Fernandes, vice-presidente de Teixeira, permaneceria nessa função até 1922, sendo substituído por João de Aguiar em 1923. De uma gestão para outra, algumas vezes os membros permaneciam, mudando apenas de cargo. Esse é o caso de Jacob Blumer, que ocupou os cargos de presidente (1918), tesoureiro (1919), segundo secretário (1920) e outros. O processo de eleição das diretorias passava, primeiramente, pelos próprios membros da gestão dos respectivos mandatos. Verificando algumas das atas de sessões da diretoria, notamos que as discussões a respeito da formação de chapas para o ano seguinte eram comuns no final de cada gestão – fazendo parte dos assuntos constantes na ordem do dia das reuniões. Em dezembro de 1919, o tesoureiro do Grêmio, Jacob Blumer, convida seus companheiros de administração a permanecerem no cargo:

> Diz o mesmo que seria um transtorno se não tentássemos levar em avante a nossa missão, missão que depois de se acabar jamais se apagaria das páginas da história do Grêmio. [27]

Podemos notar que a presença de um grupo de pessoas levando adiante os trabalhos da administração era tida como bastante importante não somente para Jacob Blumer, mas para a maioria dos diretores que passaram pelo Grêmio, acarretando a existência de uma espécie de núcleo dirigente da associação. A aceitação de quase todos os membros da diretoria em formar uma chapa para as eleições seguintes, com poucas modificações, revela que os demais diretores também estavam convencidos da necessidade de permanecerem nos cargos.

[27] Ata de Sessão de Diretoria 29/12/1919

Ao ressaltar a necessidade de levar adiante uma missão, Blumer certamente ainda carregava consigo algumas decepções decorrentes do curto período em que ocupou o cargo de presidente, entre setembro e dezembro de 1918. Durante esse tempo, a epidemia da Gripe Espanhola atingiu gravemente e cidade de São Paulo, afetando o funcionamento do G.D.M. Luso- Brasileiro e de outras associações. Como veremos mais adiante, essa epidemia foi lembrada por Jacob Blumer como um dos principais empecilhos de sua curta gestão. E isto certamente contribuiu para que esse diretor, em finais de 1918, dissesse ser de opinião que "não se apresente chapa, deixando à vontade dos sócios."[28] No entanto, em 1918, a diretoria decidiu apresentar a chapa e Blumer, convencido pelos debates, aceitou ser tesoureiro na administração de 1919 – para depois, como vimos acima, convencer seus colegas da necessidade de dar continuidade aos trabalhos da gestão.

Durante o período abordado nesse trabalho, em quase todas as gestões foi comum que a diretoria apresentasse chapa oficial para posterior aprovação em assembléia. O que podemos notar também é que entre os indivíduos propostos e aceitos como associados, não verificamos nenhum caso em que algum deles assumisse posto na direção do Grêmio, fato que sugere a existência de um núcleo dirigente da associação. Poderíamos dizer, havendo pouca variação entre os membros que ocupavam cargo na diretora da agremiação, que o interesse dos associados pelas questões administrativas era praticamente nulo? Talvez sim. Mas também é provável que grande parte dos associados não tivesse experiência em lidar com questões burocráticas – como fazer balancetes, atas de reuniões, etc. – ou por haver alguma restrição estatutária que impedisse uma parcela considerável de sócios de exercer alguma função na diretoria como, por exemplo, ser

[28] Ata de Sessão de Diretoria 20/12/1918

analfabeto. Além disso, o núcleo dirigente da agremiação deveria ter um forte controle sobre ela.

6 - Hierarquia Interna

O funcionamento do G.D.M. Luso-Brasileiro como organização revela a presença de um certo grau de hierarquia entre associados e diretores, que certamente procuravam resguardar sempre sua legitimidade enquanto competentes para lidar com questões relativas aos interesses da associação. Em sessão de posse da diretoria, realizada em 14 de Janeiro de 1921, um ofício assinado por 34 associados, entre eles Juvenal da Motta, Mario P. dos Santos, e Salvador Castello, Horacio Matias e Antonio Rodrigues, expressava um descontentamento em relação à orquestra do Grêmio, solicitando à diretoria que aumentasse e trocasse seus membros. Em resposta,

> o sr. presidente (...) em breves palavras fez ver o erro que os associados que subscreveram o dito ofício incorreram, pois a Diretoria saberá muito bem dirigir os interesses sociais e não precisava de interesses diários. O sr. Mário protesta e diz que não julgava que com esse ofício viesse a magoar a Diretoria e satisfeito com as palavras do sr. presidente pedia desculpas e retirava em nome dos colegas o Ofício. [29]

Esta solicitação, pelo visto, soou como uma afronta ao presidente, Agostinho Teixeira. Sócio fundador do Grêmio, este diretor, que era reconduzido ao cargo no momento, dá entender a que de assuntos relativos aos interesses sociais da sociedade a diretoria entendia e, portanto, não necessitava de intervenções dos associados em assuntos administrativos. A recusa de Agostinho Teixeira em aceitar o sugerido pelos associados

[29] Ata de Sessão da Diretoria – Posse da Nova Diretoria 14/01/1921

poderia estar pautada no pouco peso numérico representado pelas 34 assinaturas do ofício. Embora não saibamos exatamente qual era o número exato de associados do Grêmio no início de 1921, podemos ter uma estimativa se levarmos em conta que em dezembro de 1918 eram em número de 179. Essa quantidade devia ser superior decorrido três anos, passada a epidemia da gripe espanhola e levando em conta os poucos pedidos de demissão em relação os pedidos de admissão de associados nas atas de reunião de diretoria. Certamente sabendo com exatidão o número de sócios, Agostinho Teixeira, que também deveria ter simpatia em relação à orquestra, desqualificou o pedido explicitado no ofício, levando Mario P. dos Santos, que talvez pudesse ter interesses relativos à orquestra do Grêmio, a retirar sua solicitação.

Outra característica das relações hierárquicas no G.D.M. Luso-Brasileiro pode ser notada através da atuação dos Fiscais de Salão, encarregados de zelar pelas regras e boas maneiras durante as atividades realizadas pela associação. Pelo que consta, eram indicados pela diretoria.[30] Um incidente ocorrido entre um dos fiscais, Atílio Felício, e um sócio-contribuinte e ex-diretor do Grêmio, Antônio Mesa Campos, em novembro de 1919, ilustra bastante as relações de hierarquia existentes no Grêmio. Atílio Felício, chamado para depor em sessão da diretoria, afirmou que teria pedido à Mesa para que se levantasse para dar lugar a uma senhorita "e este, levantando-se disse-lhe que queria ver a clausula do regulamento que cogitava do caso e que não atendia esta Diretoria".[31] Provavelmente com o orgulho de ex-diretor ferido, Antonio Mesa, afirmou que

[30] Ata de Sessão de Diretoria 15/04/1920
[31] Sessão de Diretoria 5/11/1919

> o sr. Felício repreendeu-o na frente de sócios e de senhoritas, que não havia lei que regulamentasse essa exigência(...)Estranhava o fato de ter sido repreendido no salão e de não ter sido chamado na secretaria para ser advertido.[32]

Como ex-diretor da associação, Mesa deveria entender minimamente sobre as disposições estatutárias que regulamentavam o comportamento no salão social. Embora não admitisse que houvesse alguma "lei que regulamentasse " e justificasse a ação de Atílio Felício, Mesa procura fazer um mea-culpa, admitindo que poderia ter sido repreendido na secretaria, e "não na frente dos sócios e senhoritas". Entretanto, Agostinho Teixeira, presidente do Grêmio, afirmou ter lido os estatutos "e diz que o sr. Mesa desautorizou a sua pessoa"[33]. Continuando o debate em torno do ocorrido,

> O sr. 1° Presidente diz que condena o sr. Mesa pelo fato dele ter desautorizado o Fiscal em pleno salão. O sr. Alcacer diz que os fiscais têm plena autoridade no salão.[34]

Mesmo alegando a falta de respeito do fiscal e do presidente em relação à sua pessoa, e após discussões estatutárias, Antônio Mesa Campos foi suspenso por 30 dias. Entretanto,

> O sr. João Bento propõe e é aprovado que d'ora em diante os senhores fiscais chamem à secretaria os sócios que não cumprirem com os seus deveres, evitando assim que hajam conflitos no salão. Isso deverá ser feito na presença do diretor que estiver presente na sede. [35]

---

[32] *Idem*
[33] *Idem*
[34] *Idem*
[35] *Idem*

Criada para "evitar conflitos no salão" e constrangimento entre aos associados, essa resolução poderia servir também como um instrumento para que os fiscais não fossem além de suas atribuições. Antes desse caso, outro já havia ocorrido entre um fiscal de salão, Miguel Felício – talvez com algum grau de parentesco com Atílio Felício – e João de Aguiar, diretor do Grêmio em 1917, ano do incidente:

> [O diretor Sr. Aguiar] fala sobre as danças no salão do Grêmio e queixa-se do fiscal de sala Miguel Fificio, que o desrespeitou na festa de 25 do corrente. O sr, presidente diz que a vista disso teria-se necessário outro fiscal. [36]

Mesmo sendo a autoridade máxima no salão, qualquer tipo de repreensão por má conduta deveria, a partir de novembro de 1919, ser feita na secretaria e na presença do diretor que estivesse na sede. Assim como a diretoria procurava se legitimar enquanto competente para lidar com as questões relativas à administração, os fiscais certamente , talvez com alguma sensação de superioridade em relação aos outros sócios – mesmo no caso de um ex-presidente – procuravam afirmar sua autoridade naquilo que lhes competia: chamar a atenção dos sócios que porventura não estivessem cumprindo com os seus deveres – mesmo que fosse a simples obrigação de se levantar para dar lugar à uma senhorita. E, assim como no caso dos diretores, fazer-se cumprir deliberações estatutárias poderia significar a oportunidade de ter, mesmo que por poucos instantes, algo que muito provavelmente não tinham em outras situações de seu cotidiano: a oportunidade de interferir diretamente, de acordo com sua interpretação, no funcionamento de algo. Se durante a Primeira República a participação popular na política oficial era bastante limitada, como veremos a seguir, participar de uma associação atuante no cotidiano do

[36] Ata de Sessão de Diretoria de 31/08/1917

bairro certamente era coisa séria para seus associados – certamente uma das formas que a política assumia entre os trabalhadores.

7-Políticos e pessoas influentes: em busca de benefícios

Considerando que tinham direito ao voto cidadãos brasileiros, homens e maiores de 21 anos, os aptos a votar no bairro seriam aproximadamente 2.600[37], para uma população em torno de 29 mil habitantes. No entanto, existiam outras exigências. A Lei de Novembro de 1904 dizia que, para ser eleitor, o cidadão deveria provar: idade mínima, saber ler e escrever, estado civil, filiação, idade, profissão e residência, além de não pertencer a ordens religiosas e não estar prestando serviços militares, o que certamente limitava ainda mais o número de votantes do Bom Retiro[38]. A título de exemplo, apenas 266 pessoas no bairro participaram das eleições presidenciais de 1922, quando disputavam o cargo Arthur Bernardes e Nilo Peçanha.[39] Esse baixo número reflete a pouca participação dos trabalhadores nos pleitos eleitorais durante toda a Primeira República – participação essa que, segundo Paulo Sergio Pinheiro, representava cerca de 3% do total da população votante no país até 1930.[40]

Entretanto, notamos que, em algumas ocasiões, a diretoria do G.D.M. Luso-Brasileiro lançava mão dos canais políticos oficiais como maneira de lidar com alguns de seus problemas cotidianos, como em 1917:

---

[37] Número referente à quantidade de homens, brasileiros e maiores de 21 anos segundo o Recenseamento de 1920.

[38] FERREIRA, Manuel Rodrigues. *História dos Sistemas Eleitorais Brasileiros*. São Paulo: Livraria Nobel S.A. 1977. p.125

[39] *O Combate* 2/03/1922 p. 1

[40] PINHEIRO. "O Proletariado Industrial na Primeira República". p. 177

> O sr. Aguiar propõe que se nomeie uma comissão para se entender com o chefe político do Bom Retiro no sentido de conseguir do Governo um terreno sito nesse bairro, para jogos de foot-ball aos sócios do Grêmio. Esta comissão ficou composta pelos senhores presidente, vice e 1° Tesoureiro. O sr. Barros propõe que essa comissão, aproveitando a ocasião, fale também sobre o calçamento da rua da Graça, em frente ao Grêmio.[41]

As reclamações a respeito das condições das ruas do bairro eram freqüentemente noticiadas na imprensa as quais, dado a sua periodicidade, demonstram que problemas do tipo estavam longe de serem sanados. Assim, o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro procurava alguma solução, pelo menos para o trecho da rua em que se localizava. Se, dada a precariedade do bairro, poderia ser improvável que cada associado, de maneira individual, pudesse ter a frente de sua residência devidamente calçada, ao menos o lugar de sociabilidade por eles freqüentado poderia ter esse privilégio. No que diz respeito ao terreno para o futebol, o presidente da associação, em sessão de diretoria realizada no mesmo mês, dizia que mandaria "um aviso para que sócios amadores desse sport se inscrevam, dando começo à formação do pessoal"[42]. Sucesso da empreitada?

Em maio de 1923 o G.D.M. Luso-Brasileiro solicitaria novamente o auxílio das autoridades. O motivo da solicitação não diferia muito da anterior, como podemos notar:

> O sr. João de Aguiar diz para oficiar as srs Paiva Meira e Sousa Queiroz, ambos vereadores, pedindo para intercederem junto aos poderes públicos para auxiliarem a Seção Esportiva. [43]

[41] Ata de Sessão de Diretoria 20/08/1917
[42] Ata de Sessão de Diretoria de 31/08/1917
[43] Ata de Sessão de Diretoria 25/05/1923

Novamente sob sugestão de João de Aguiar, que nesse ano ocupava a função de vice-presidente, o Grêmio pede que os referidos vereadores auxiliem a sociedade em prol de seus interesses. Existe referência de que a agremiação possuía uma sessão esportiva ainda em 1917 – como demonstra a formação de uma equipe de futebol – e, além disso, turma de ping-pong.[44] Mas foi em 1920 que foi inaugurada uma Seção de Educação Física[45], que, a partir de setembro do mesmo ano, passaria a oferecer aulas – atitude aplaudida pelo *O Combate*, jornal que publicou a notícia referente ao evento.[46] Um pedido de auxílio para a Seção Esportiva do Grêmio não deveria ser tão difícil de ser aceito já que os poderes públicos, embasados no discurso médico e higienista, passam a incentivar a prática esportiva.[47] No entanto, para os diretores que fizeram a solicitação, o que mais deveria importar – a despeito do maior ou menor grau de aceitação, por parte da diretoria e dos associados, do discurso oficial em relação à educação física e esportiva – era obter mais benefícios para a sociedade. Isso faria com que as demandas dos associados, que tinham a associação como uma oportunidade de lazer, fossem mais bem atendidas, fazendo também com que a diretoria ganhasse mais credibilidade entre os sócios.

Podemos dizer que ao solicitar auxílio do chefe político do Bom Retiro e dos vereadores, a associação lançava mão de um recurso a mais para darem bom andamento às suas atividades. Não deveria ser tão difícil obter resultados a partir de pedidos como esse já que, na mesma ocasião em que João de Aguiar sugeria recorrer aos vereadores Paiva Meira e Sousa Queiroz, o presidente do Grêmio, Agostinho Teixeira, comunicava que um

[44] Ata de Sessão de Diretoria 19/01/1919
[45] *O Combate*. 16/04/1920
[46] *Idem* 8/09/1920
[47] SEVCENKO, *op. cit.*. p. 47

monitor da Força Pública havia se oferecido para dar continuidade aos seus trabalhos na Seção Esportiva sem gastos para os cofres da associação – pois o monitor acertaria com os alunos.[48] Além dos mais, atender a esse tipo de interesse poderia render os poucos votos que os diretores e associados poderiam conferir ao político ou vereador que se prestasse a auxiliá-los, o que deveria ser bastante valioso dado ser raro o número de pessoas que votavam no bairro.

De qualquer forma, esse tipo de relação com a política e seus representantes nas esferas administrativas do poder público revela um pouco do sentido que os diretores viam nesse tipo de ação: o de solicitar a intervenção de políticos e parlamentares municipais para a solução de problemas imediatos referentes à organização e ao funcionamento da associação. Questões de caráter mais abstrato, com filiação partidária e tendências políticas das pessoas a que eram solicitadas a prestar favores ao Grêmio não estavam em questão. Discussões referentes à política partidária e oficial nunca estiveram entre os assuntos discutidos nas reuniões de diretoria, revelando que deviam ser distantes das preocupações dos diretores e associados e, conseqüentemente, do G.D.M. Luso-Brasileiro como instituição – o que não impedia que, em outras instâncias ou de maneira individual, o envolvimento com questões da política oficial fosse relevante. Esse tipo de estratégia pode ser considerado como um contraponto ao baixo número de eleitores do Bom Retiro. Embora não participassem diretamente dos pleitos eleitorais, os moradores do bairro, de forma semelhante aos diretores do G.D.M. Luso-Brasileiro, poderiam ter a solicitação de favores aos administradores como um dos canais possíveis de reivindicação – mesmo que se eximissem da responsabilidade pela escolha de seus representantes.

[48] Ata de Sessão de Diretoria 25/05/1923

Além da relação com lideranças políticas e vereadores da cidade, o contato do Grêmio com pessoas influentes foi outra maneira encontrada para conseguir alguns benefícios ou favores. Entre essas pessoas, Antonio De Camillis, sócio benemérito e provavelmente proprietário do Lanifício De Camillis. A presença deste benfeitor é notada desde 1918, quando foi requisitado para que contribuísse com um "Livro de Ouro" em prol da realização de alguns melhoramentos nas dependências da sociedade.[49] No entanto, o peso maior de suas atuações pode ser notado a partir da seguinte referência:

> (...) o sr. José P. Dos Santos falou ao sr. Antonio de Camillis e (...) este sr. deu uma carta para a presidência recomendando o Grêmio. Em vista disso e aos esforços dos sr. José P.dos Santos (...)e mesmo à boa vontade da Presidência ,conseguiu-se abatimento nos impostos, ficando este reduzido à 450$000, para ser pago em 6 meses. [50]

Através de uma carta de recomendação de Antonio de Camillis, entregue à presidência do Grêmio, a associação obteve abatimento no valor dos impostos. Dessa maneira, era bastante interessante a sociedade manter boas relações com esta pessoa, que certamente deveria ter consideráveis influências junto aos responsáveis pela cobrança de impostos. Em outra ocasião, os diretores registravam seus agradecimentos a De Camillis, "digno sócio benemérito", que havia doado 100$000 para a agremiação e auxiliado o grêmio na reforma da hipoteca:

> [O presidente] Pede para que seja oficiado a esse senhor agradecendo cada dívida. (sic) Pede ainda que deste ofício conste um agradecimento da diretoria pelo fato do

[49] Ata de Assembléia Geral Ordinária 12/01/1919
[50] Ata de Sessão de Diretoria 27/11/1919

sr. Antonio De Camillis muito ter ser esforçado pela reforma da hipoteca e pela diminuição dos impostos. [51]

Além da competência necessária para gerir os assuntos relativos à associação, era preciso também que seus diretores mantivessem boas relações com pessoas influentes que pudessem auxiliar a sociedade em caso de dificuldades financeiras. Essa foi uma das estratégias utilizadas pelo Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro, o que deve ter contribuído de maneira significativa para uma relativa estabilidade de sua organização.

A experiência do G.D.M. Luso-Brasileiro em suas relações com políticos e pessoas influentes revela uma das estratégias possíveis dos trabalhadores do Bom Retiro, agremiados em uma associação, na defesa de seus interesses. De maneira diferente das propostas defendidas pelas lideranças sindicais e políticas, a diretoria do Grêmio enxergava a negociação com a administração pública e com o patronato como um instrumento importante para conseguir benefícios para a associação a que pertenciam. Saber lidar como esse tipo de estratégia exigia um conhecimento mínimo acerca das relações que permeavam as esferas sociais e políticas do bairro e da cidade de São Paulo. Assim, a ação dos diretores do Grêmio se reveste de um certo grau de planejamento e consciência a respeito das relações sociais em que estavam inseridos.

8-Atividades Beneficentes

Como já ressaltamos, na Assembléia de aprovação dos estatutos do G.D.M. Luso-Brasileiro, realizada em 30 de outubro de 1900, ficou estabelecido que, em caso de atraso de mensalidades por doença ou desemprego, a associação realizaria espetáculo em

[51] Ata de Sessão de Diretoria 5/01/1920

benefício da pessoa afetada por esses tipos de problemas. Esse artifício pode ter sido criado para fazer com que os pagamentos das mensalidades não fossem suspensos já que, nos primórdios de seu funcionamento, o não pagamento da cota mensal de qualquer associado à agremiação poderia fazer falta, já que havia poucos associados.[52] No entanto, essa resolução estatutária serviu também como maneira de se solidarizar com associados, servindo como instrumento de auxílio caso passassem por dificuldades. Numa reunião de diretoria, realizada em julho de 1917, João de Aguiar e Antonio Mesa, diretores do Grêmio, encaminharam pedido em favor de Ana Bossolotti, cujo pai, João Bossolitti havia falecido recentemente e

> cuja família, além de ter ficado em patente estado de penúria, acha-se quase que desamparada.[Considerando que] a referida consocia tem prestado relevantíssimos serviços ao Grêmio, e entendendo a circunstância de sua família achar-se muitíssima necessitada, espera-se que a diretoria (...) lhe conceda o salão e palco gratuitamente em 21 de Julho próximo futuro, afim de que possa realizar um soireè-quermesse em benefício dessa família.[53]

Com apenas um voto contrário, o pedido foi aprovado, porém, com data marcada para 8 de setembro seguinte, já que, na data solicitada, o salão já estaria agendado. Notamos que, além de reforçar a necessidade de conceder o salão para Ana Bussolotti devido à sua família "achar-se muitíssima necessitada", o que por si só atenderia às exigências estatutárias para a realização de atividade beneficente à solicitante, o pedido ressalta a prestação de "relevantíssimos serviços ao Grêmio", reforçando assim a

[52] Lembremos que a primeira Assembléia Geral, realizada em 17 de Julho de 1900, contou com apenas 27 presentes.
[53] Ata de Sessão de Diretoria 19/07/1917

necessidade do pedido ser aceito. Outros pedidos de concessão do salão para a realização de atividades beneficentes foram feitos, como o do sócio José Cardovani,

> pedindo o salão e palco para realizar uma festa dançante em 3 de janeiro próximo vindouro em benefício de uma viúva, sua parente, e seus filhos. [54]

Esta solicitação foi atendida "mediante de pagamento de luz, somente" [55] – valor que não deveria ser tão significativo em relação ao total cobrado pelos aluguéis. A título de exemplo, em 1915 o G.D.M. Luso-Brasileiro cobrava da sociedade Apolo 100$000 de aluguel do salão e mais 100$00 para cada festa que fosse por ela realizada.

Em algumas ocasiões, a diretoria do Grêmio, ao invés de ceder gratuitamente o uso do salão, concedia abatimento no valor do aluguel. Entretanto, nem sempre os pedidos de diminuição desse valor eram aceitos. Em junho de 1922, quando Maria Furina solicitou à direção do Grêmio o abatimento do aluguel de salão em seu benefício, a resolução dos diretores foi de

> Não tomar em consideração o supradito (o ofício) em vista não estar de acordo com os nossos estatutos, ficando, porém, o secretário autorizado a oficiar a mesma para que [apresente] outro ofício, mas de acordo com os nossos estatutos.[56]

O não deferimento do ofício poderia estar baseado simplesmente em questões de ordem burocrática, sem questionamento sobre o caráter do evento. No entanto, o caso de Maria Furina não era igual ao anteriormente citado, já que o salão estava sendo alugado

---

[54] Ata de Sessão de Diretoria 20/10/1919
[55] *Idem*
[56] Ata de Sessão de Diretoria 9/07/1922

para a realização da atividade –contrariamente ao caso de Ana Bossolitti para a qual, em vista de sua situação precária e dos serviços que, segundo sos diretores do grêmio, essa sócia havia prestado à associação, foi cedido o salão. Maria Furina poderia ter solicitado o uso das dependências da sociedade sem estar passando por dificuldades maiores, fazendo, talvez, da atividade apenas um complemento de sua renda. Entretanto, foi lhe dada uma oportunidade para reformular o pedido.

Apesar da possibilidade de auxílio aos associados que por ventura se vissem impedidos de efetuar o pagamento de suas mensalidades em dia, existia um certo rigor para que as contribuições mensais fossem feitas regularmente. É o que podemos supor a partir de caso de pedidos de licença de alguns associados:

> Solicitam licença de 90 dias os senhores Umberto Agrassio Garcia, Aristides Ridolfo, José Messina, Miguel Felício e Francisco Tambarelli. A diretoria concedeu as duas primeiras e negou as três últimas, sob o fundamento de que esses sócios não exprimiram a verdade: alegaram mal estado de saúde, quando no domingo estiveram dançando no Grêmio. [57]

Se concedidas as licenças por mal estado de saúde, os solicitantes poderiam ficar desobrigados de pagar suas mensalidades – como previam os estatutos. Negar a licença pedida por sócios que tinham sido vistos dançando no salão, fato que serviu como prova contrária à existência de doenças ou moléstias entre os solicitantes, poderia ser uma maneira de evitar abrir precedentes para que outros associados tentassem burlar as regras do Grêmio, tentando se isentar, sem motivo, do pagamento de mensalidades.

[57] Ata de Sessão de Diretoria 20/09/1917

A política de atividades beneficentes não era restrita a pessoas e indivíduos que, em decorrência de situações difíceis, solicitavam o salão do grêmio para realizar festivais para arrecadação de fundos. Outras associações requisitavam o salão para benefício de si ou de terceiros. Em janeiro de 1919, a diretoria do G.D.M. Luso- Brasileiro, no expediente de sua reunião, discutiu "um ofício do Cento Dramático Recreativo Renascença solicitando o salão e palco para realizar uma festa em benéfico de uma viúva e cinco filhos"[58] A diretoria resolveu ceder o salão pela metade do preço "em vista de se tratar de um benefício"[59] O fato de que esta sociedade já vinha utilizando o espaço do grêmio, mediante pagamento de aluguel, certamente facilitou o deferimento do pedido. Mesmo que, em julho de 1919, o diretor Francisco Alcacer reconhecesse que o referido centro tinha má fama, isso não foi motivo para afastar o CDR Renascença das dependências do Grêmio, já que, antes de tudo, " comportaram-se sempre [e até] hoje não tem faltado ao seu compromisso"[60]. Assim, nada mais justo que lhe facilitar o uso do salão para atividade beneficente – embora cobrando metade do aluguel.

Outras sociedades utilizaram as dependências do Grêmio para promoveram atividades em benefício próprio, como a Citta di Napoli, que solicitou aos diretores da agremiação o abatimento do aluguel do salão para realizara uma festa em "benefício dos cofres sociais."[61] A relação dessa agremiação com o G.D.M. Luso-brasileiro começara em dezembro de 1919, como ficou registrado em uma das atas de reunião de diretoria:

---

[58] Ata de Sessão de Diretoria 19/10/1919
[59] *Idem*
[60] Ata de Sessão de Diretoria 20/07/19
[61] Ata de Sessão de Diretoria 8/09/1920

> O sr. 1° Presidente fala da Città di Napoli, agremiação congênere à nossa que pretende alugar o salão para dar ensaios aos domingos, ficando definido submeter esse caso à apreciação da próxima assembléia[62]

O caso foi remetido à assembléia. No entanto, embora não tenhamos registros de como se desenvolveram as discussões a respeito, verificamos que sua sede social, no jornal *O Combate*, era anunciada como sendo localizada no próprio local onde o G.D.M. Luso-Brasileiro se estabelecida, na rua da Graça, 144.[63] Isso provavelmente devido à diretoria do Grêmio, reunida em Sessão de 31 de Março de 1920, ter aprovado ceder um espaço para que a Citta di Napolli despachasse na própria secretaria do Luso.[64] As relações entre essas sociedades eram bastante estreitas, levando até mesmo a Città di Napoli – que sempre era convidada a tomar parte nas festividades do Grêmio – a cancelar uma de suas festividades quando um dos sócios do Luso-Brasileiro faleceu.[65]

Mesmo sem ter relações tão próximas com outras sociedades, o caráter beneficente de organizações como a Sociedade Operária de Socorros Pecuniários, era motivo para dar consentimento ao seu pedido de abatimento no aluguel do salão:

> O sr. Presidente faz ver aos mais diretores que a dita sociedade era beneficente e que portanto fazia a proposta de cobrar metade do aluguel[66]

Como podemos notar, o caráter beneficente das organizações que solicitavam o uso de seu espaço era um dos requisitos para a aceitação dos pedidos de abatimento do aluguel

---

[62] Ata de Sessão de Diretoria 8/12/19
[63] *O Combate*, 01/07/1920
[64] Ata de Sessão de Diretoria 31/03/1920
[65] *Idem*
[66] Ata de Sessão de Diretoria 13/05/1920

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

– certamente um sinal de simpatia em relação ao motivo, já que a beneficência também constava entre seus objetivos definidos nos estatutos. Mas, além disso, outros fatores poderiam facilitar a cessão do salão, como podemos notar em um ofício do Circulo de Estudos Sociais, com sede no Bom Retiro,

> solicitando o abatimento no aluguel do salão. [A diretoria concordou em] conceder ao abatimento de vinte e cinco mil réis no aluguel de salão e palco para o Circulo de Estudos Sociais realizara o seu festival em benefício (...) atendendo à circunstância de se tratar de uma associação nova e que vai dispensar instrução aos seus associados(...)[67]

Em maio do mesmo ano, uma associação libertária de nome semelhante, o Centro de Estudos Sociais, promoveu uma festa em benefício dos periódicos *A Plebe* e *Alba Rosa* nos salão do Grêmio.[68] Tendo em vista que comumente a imprensa operária mencionava uma mesma associação utilizando denominações distintas em notícias diferentes, é provável que o Circulo de Estudos Sociais e o Centro de Estudos Sociais se tratassem da mesma agremiação. Partindo dessa premissa, notamos uma possível simpatia do Luso-Brasileiro em relação à entidade libertária, embora seja mais plausível que o motivo principal dessa simpatia fosse o caráter educativo da entidade, como menciona a notícia acima, e não propriamente os ideais vinculados ao anarquismo. Além disso, o fato de se tratar de um pedido de uma organização nova, que poderia estar enfrentando dificuldades, também pesou na decisão da diretoria, sugerindo uma relativa simpatia de seus membros pela sua iniciativa de organização – independentemente do caráter libertário que poderia

[67] Aa de Sessão de Diretoria 31/03/1920
[68] *A Plebe*, 29/05/1020

estar revestida, caráter esse tão estigmatizado pelas elites políticas e pelas autoridades policiais durante a Primeira República.

A partir das atividades beneficentes realizadas nos salões do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro, notamos algumas nuances em relação a sua política de benefício. Primeiramente, verificamos que cumpria as resoluções estatutárias que, desde sua fundação, especificavam que a associação auxiliaria associados em caso de dificuldades – desemprego ou doenças. Dessa maneira, ao se associarem ao Luso, os sócios poderiam estar à procura não somente de um espaço para a prática do lazer, mas também de uma associação que pudesse ampará-los caso enfrentassem dificuldades – o que demonstra uma das estratégias disponíveis aos trabalhadores diante de suas demandas cotidianas Notamos ainda que a política de realização de atividades do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro não se restringia aos seus associados. Tomando como base critérios como "educativo" e "beneficente" de outras sociedades, o Luso tornava-se também um espaço para que outras agremiações pudessem fomentar atividades com o fim de angariar fundos em seu benefício. No entanto, de modo diferente dos pedidos individuais de pessoas que passavam por dificuldades, o Grêmio cobrava aluguel, embora com valor reduzido – certamente para cobrir despesas decorrentes da atividade realizada e seus gastos cotidianos.

Encontramos apenas um caso em que a diretoria do Grêmio negou fazer abatimento do aluguel do salão para uma associação: foi para o Goldestein Futebol Clube, que provavelmente se tratava de um clube esportivo ligado à Casa de Móveis Goldestein, na rua José Paulino, pertencente à Jacob Goldestein. A direção do Luso-Brasileiro pode ter avaliado que o referido clube, por estar relacionado a um estabelecimento comercial, teria

condições de efetuar o pagamento do valor integral do aluguel do salão. Sendo assim, indeferiu seu pedido. [69]

Fundamental na política de concessão de seus salões, além de atender casos individuais – embora de maneira diferenciada – é que o G.D.M. Luso-Brasileiro abria espaço para que outras associações utilizassem suas dependências para a realização de suas atividades, fossem elas ou não de caráter beneficente. Assim essa agremiação poderia ser referência não só para as pessoas pertencentes ao seu quadro social, mas para membros de outras sociedades. Em uma das reuniões de diretoria do Grêmio, ficou registrado:

> Da diretoria do Sport Club Saturno recebemos um amável ofício ao qual agradecia-nos cordialmente a generosidade por nós praticada em ceder-lhes o salão e palco mais dependências do Grêmio.
> Encerra o ofício com mui belas palavras que nos honram e agradecemos sinceramente[70]

O Sport Club Saturno, com sede na rua General Flores, era bastante ativo no Bom Retiro, participante de diversos torneios. Além da referência acima, encontramos outras relativas a esse clube esportivo, como a da realização da festa de seu aniversário em 1920, na sede social do Grêmio Dramático e Recreativo Luso-Brasileiro.[71] Ao ceder espaço para essa sociedade, o Grêmio poderia estar lançando mão de outro critério: a possibilidade ou não de o clube pagar o preço do aluguel critério esse que, no caso do Goldestein Futebl Club, foi aplicado para lhe negar o abatimento pedido no preço cobrado pelo ouso do salão.

Outros clubes do bairro também passaram pelo Luso-Brasileiro, como o "Sport Club Primeiro de Julho", e um velho conhecido dos moradores do Bom Retiro e, naquela

---

[69] Ata de Sessão de Diretoria 7 /12//1920
[70] Ata de Sessão de Diretoria 0707/1919
[71] *O Combate* 05/06/1920

época, do conjunto dos paulistanos: o Sport Club Corinthians, para o qual alguns sócios solicitaram os salões como o fim de homenageá-lo em outubro de 1919.[72] Isso revela que as dependências do Grêmio, já com uma razoável experiência de organização, eram requisitadas tanto por serem as instalações mais adequadas à realização das atividades – com maior espaço, camarotes e energia elétrica, frutos do trabalho de uma organização que havia sido fundada ainda no final do Século XIX – quanto pelo fato de a agremiação já ter sido consolidada como referência para a maioria dos moradores do Bom Retiro. Assim, a experiência do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro deve ser considerada não somente enquanto associação restrita aos seus sócios, mas também como um espaço de sociabilidade ao alcance de outros moradores do Bom Retiro. A relação dessa agremiação com outras do bairro e da cidade de São Paulo mostra a existência de uma rede de solidariedade entre sociedades de caráter semelhante, oriundas de condições sociais em comum – o que deveria ser fundamental para que cada uma delas pudesse levar adiante suas atividades associativas e atender às demandas cotidianas de seus associados.

9-A Epidemia de Gripe Espanhola

Segundo Liane Bertucci, em 1918, "com o Estado ainda impactado com a greve do ano anterior, que desordenou não só a produção, mas a vida diária, especialmente da Capital, São Paulo será tomado por novo descontrole, mas de outra ordem, ligada diretamente à saúde: o representado pela gripe espanhola – a influenza."[73] No Rio de Janeiro, a gripe atingiu 2/3 da população, matando cerca de 12.830 pessoas.[74] Segundo

[72] Ata de Sessão de Diretoria de 20/10/1919
[73] BERTUCCI. *op. cit.* p. 69
[74] *Idem* p.70

dados organizados pela Associação Brasileira de Escoteiros, os mortos em decorrência dessa doença na cidade de São Paulo foram em torno de 4.707, para uma população de aproximadamente 480 mil habitantes.[75] No entanto, segundo Liane Bertucci, o número total de mortos na capital paulista foi superior a 5.000[76], o que é bastante provável na medida em que os dados apresentados pela Associação Brasileira de Escoteiros foram publicados quando a doença ainda se desenvolvia na cidade.

O bairro do Bom Retiro, assim com outros bairros habitados por trabalhadores, sofria com o problema de infra-estrutura, o que contribuiria para que o bairro fosse afetado de maneira considerável pela epidemia que se alastrava. Em outubro de 1918, quando a doença passou a evoluir com maior rapidez na cidade, o jornal *A Gazeta* noticiava:

> É natural (...) que a gripe melhor se propague nos bairros mais pobres, como o Braz, Mooca, Cambuci, Pari, Bom Retiro, Bexiga, etc, onde a população é mais densa(...)[77]

Dessa maneira, a epidemia de Gripe Espanhola atingia proporções nunca verificadas na cidade de São Paulo, atingindo os moradores do Bom Retiro, onde novos casos surgiam a cada dia:

> A Gripe no Bom Retiro
>
> Foram verificados ontem no posto de Socorro do Bom Retiro, à Rua da Graça, 89, 301 casos novos e mais 60 a domicílio(...)[78]

---

[75] *A Gazeta*, 26/11/1918
[76] BERTUCCI, *op. cit.*, p. 70
[77] "A Influência da Espanhola", *A Gazeta*, 25/10/1918
[78] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 30/10/1918

Devido ao avanço da doença, algumas precauções eram recomendadas, como fugir das aglomerações, "principalmente à noite" assim como "não freqüentar teatros nem cinemas."[79] Assim, as sociedades recreativas do bairro também entrariam no rol dos estabelecimentos que ofereciam risco de contágio. Trazendo a questão para a ordem do dia, o jornal *A Gazeta* noticiava em tom de alerta:

> Club de dança existem (...) às centenas pela cidade que continuam ativos, na faina de reunir, à noite, para a violência dos exercícios dançantes, milhares de sócios imprudentes para os quais se faz mister volvam as autoridades as suas vistas, como já fizeram com as escolas e as igrejas(...)[80]

A notícia acima revela também a inserção dos clubes dançantes no cotidiano da cidade. Não tardou muito para que as sociedades recreativas "aceitassem" os conselhos da imprensa e interrompessem suas atividades :

> Sociedades Fechadas – Devido à epidemia da gripe e de acordo com as medidas aconselhadas pelo Serviço Sanitário ficarão fechadas até segunda ordem as seguintes sociedades do bairro:
> G.D.M. Luso-Brasileiro, C.D.R. Renascença, S.C. Amazonas, G.D.R. Flor da Coroa, C.D.R. Olavo Bilac, G.D.R. Moderno, G.D.R. Bela Itália, Concórdia F.C, A. Brasil Club, S. C. 1° de Julho, G.D.R Flor do Oriente, Escola Moderna de Dança e G.D. A. Roma"[81]

As recomendações feitas pelo Serviço Sanitário certamente foram dadas na forma de ordem. Mesmo durante período em que o problema relacionado à expansão da doença se

[79] "Para Evitar a Gripe", *A Gazeta*, 16/10/1918
[80] "A Influência Espanhola", *A Gazeta*, 22/10/1918
[81] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*, 26/10/1918

tornava cada vez mais crítico, clubes como o C.D.R. Renascença continuavam realizando suas atividades, aumentando os riscos de contágio entre as pessoas que freqüentavam o lugar.[82]

A Gripe Espanhola apareceu na ordem do dia do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro em sessão de diretoria realizada 26 outubro de 1918 – quando os casos de contágio atingiram o número de 2.208 pessoas na cidade de são Paulo.[83] Nessa reunião, o presidente do Grêmio, Jacob Blumer,

> declara que a presente sessão tem por fim exclusivo de tratar de assuntos a respeito da epidemia reinante e declara que as suas intenções é de suspender os ensaios dançantes até nova ordem.(sic)[84]

Tomando as medidas que julgava cabíveis diante do momento critico pelo qual o Bom Retiro e a cidade de São Paulo passavam, a diretoria do Grêmio, aceitando a sugestão de seu presidente, deliberou "suspender todos os divertimentos sociais e para esse fim foi fixado um aviso na porta para informar os srs. associados." [85]

Para a tomada dessas decisões, as ordens das autoridades competentes foram fundamentais, como revela um dos diretores do Grêmio, em Assembléia Geral realizada um dia depois de a diretoria ter aprovado suspender os "divertimentos sociais":

(...)o sr. José Mesa diz que devido à epidemia que desenvolveu-se de modo assustador nesta capital, era de opinião de que fossem suspensas as festas e os divertimentos sociais, e, que entendendo-se a respeito com o Delegado Geral, este foi de parecer que todas as sociedades

---

[82] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*,18/10/1915
[83] "A Influência da Espanhola", *A Gazeta*, 25/10/1918
[84] Ata de Sessão de Diretoria 26/10/18
[85] *Idem*

deviam suspender os seus trabalhos durante e epidemia, isto com o fim de evitar aglomerações, pois, se tal não fizessem expoente sua (sic) fariam obrigados pelos poderes superiores.[86]

A proposta foi aprovada pelos sócios, ratificando as decisões da diretoria – aprovadas um dia antes. Notamos também a intervenção das autoridades policiais para que as sociedades suspendessem "seus trabalhos durante a epidemia.". Caso não procedessem dessa maneira, seriam obrigados pelos poderes superiores – o que demonstra uma ação conjunta entre a polícia e o Serviço Sanitário para tentarem frear os avanços da doença.

Embora as atividades normais do Grêmio tenham sido afetadas de maneira semelhante às outras sociedades do bairro, sendo obrigado a interrompê-las temporariamente em decorrência da epidemia da Gripe Espanhola, as reações dessa sociedade não se resumiram em meramente acatar o parecer das autoridades policiais e sanitárias. Ainda na primeira reunião de diretoria em que o problema da doença veio à tona, os diretores decidiram ceder as dependências da associação para o uso da Cruz Vermelha, além da quantia de 100$000 mensais enquanto a gripe durasse.[87] Apresentando essa proposta em Assembléia Geral para aprovação, João de Aguiar

> achando justo o fechamento temporário do Grêmio diz que todo o bom sócio deve aprovar o ato da Diretoria, e propõe que o edifício social seja posto à disposição da Cruz Vermelha para a instalação de um hospital ou posto de socorro, e que nesse sentido se oficie à diretoria daquela Benemérita associação.[88]

[86] Ata de Assembléia Geral 27/10/1918
[87] Ata de Sessão de Diretoria 26/10/1918
[88] Ata de Assembléia Geral 27/10/1918

A proposta foi aceita pelos presentes, sendo também aceita a realização de uma subscrição pública em prol da Cruz Vermelha, o que renderia a quantia de 256$000 para essa instituição.[89] Além disso, alguns associados da agremiação, como Luiz Cerri e José Luiz Salgarella, ofereceram-se como voluntários para realizarem serviços como enfermeiros. Convocando os sócios a contribuírem para com as atvidades do Grêmio em favor da Cruz Vermelha, Francisco Pereira da Silva, conselheiro fiscal da agremiação,

> diz que todo o sócio de bom coração não deve esquecer-se de seus deveres com a suspensão temporária das festas e divertimentos, não devem deixar de auxiliar o Grêmio em tudo que lhes for possível, e, terminando, diz que o sócio que contribuir para a Cruz Vermelha, pratica ato humanitário, pois as quantias por ela angariada irão mitigar os sofrimentos dos pobres, os que mais sofrem com os horrores da epidemia (...)[90]

O que podemos perceber é que , além de ressaltar como ato humanitário dos que viessem a contribuir para com a Cruz Vermelha, Francisco Pereira da Silva enfatiza também o dever de todos os sócios em auxiliar a associação, chamando-os para assumirem suas responsabilidades. Notamos também que, ao afirmar que as quantias angariadas pela Cruz Vermelha iriam "mitigar os sofrimentos dos pobres, os que mais sofrem com os horrores da epidemia", Pereira podia estar enfatizando muito mais o auxilio a terceiros do que aos associados do Grêmio já que, de maneira nenhuma, sugere que diretoria e sócios da agremiação estariam enquadrados na categoria de "pobres" – classificação essa que, para Pereira, poderia ser considerada muito distante da categoria de trabalhador. No entanto, dois associados morreram em decorrência da epidemia[91]. Isso pode ser

[89] Ata de Sessão de Diretora 3/12/1918
[90] Ata de Assembléia Geral 27/10/1918
[91] Ata de Assembléia Geral 1201/1919

considerado como um indício de que, embora um dos diretores da agremiação pensasse que o problema da doença era algo que afetaria principalmente os pobres – categoria na qual pensava não estar incluído – a possibilidade de infecção não era nada remota. Assim, mesmo que houvesse associados em condições econômicas distintas, os membros do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro não estavam isentos de serem afetados por problemas decorrentes de um bairro com situações precárias de saúde e infra-estrutura.

Quando foi decidido que a agremiação iria interromper temporariamente suas atividades, uma preocupação certamente emergiu entre os diretores. Mesmo sem haver bailes, jogos, quermesses, apresentações teatrais, etc, e outros divertimentos , especificados com objetivos do G.D.M. Luso-Brasileiro em seus estatutos, continuariam os sócios a efetuar o pagamento de suas mensalidades? Essa foi uma questão que levou João de Aguiar a fazer "um apelo aos srs. sócios para que durante a epidemia não deixem de contribuir com as suas mensalidades." [92] Entretanto, em relatório de sua gestão, referente ao período entre setembro e dezembro de 1918, Jacob Blumer deixa transparecer, em alguma medida, a maneira pela qual a epidemia da gripe afetou a organização do Grêmio. Tentando justificar o déficit nas contas da sociedade, Blumer afirma que a receita

> não foi suficiente para cobrir as despesas efetuadas durante todo o exercício. (...) Lamentamos imensamente havermos fechado as nossas contas com (...) déficit (...) a isso atribuíamos a paralisação completa do Grêmio por ocasião da epidemia que nos assolou e que nos veio privar do nosso auxílio dos aluguéis e também fez decrescer bastante o recebimento de mensalidades. [93]

[92] Ata de Assembléia Geral 27/10/1918
[93] Ata de Assembléia Geral 12/01/1919

Percebemos, portanto, o impacto que a epidemia causara na organização da sociedade, ao menos na visão de seus diretores. Com a intenção de aumentar o peso de epidemia da Gripe Espanhola como justificativa de outros possíveis pontos que pudessem vir a ser considerados negativos em sua gestão, Blumer diz também que possuía

> um vasto plano de trabalho que, em breve lapso de tempo, levaria ao Grêmio a uma posição de destaque entre suas congêneres; infelizmente não nos foi possível levarmos a efeito o nosso plano, pois logo após a nossa posse, teve o Grêmio interromper seus trabalhos devido à horrível epidemia que então desenvolveu-se nesta capital, e que veio a paralisar por completo o nosso movimento associativo, entravando energias e [levando] vidas preciosas, entre as quais temos que lamentar a dois consócios.[94]

As justificativas de Jacob Blumer ganham mais sentido se levarmos em consideração o curto período de sua gestão. Blumer assumiu a presidência do grêmio em setembro de 1918, substituindo João de Aguiar – exercendo a função até meados de janeiro de 1919. Isso devido ao fato de o G.D.M. Luso-Brasileiro ter incorporado, em agosto do mesmo ano, os sócios de outra agremiação, o Grupo Recreativo dos Incompetentes, também com sede no Bom Retiro, o que levou a firmação de um acordo para a substituição da diretoria do Grêmio.

A partir da presença da epidemia da Gripe Espanhola no cotidiano associativo do Luso-Brasileiro, podemos ter alguma noção das dificuldades que agremiações organizadas não só no Bom Retiro, como em outros bairros paulistanos, estiveram sujeitas durante o alastramento da doença. Diminuição do pagamento de mensalidades, decréscimo do número de associados e diminuição da receita eram os principais problemas enfrentados. No entanto, apesar de tudo isso, o Grêmio Dramático e Recreativo Luso-Brasileiro deveria

---

[94] *Idem*

ser umas das organizações que mais resistiam às adversidades como essas. Um dos sinais disso é que o Grêmio possuía uma reserva na Caixa Econômica Federal, de onde João de Aguiar, durante sua gestão entre janeiro e agosto de 1918, sacou uma quantia para efetuar o pagamento de algumas despesas, já que a associação estava com recursos insuficientes para poder honrar seus compromissos antes mesmo da epidemia da gripe se alastrar em maior proporção.[95]

Com um considerável tempo de existência, o que contribuiu para desenvolvesse uma certa estrutura administrativa, a associação certamente tinha mais forças do que suas congêneres. Isso facilitou que, durante um momento crítico para a cidade de São Paulo, quando trabalhadores e pobres eram os principais afetados pela gripe espanhola, o G.D.M. Luso-Brasileiro agisse como centro de amparo aos moradores afetados pela doença, servindo como hospital da Cruz Vermelha. Dessa maneira, notamos o peso de sua atuação não somente junto aos seus associados, que tinham a sociedade como um espaço de lazer e de integração social, mas também para o conjunto mais amplo do bairro do Bom Retiro. Percebemos também o senso de responsabilidade social que o Luso-Brasileiro tinha diante de sua comunidade, o que revela uma outra forma possível de atuação das organizações formadas por trabalhadores. De maneira diferente das organizações sindicais, que denunciavam a incompetência das autoridades médicas e sanitárias para lidar com problemas de saúde da dimensão da gripe espanhola nos bairros operários[96], esta agremiação sentia-se responsável pelo combate da epidemia que afetava gravemente o Bom Retiro e outros bairros operários da cidade. Isso poderia fazer com que a associação ganhasse o respeito dos moradores do lugar, da imprensa e das autoridades responsáveis

[95] *Idem*
[96] BERTUCCI, *op. cit.*. p. 71

pelo combate à doença – o que poderia significar uma considerável distinção social para o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro entre as outras associações congêneres.

10 - "A união faz a força"

O Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro teve dois presidentes durante a gestão de 1918: João de Aguiar, entre janeiro e agosto, e Jacob Blumer, entre setembro e meados de janeiro de 1919. O motivo foi a incorporação dos sócios do Grupo Recreativo dos Incompetentes ao seu quadro de associados. Com a palavra, João de Aguiar oferecia algumas explicações sobre os motivos dessa incorporação:

> Ao mês de agosto p.p. recebei do meu velho sr. Alfredo Machado, honrado sócio benemérito do Grêmio, uma carta expondo com elevado critério, a seu modo de pensar, relativamente a falta de harmonia existente na nossa associação entre os que dela se afastaram e os que se achavam a frente da sua atividade, por motivos políticos que estão no domínio de todos os associados. [Propunha ele] que se fizesse sem perda de tempos a incorporação ao Grêmio do Grupo dos Incompetentes (...) para o restabelecimento da harmonia que tanto necessitamos.[97]

Entre as pessoas afastadas, por motivos classificados como políticos, estavam Agostinho Teixeira, José Pereira dos Santos e Francisco Alcacer, diretores da associação durante a gestão de 1915 que, em 1917, ocupavam os cargos da direção do Grupo dos Incompetentes.[98] Pouco antes de tornar-se o diretor esportivo dessa sociedade, Domingos de Lourenço era demitido do G.D.M. Luso- Brasileiro em decorrência de atraso de mensalidades.[99] Assim, muito provavelmente, o Grupo dos Incompetentes se originou

[97] Ata de Assembléia Geral 12/01/1919
[98] *A Gazeta*, 30/07/17
[99] Ata de Sessão de Diretoria 4/07/1917.

como uma dissidência do Grêmio – o que é provável já que não encontramos referências dessa sociedade antes de 1917. O motivo? Não verificamos nenhuma informação que nos dessem pista a respeito. Podemos supor que houve uma discordância de Agostinho Teixeira e outros membros em relação aos rumos do Grêmio o que poderia ser resultado, por exemplo, de uma derrota em das eleições de diretoria. Além disso, o nome "Incompetentes" deixa transparecer um tom de ironia, o que poderia revelar algum tipo de provocação em relação às críticas que Agostinho Teixeira, ex-presidente do Luso-Brasilero, pudesse ter recebido durante a sua gestão.

A cisão do Grêmio, que gerou a fundação de outra sociedade, pode ter iniciado uma disputa pela simpatia dos associados. No entanto, verificamos que essa disputa não eliminava a possibilidade de que ambas as sociedades estivessem, ao mesmo tempo, presente no cotidiano de uma pessoa. É o que podemos notar na seguinte ocasião:

> Faleceu ontem no Hospital Samaritano o sr. Fernando Migliari.
> O Finado, que contava com 55 anos de idade, deixa viúva e filhos.
> O enterro se realizou ontem mesmo (...) para o Cemitério do Araçá, pegando as alças comissões do Grupo dos Incompetentes e Luso-Brasileiro. (...)[100]

Era comum que o G.D.M. Luso-Brasileiro enviasse representantes da diretoria em sepultamento de associados ou familiares – demonstrando o quanto este grêmio significava como referência para a identidade de seus associados. No caso acima, é provável que o falecido fosse sócio de ambas as sociedades ou ainda que tivesse parentes tanto numa quanto em outra agremiação. Mesmo sendo uma sociedade a dissidência da outra, atuavam em um grupo social em comum.

[100] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*. 30/07/1917

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

No entanto, a cisão, relatada por João de Aguiar em referência às inquietações de Alfredo Machado, era vista como uma "falta de harmonia existente na nossa associação entre os que dela se afastaram e os que se achavam a frente da sua atividade". Falando sobre o sucesso de incorporação dos Incompetentes ao quadros social do Luso-Brasileiro, João de Aguiar menciona:

> São inúmeras as vantagens da incorporação do Grupo dos Incompetentes ao Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Ela ocasionou a entrada de 102 sócios novos, a entrega ao Grêmio de diversos móveis, a entrega de 183$600 e que foi levado à crédito da Caixa Social. A volta de sócios beneméritos à atividade social como Agostinho Teixeira, José Pereira dos Santos Vicente, Francisco Wey, Francisco Machado e sócios contribuintes da têmpera de João Bento, Francisco Alcacer e outros esforçados e antigos companheiros de lutas sociais. [101]

A fusão entre as duas sociedades traria benefícios para o G.D.M. Luso-Brasileiro, como o ingresso de novos associados, o que poderia significar aumento de sua receita, e aquisição de móveis, aumentando o patrimônio do Grêmio e a sua capacidade de enfrentar dificuldades cotidianas. Mas, apesar da importância da aquisição de 183$00, de "diversos móveis" e da entrada de 102 novos sócios o que mais chama a atenção nesse discurso é o peso dado ao retorno dos "esforçados e antigos companheiros de lutas sociais", lutas essas que certamente significavam não somente o trabalho relativo à administração de todos os assuntos referentes à agremiação, com também a atuação da sociedade no bairro – entre as quais o auxílio no combate à epidemia da Gripes Espanhola e a cessão de suas dependências a outras associações. Da mesma maneira que anarquistas, socialistas, sindicalistas e outros grupos políticos davam sentido às suas organizações, fazendo delas

[101] Ata de Assembléia Geral 12/01/1919

uma maneira de transformação social, João de Aguiar, à sua maneira, também o fazia, entendendo as atividades relacionadas à gestão e á atuação da associação como "lutas sociais".

Fazendo o relatório de seu breve período como presidente do Grêmio, Jacob Blumer também não deixou de mencionar a incorporação do Grupo dos Incompetentes :

> É bastante sabida a cisão havida há tempos no nosso meio social – devido à qual resultou a retirada e o afastamento de elementos que até então tinham cooperado em prol deste grêmio. Deixamos de expor as causas dessa cisão, por julgarmos não valer a pena estarmos a reviver fatos hoje de todo esquecidos. Bastante nos [constrangeu] o ocorrido porque víamos pela 1ª vez na história do grêmio a separação de associados que até então haviam mostrado (...) paladinos do progresso e bem estar social.[102]

Invocando os quase 19 anos de experiência associativa, Blumer frisava o peso que essa cisão representava na história do Luso-Brasileiro. Continuando seu argumento, ressaltava que a fusão do Grupo dos Incompetentes junto ao Grêmio foi uma maneira de "acabar com essas lutas infindáveis" e "de novo estabelecer a paz social". Concretizada a junção entre as duas sociedades, Jacob Blumer assumiria o lugar João de Aguiar com presidente do G.D.M. Luso-Brasileiro, cumprindo o acordo que havia sido estabelecido. Finalizando o seu discurso, Blumer dizia:

> A todos nossos caros consócios apresentamos nossos sinceros agradecimentos pelas imerecidas provas de confiança que nos distinguiram, e, apelando para os vossos bons sentimentos, pedimos que mais do que nunca que sejais unidos pois, como é sabido, "A

[102] *Idem*

> União faz a força", e, assim procedendo, poderá bem alto elevar o nome do nosso Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. [103]

Na visão de Jacob Blumer, a volta de antigos associados à agremiação representava não somente o fim de desavenças mas, sobretudo, uma maneira de unir novamente pessoas que tinham trabalhado pelo progresso e bem-estar da associação. E essa união certamente significava fortalecer o Grêmio como grupo e organização social, demonstrando o quanto pertencer a esta sociedade significava para seus membros – que certamente a tinham como referência na formação de sua identidade.

As palavras de Jacob Blumer, citadas acima, são referentes ao seu relatório de final de gestão, proferido em Assembléia Geral da sociedade em Janeiro de 1919. Nesse relatório, percebemos algumas das dificuldades enfrentadas pela associação, entre elas, a epidemia de Gripe Espanhola. Entretanto, como pudemos notar, verificamos também alguns dos significados atribuídos à organização do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. A incorporação do Grupo dos Incompetentes foi tida como fortalecimento da agremiação, com a volta de antigos companheiros, e também como símbolo da união dos associados. Feito o relatório de gestão, não somente por Blumer, mas por João de Aguiar – também presidente no ano de 1918 – o Conselho Fiscal daria o seu parecer, que fora iniciado com uma citação de *O Contrato Social*, de Jean-Jacques Rosseau – apresentado como "o maior filósofo do século passado":

> Foi deste filósofo que nós aprendemos a conhecer e amar para estarmos em sociedade, mas na sociedade verdadeira, pois foi esse filósofo que pela primeira vez traçou as fundações das sociedades modernas, e foi ele quem nos deu noções mais ou menos

[103] *Idem*

> exata do que era a sociedade, qual era o seu modo de existir e de viver; foi ele quem nos ensinou a amar a sociedade boa e sã (...)[104]

O G.DM. Luso-Brasileiro possuía uma biblioteca, cujo acervo poderia conter a obra do filósofo citado – o que demonstra o papel do grêmio como fonte de instrução de seus associados. Primeiramente, notamos uma tentativa de exposição geral acerca da obra de Rosseau, feita por um membro do Conselho Fiscal da entidade. Mas é na continuidade dessa exposição que notamos os objetivos centrais do autor do discurso em citar o referido pensador francês:

> E sendo a sociedade uma reunião de pessoas que trabalham para um fim único, nós nunca devemos abandonar, sair do trilho já demarcado para não desviarmos desse ideal que almejamos (...) mas, pelo contrário, devemos expurgar do seu seio esses fatos discordantes, pois são esses que acarretam os piores males e desgostos, esses irreparáveis, e às vezes até causam a paralisação da Sociedade. [105]

Afinal, de qual sociedade o autor está falando? Da sociedade mais ampla, pensada em termo das relações entre os homens? Pode até ser, de uma maneira um pouco distante, que sim. No entanto, considerando os relatos anteriores, feitos por João de Aguiar e Jacob Blumer, devemos pensar essa citação de maneira intimamente relacionada ao que fora dito em relação à incorporação do Grupo dos Incompetentes – ato ressaltado como fortalecimento da união entre os associados e do próprio Grêmio. Assim, a "Sociedade" a qual o Conselho Fiscal seria referente ao próprio G.D.M. Luso-Brasileiro. Se considerarmos a definição dada para esse termo, a "reunião de pessoas que trabalham com o fim único", percebemos o quanto isso é plausível. Além disso, como já ressaltamos, a

[104] *Idem*
[105] *Idem*

incorporação dos Incompetentes foi tida como o fim das desavenças o que, nas palavras proferidas no discurso acima, pode ser atribuído à necessidade de "expurgar do seu seio esses fatos discordantes, pois são esses que acarretam os piores males e desgostos, esses irreparáveis, e às vezes até causam a paralisação da Sociedade." Dessa maneira, o membro do Conselho Fiscal utiliza a obra de Rosseau para fortalecer seus argumentos, atribuindo seus próprios significados às idéias do filósofo. Permanecerem unidos era a ordem, "sem sair do trilho já demarcado", para não desviar dos ideais almejados, ideais esses que estão relacionados ao bom funcionamento do Grêmio Dramático e Recreativo Luso-Brasileiro na luta pelos seus objetivos – entre eles, os mencionados nos estatutos, tal como a "elevação moral e entrelaçamento familiar de seus associados".[106]

11 - "Para a Glória das Classes Trabalhadoras"

João de Aguiar era funcionário da Companhia Sorocabana e morava no bairro do Bom Retiro, na rua Afonso Pena, 49. [107] Esse membro-diretor esteve presente em várias reuniões da agremiação, sendo um dos mais atuantes Já mencionamos algumas de suas posições durante as reuniões e assembléias do G.D.M. Luso Brasileiro. Foi dele que partiram as propostas relacionadas à atuação junto às lideranças políticas em prol dos interesses da sociedade. Uma delas em 1917, quando propôs o entendimento com o chefe político do Bom Retiro para negociar um terreno a fim de ser utilizado como campo de futebol para os associados e também para tratar sobre calçamento em frente à sede do Grêmio.[108] Outra ocasião foi em 1923, quando Aguiar ressaltou a necessidade de solicitar a

[106] Estatutos Aprovados em Assembléia Geral de Dezembro de 1950
[107] *O Estado de S.Paulo*, 07/05/1921
[108] Ata de Sessão de Diretoria 20/08/17

Paiva Meira e Sousa Queiroz, vereadores de São Paulo, para que intercedessem junto aos poderes públicos a afim de conseguirem auxílio para a Seção Esportiva do Grêmio.[109] Quando fazia seu relatório de gestão, referente ao período entre janeiro e agosto de 1918, Aguiar frisava o trabalho feito junto à associação:

> se não pude fazer mais do que fiz, apesar da boa vontade, sempre por mim manifestada, terá por justificação na crise dolorosa que atravessamos, conseqüência da guerra que felizmente terminou, depois de ensangüentar a Europa, a Ásia e outras partes do mundo e de acarretar injúrias à humanidade inteira. [110]

Além da epidemia da Gripe Espanhola, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) é apresentada como outra das dificuldades enfrentadas durante sua gestão. Notamos sua percepção em relação ao conflito: de maneira diferente do diretor Barros, que em 1917 propôs a exclusão dos alemães do quadro social – vendo isso como um dever patriótico, ligados aos interesses da civilização – Aguiar frisa as conseqüências do conflito para a humanidade.

Mais notável na atuação de João de Aguiar foi a maneira pela qual finalizaria seu relatório de gestão, feito em assembléia realizada em janeiro de 1919:

> "Saúdo os consócios presentes e faço votos para que eles prestem à nova diretoria que vai ser eleita todo o concurso de sua inteligência e generosidade (...) para que possamos ter orgulho de ver a nossa associação próspera e feliz, trilhando a luminosa [trilha] do progresso, para a glória das classes trabalhadoras, às quais pertencemos. [111]

[109] Ata de Sessão de Diretoria 25/05/1923
[110] Ata de Assembléia Geral 12/01/1919
[111] *Idem*

Já dissemos que, na concepção de alguns diretores, a união entre os associados, assim como a eliminação das desavenças, era tida como fundamental para o bom andamento da agremiação. Vimos também, nas palavras do próprio Aguiar, que as atividades relacionadas ao grêmio eram tidas como "lutas sociais". Agora, notamos outro dos significados atribuído ao Grêmio por João de Aguiar. Esse trabalhador da Companhia Sorocabana ressalta a importância da participação dos associados no auxílio da diretoria eleita, enfatizando, assim, o caráter coletivo da responsabilidade pelo bom andamento da agremiação. O orgulho de ver a associação a qual pertencia próspera e feliz poderia significar a competência dos trabalhadores, classe entre a qual Aguiar se reconhece e também aos demais membros da associação, em dirigir suas próprias entidades. Na sua visão, trabalhar em prol do Grêmio representava lutas, as quais, sendo bem sucedidas, levariam ao engrandecimento da entidade – o que significaria a gloria das classes trabalhadoras. E, se o próprio Aguiar reconhecia a si e aos associados como trabalhadores, podemos dizer também que a luta em prol dos interesses da sociedade era tida, ao menos por esse sócio, como uma luta de trabalhadores em prol de objetivos em comum – fator que certamente demonstra outras possibilidades de consciência entre a classe.

Para reconhecer a si como pertencente às classes trabalhadoras, João de Aguiar tinha motivos enraizados em seu cotidiano como trabalhador e às condições a que estava sujeito. Mas em setembro de 1920, enviara o seguinte ofício à diretoria do Grêmio:

> Ilmo Sr. Presidente e demais membros da Diretoria do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro. Capital. Devido ao fato de estar trabalhado à noite, apesar de doente, sou forçado a pedir 3 meses de licença [112]

[112] Ata de Sessão de Diretoria 8/09/1920

Percebemos, assim, as dificuldades de um trabalhador para compor a diretoria de uma associação como o G.D.M. Luso-Brasileiro, dificuldades essas que não deveriam ser muito distantes dos associados de outras agremiações formadas por trabalhadores. Qualquer modificação no cotidiano relacionado ao trabalho poderia significar o afastamento de associados. Essas dificuldades vieram à tona novamente em dezembro de 1920, quando a diretoria do Luso-Brasileiro discutia a formação de uma chapa para a gestão seguinte. João de Aguiar, embora já tivesse sinalizado que não aceitaria compor a diretoria[113], dizia que aceitava "com sacrifício de seus afazeres o cargo de secretário".[114] No entanto, Francisco Alcacer solicitou a João Bento para que assumisse a função, "porque o sr Aguiar ia sacrificar-se com o cargo."[115] Mesmo assim, Aguiar aceitou fazer parte da chapa assumindo, porém, como integrante do Conselho Fiscal. Permaneceu o desejo, talvez por senso de responsabilidade, de continuar à frente dos trabalhos da organização.

Seria precipitado afirmar que as concepções de João de Aguiar acerca da organização em torno do G.D.M Luso-Brasileiro fossem as mesmas das de outros diretores e associados. No entanto, Aguiar foi escolhido presidente da agremiação e dela participou em outras ocasiões – com outras funções na diretoria. Isso significa que tinha uma boa aceitação entre seus membros, aceitação essa que certamente incluía, em alguma medida, suas concepções a respeito do grêmio – explicitadas em seu relatório de gestão.

A atuação de João de Aguiar como diretor do Grêmio demonstra que a consciência de classe poderia estar presente não somente nas organizações sindicais e políticas dos trabalhadores, mas também em associações como o Luso-Brasileiro. Por considerar que a

[113] Ata de Sessão de Diretoria 20/12/1920
[114] Ata de Sessão de Diretoria 28/12/1920
[115] *Idem*

consciência dos trabalhadores enquanto classe , em sua forma ideal, é revolucionária, experiências como essa agremiação e outras do tipo foram ignoradas por grande parcela da historiografia sobre o tema. A atuação do G.D.M. Luso-Brasileiro revela ainda que, ao mesmo tempo em que lançavam mão de estratégias de negociação com o patronato e com a administração pública – política essa atacada pelas lideranças sindicais da época – os diretores da entidade valorizavam o trabalho de gestão da sociedade como uma experiência ligada à própria valorização e ao reconhecimento de sua condição de trabalhadores – demonstrando o quanto complexa é a questão da consciência de classe no processo de formação das classes trabalhadoras durante a Primeira República

12-Um espaço para as organizações sindicais

Algumas organizações sindicais possuíam suas sedes no bairro do Bom Retiro.Entre elas, a Liga Operária do Bom Retiro e a União dos Trabalhadores Ferroviários. Embora possuíssem local próprio, ambas associações utilizavam o salão do G.D.M. Luso-Brasileiro para a realização de suas reuniões.

Em reunião de setembro de 1919, "Foi (...) cedido o salão para os dias 11 e 16 do corrente para, gratuitamente, a Classe dos Ferroviários efetuar reuniões" [116] No entanto, notamos que, mesmo antes dessa decisão ser comunicada em reunião de diretoria, essa associação, que tinha sua sede própria localizada na rua José Paulino, já vinha utilizando o espaço do Luso-Brasileiro para a realização de suas atividades, como noticiava o jornal *A Plebe*:

[116] Ata de Sessão de Diretoria 19/09/1919

(...)Segunda-feira haverá magna assembléia para troca de impressões a respeito do movimento operário.
Por esta razão, convida-se os companheiros organizados a não faltarem a este ato, que deverá efetuar-se no Grêmio Luso-Brasileiro, à rua da Graça, 144, no Bom Retiro. [117]

Em outra oportunidade, o mesmo jornal relatava que nos salões do Luso-Brasileiro, havia sido realizada uma reunião em que o assunto principal foi a prisão dos secretários da União dos Ferroviários, Alberto de Castro e Antonio Peres.[118]

A Liga dos Operários do Bom Retiro utilizava a sede do G.D.M. Luso-Brasileiro desde a o ano de sua fundação, em 1917. Em agosto desse ano o jornal *A Gazeta* noticiava:

A fim de tratar dos direitos e interesses do proletariado em geral, a Liga Operária do Bom Retiro realizará amanhã, no Centro Dramático Luso-Brasileiro, à rua da graça, 144, uma grande reunião operária.[119]

Dois anos depois, quando essa Liga viria a se reorganizar, em meados de 1919, a diretoria do Luso-Brasileiro receberia um

pedido de concessão de (...) salão à Comissão Executiva da Liga Operária do Bom Retiro, ficando resolvido oficiar à liga pedindo enviar uma comissão para entender-se com o Sr. 1° Presidente, que fica autorizado a ceder o salão para uma domingo qualquer, das oito da manhã à uma hora, contanto que ela se responsabilize por qualquer coisa que venha a suceder(...) [120]

---

[117] *A Plebe* 14/09/19 p. 2
[118] *Idem* 26/09/1919
[119] "Resenha dos Arrabaldes", *A Gazeta*. 14/08/1917. O nome do Grêmio está diferente. Mas, pelo endereço citado, confirma-se que se tratava do mesmo G.D.M. Luso-Brasileiro.
[120] Ata de Sessão de Diretoria 5/08/1919

Ao responsabilizar a Liga por algo que viesse a acontecer, os diretores demonstram que sabiam dos riscos que as organizações sindicais corriam – como a invasão policial de suas sedes, o que poderia prejudicar as associações que abriam espaço para os sindicatos se reunirem. No entanto, foi dada ao presidente a incumbência, e com um certo grau de liberdade, de fazer os acertos para que a Liga utilizasse o espaço.

O que podemos notar de comum em relação à União dos Trabalhadores Ferroviários e à Liga Operária do Bom Retiro é que ambas as associações possuíam sede própria mas, mesmo assim solicitavam os salões do G.D.M. Luso-Brasileiro para realizarem suas atividades. Isso deveria ocorrer por dois principais motivos. Um deles talvez fosse a dimensão do lugar, que poderia comportar um maior número de pessoas. Outro, bastante provável, seria devido ao fato de o Grêmio ser um local de melhor referência para os moradores do bairro.

Outro fator comum entre Ferroviários e a Liga do Bom Retiro: o salão , para ambas as organizações, era cedido gratuitamente, diferentemente do caso da maioria das agremiações recreativas que solicitavam o uso do local. Não podemos descartar aqui uma possível simpatia dos diretores do Grêmio em relação às causas das organizações sindicais. Já vimos como João de Aguiar, trabalhador da Companhia Sorocabana, pensava a questão do pertencimento às classes trabalhadoras e, na medida do possível, como sua concepção poderia se estender aos outros membros do Grêmio. Além disso, algumas reuniões dos ferroviários e da liga do bairro foram realizadas no espaço do Luso-Brasileiro sem que a cessão ou não do lugar tivesse sido discutida nas reuniões de diretoria Isso abre a possibilidade de uma negociação informal entre os diretores das sociedades sindicais e os do Grêmio. E, embora não tenhamos dados concretos a respeito, não podemos desprezar a possibilidade de que de alguns membros do Luso-Brasileiro também fizessem parte desses

sindicatos e, dessa forma, a realização de reuniões sindicais também poderia fazer parte dos interesses dos associados – o que levaria aos diretores do Grêmio a aceitarem com mais facilidade a cessão do espaço. Essa hipótese é comprovada para caso das cidades de Rio Grande e Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde comumente militantes sindicais também faziam parte de agremiações recreativas e esportivas.[121] Por outro lado, sem descartar as hipóteses anteriores, a diretoria do Luso-Brasileiro poderia aceitar ceder o espaço às organizações sindicais simplesmente devido ao fato de suas atividades não estarem relacionadas a fins lucrativos ou, mais precisamente, à arrecadação de fundos.

Mas essa relativa proximidade entre sindicatos do Bom Retiro e o G.D.M Luso-Brasileiro tinha seus limites. No início de outubro de 1919, quando os ferroviários da Cantareira iniciavam um movimento grevista[122], a diretoria do Grêmio rediscutiria a cessão do espaço aos ferroviários:

> O sr. 2° presidente Francisco Velloza apóia no sentido de não ceder mais o salão à "Classe dos Ferroviários" para esta realizar suas reuniões, visto ter verificado que seus manifestos subversivos prejudicam o Grêmio. O caso foi discutido ficando deliberado não cerder-se mais o salão a essa associação operária. [123]

A diretoria já havia manifestado uma certa preocupação quando concordou em ceder o salão à Liga do Bom Retiro alertando que, em caso de qualquer acontecimento, suas lideranças seriam responsabilizadas. Esse ressentimento agora é notado com mais clareza. Os "manifestos subversivos" dos ferroviários, na visão dos diretores, seriam prejudiciais à associação. Mediante isso, o Grêmio não cederia mais o salão à União dos

[121] LONER. *op. cit.*. p. 115
[122] *A Plebe*. 3/10/1919
[123] Ata de Sessão de Diretoria 5/10/1919

Trabalhadores Ferroviários. A direção do Luso-Brasileiro deve ter avaliado que a repressão ao movimento sindical poderia atingir também às associações que, porventura, servissem como ponto de sua articulação – assim como ocorriam com as próprias sedes dos sindicatos, freqüentemente invadidas pelos policiais. Mesmo assim, o ressentimento em relação à presença das organizações sindicais em momentos de repressão pode ser considerado relativo. Em 1924, quando o Brasil era governado em estado de sítio, decretado pelo governo de Arthur Bernardes, uma reunião de propaganda foi realizada nos salões do Luso-Brasileiro no Primeiro de Maio daquele ano, sem que o assunto tivesse sequer passado palas discussões nas reuniões de diretoria.[124] Mesmo antes, em 1920, foi concedido o uso do salão para que o Círculo de Estudos Sociais organizasse uma atividade em benefício dos jornais *Alba Rosa* e *A Plebe*[125], este último várias vezes empastelado pela repressão policial. O que poderia existir, certamente, era uma ambigüidade, resultado da tensão entre se solidarizar com pessoas pertencentes ao mesmo grupo ou classe social, e de se precaver contra possíveis incidentes que pudesse vir a prejudicar o G.D.M. Luso-Brasileiro em suas atividades normais.

Mesmo havendo limites para que as associações sindicais utilizassem as dependências do G.D. M. Luso-Brasileiro para a realização de suas atividades – como demonstra o caso da União dos Trabalhadores Ferroviários – o mais importante dessa relação entre o Grêmio e os sindicatos que possuíam sede no Bom Retiro é que o espaço da mais ativa sociedade recreativa do bairro também servia, em alguma medida, como ponto de articulação do movimento sindical no bairro. Além da Liga Operária e da União dos Ferroviários, a "Classe dos Barbeiros" utilizou, gratuitamente, o salão do Luso-Brasileiro

[124] *A Plebe*, 1/05/1924
[125] A Plebe, 8/05/1920

para realizar um de suas reuniões[126], assim como a Liga dos Inquilinos, que se reuniu no lugar para fundar uma de suas sucursais no bairro.[127] Dessa maneira, amplia-se o número de moradores e de grupos do bairro que tinham o Grêmio Dramático e Recreativo Luso-Brasileiro como espaço de sociabilidade. Percebemos, portanto, que não obstante as críticas de algumas lideranças sindicais, que acusavam as sociedades recreativas como alienantes – crítica essa comumente aceita em grande parcela da historiografia – associações com objetivos distintos não eram tão mutuamente excludentes como se costuma afirmar. Isso reflete, em certa medida, um universo comum entre militantes, principalmente os que compunham as bases das agremiações sindicais, e os outros trabalhadores.[128]

13-Divertimentos Sociais

Como especifica seus estatutos, um dos principais objetivos do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro era "Proporcionar aos seus associados reuniões de caráter cultural e recreativo, com predomínio da arte dramática e musical"[129]. Dessa maneira, durante o período abordado nesse trabalho, não faltavam notícias como as que se seguem:

> este grêmio realiza amanhã mais um de seus atraentes festivais dramático-dançantes, sendo levados à cena o drama em 2 atos "O aventureiro" e as comédias "casamento inesperado" e "Tribunal do Juri", depois do que se dará início ao baile de costume. [130]

---

[126] Ata de Sessão de Diretoria 19/09/1919
Ata de Sessão de Diretoria 2/03/192
[127] *O Estado de S. Paulo*, 24/08/1920
[128] BATALHA, Claudio H.M. "Vida Associativa: Por Uma Nova Abordagem da História Institucional nos Estudos do Movimento Operário." *Anos 90*. Porto Alegre, n ° 8, Dezembro de 1997.
[129] Estatutos Sociais Aprovados em Assembléia Geral de Dezembro de 1950
[130] *O Combate*, 26/11/1920

Apresentações teatrais e a realização de bailes consistiam nos principais eventos da agremiação. A temática das peças era relativamente variada. Além das comédias, dramas como "O Mineiro de Londres", adaptado por um associado, Sebastião Pereira Sobrinho[131] e "A Fome"[132] , que sugerem uma abordagem relacionada ao trabalho e aos problemas sociais, também constaram entre as encenações. As apresentações teatrais, na maioria das vezes, eram feitas pelos próprios amadores do Grêmio – entre eles, os próprios diretores. Infelizmente, o acervo referente aos *scripts* das peças foi destruído recentemente por um presidente da associação, o que impossibilita o trabalho de maior aproximação em relação à temática.

As atividades dramáticas e dançantes eram bastante freqüentes. Mas entre elas, havia as especiais, como a de 13 de Maio, data comemorativa ao aniversário da associação. Nesses eventos era bastante comum convidar outras associações para tomarem parte dos festejos como, em 1915, Classes Laboriosas, S. João Baptista, Vasco da Gama, Apollo, Gil Vicente, Almeida Garret, Maria Falcão, Concórdia, Cooperativas e S.C. Corinthians e redação do jornal *Fanfulla.*[133] Em 1924, com a presença da banda VIII Bersaglieri, o Grêmio realizaria uma festividade com direito à chope, balas, bolachas, foguetes,etc. [134]

Além de simples diversão para os associados, a realização de bailes e apresentações teatrais era uma das maneiras de arrecadar fundos em benéfico da associação. Em setembro de 1919, a diretoria reunida já planejava atividade para o mês de novembro seguinte:

---

[131] *Idem* 08/05/1
[132] *Idem* 24/09/19
[133] Ata de Sessão de Diretoria 21/04/1915
[134] Ata de Sessão de Diretoria 22/04/1924

> O sr. presidente fala sobre a absoluta necessidade que havia de se fazer uma festa em benefício dos melhoramentos do prédio(...) assunto de relevância e que requeria urgência. (...) ficou resolvido o seguinte: Realizar uma festa em 14 de novembro próximo vindouro, na véspera do sábado comemorativo a Proclamação da República Brasileira(...)Os cartões serão vendidos ao preço de 1$000 e a festa consistirá em quermesse e baile. Foi deliberado convidar-se a banda de música 8ª de Bersaglieri para tocar nessa festividade, independente da remuneração, e fazer-se uma circular solicitando prendas[135]

Para a realização desse evento, o presidente do Grêmio, Agostinho Teixeira, apela para a urgência de se investir nos melhoramentos. Dessa maneira, iniciar o planejamento da atividade o quanto antes seria uma forma de garantir o sucesso da festividade. A escolha da data também poderia ser uma estratégia nesse sentindo: no dia de comemoração nacional, o Luso-Brasileiro pode ter se aproveitado do clima festivo em homenagem à República para revestir sua festividade com roupagem cívica e republicana, o que daria um peso simbólico maior ao seu evento. E, com o preço do ingresso a 1$000, a diretora certamente pensava em uma forma de atrair o maior número de pessoas possíveis. Mas isso não bastava: era necessária a arrecadação de prendas, provavelmente para servirem de atrativo em uma tômbola. Para a organização dessa festa beneficente, a participação dos associados também era tida como importante, o que levaria ao presidente do Grêmio a convidar os associados a "trabalharem com esforço e dedicação para (...) melhorar o estado de nosso edifício social."[136] Os esforços dos diretores e associados ganhariam um apoio importante. Em ofício enviado à direção do Luso-Brasileiro, a banda VIII Bersaglieri afirmava

---

[135] Ata de Sessão de Diretoria 19/09/1919
[136] *Idem*

> estar à disposição do grêmio, afim de tocar sem remuneração alguma ao benefício que se realizará em 14 de novembro próximo vindouro, com o objetivo de angariar fundos de caixa para custear as despesas com os melhoramentos do salão(...)[137]

Essa banda de música, que anteriormente era denominada Banda Musical Ítalo-Brasileira[138], participou outras vezes das atividades do Grêmio. Aceitou tocar gratuitamente nessa festividade de arrecadação de fundos, o que contribuiu para que diretoria do Luso-Brasileiro aceitasse, pouco depois da realização de sua festa beneficente, conceder o salão para que a banda realizasse uma atividade própria.[139] Notamos, assim, o auxílio mútuo entre duas sociedades, ampliando a rede de solidariedade existente entre o Grêmio e as diversas associações que utilizavam suas dependências.

A dança praticada durante as festividades significava uma maneira não só de se divertir, mas também uma forma de integração ente os associados. Em uma das reuniões da diretoria , um de seus membros, Francisco Alcacer, dizia que "sócios não tratam seus colegas com carinho, e é este o motivo de muitos retirarem-se porque não tem quem os ensine a dançar" [140]. Em outra ocasião,

> Sr. Salvador Castello queixou-se de uma dama dos ensaios dançantes [e] diz que recusou dançar com ele e já tem feito isto algumas vezes, ficou resolvido chamar a dama à ordem na secretaria. [141]

A recusa em dançar com algum associado não deveria representar algo aceito entre as regras de comportamento no salão de dança, regras essas que eram fiscalizadas pelos

---

[137] Ata de Sessão de Diretoria 5/10/ 1919
[138] Ata de Sessão de Diretoria 18/01/1915
"Bom Retiro" , *O Combate*, 29/07/1919
[139] Ata de Sessão de Diretoria 27/11/1919
[140] Ata de Sessão de Diretoria 28/12/1920
[141] Ata de Sessão de Diretoria 30/11/1920

Fiscais de Salão. Recusar-se a dançar com alguém poderia representar mais do que uma ofensa pessoal, podendo significar também a não garantia de um direito do associado. Por isso, a referida "dama" foi chamada à ordem na secretaria.

Um incidente curioso, em uma das festividades do Grêmio, foi debatido em uma das reuniões de diretoria, como podemos notar:

> O sr. Andrighetti fala sobre o sr. Vicente Bandareli que numa de nossas festas com o intuito de malvadez, deu a beber urina ao sr. Ernesto Matinez, ficando resolvido que se suspenda até a primeira sessão os sr. Bandarelli.[142]

A vítima da malvadez, Ernesto Martinez, era o primeiro secretário da associação. O ato pode ser visto como uma simples brincadeira de mau gosto. Entretanto, talvez a questão não fosse tal simples assim. As festividades do Luso-Brasileiro poderiam significar integração social de seus membros mas, por outro lado, poderia servir como um momento em que, estando todos a se divertir e a beber, desavenças pudessem vir à tona – ainda mais considerando que os envolvidos no caso fossem de nacionalidade distinta, o que pode ser notado através do sobrenome dos envolvidos. Sidney Chalhoub demonstra situações onde os espaços de lazer serviam de cenário para diversos conflitos, onde a questão da nacionalidade dos envolvidos freqüentemente vinha à tona.[143]

Além do teatro e do baile, os associados tinham outras oportunidades de lazer. Entre elas, o botequim, que se localizava em suas dependências. Em 1920, esse espaço era arrendado para D. Henriqueta, que recebia parte dos lucros para, em troca, prestar serviços

[142] Ata de Sessão de Diretoria 20/08/1919
[143] CHALHOUB. *op. cit.*. p. 258

como zeladora da agremiação.[144] Em alguns momentos, no entanto, o botequim era motivo de preocupação. Em mais de uma oportunidade encontramos referências do tipo:

> O sr. 1° Secretário propõe e é aprovado que a diretoria exerça (...) nas festas sociais, evitando que os srs. sócios façam barulho no botequim perturbando (..) os espetáculos do Grêmio. [145]

Sendo as principais atividades do Grêmio, as apresentações não poderiam ser prejudicadas pelo barulho dos sócios. Para isso, era necessária a intervenção dos diretores. Notamos também que, se para a diretoria os espetáculos eram os mais importantes, já que consistiam entre os principais objetivos da associação, para alguns associados não. Jogar conversa fora, comentar sobre assuntos cotidianos, etc., poderia ser o principal motivo pelo qual muitos dos sócios freqüentassem o G.D.M. Luso-Brasileiro – utilizando o botequim como seu espaço de sociabilidade. Entretanto, assim como os outros espaços de lazer dos trabalhadores, o botequim era bastante estigmatizado pelas autoridades policiais, já que eram potenciais locais onde se desenvolviam conflitos entre seus freqüentadores.[146] Em decorrência disso, *O Estado de S.Paulo* noticiava as ações policiais para tentarem impedir seu funcionamento durante a noite.[147] No Grêmio, o botequim também servia como lugar para jogatinas como o dominó e o baralho.[148] Entretanto, em 1920, a diretoria nomearia o sócio João Baptista para cuidar do lugar e proibir um jogo denominado "pasvatella" e "outros congêneres".[149] Isso refletiria uma precaução em relação à campanha policial contra jogos como o "baccarat", considerado ilegal e perseguido pela polícia. Nesse mesmo

---

[144] Ata de Sessão de Posse da Nova Diretoria 14/01/1921
[145] Ata de Sessão de Diretoria de 5/10/1919
[146] CHALHOUB. *op. cit.*. p. 309
[147] " Os Botequins", *O Estado de S. Paulo*, 22/06/1920
[148] Ata de Sessão de Diretoria 4/07/1917.
[149] Ata de Sessão de Diretoria 5/01/1920

ano, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiaria uma vasta campanha de repressão ao jogo.[150] Talvez em decorrência dessa campanha, a sede social do Luso-Brasileiro tenha sido invadida pela polícia no início de 1921:

> Com polícia - A diretoria do Grêmio D. Recreativo Luso-Brasileiro, com sede à rua da Graça, 144, queixa-se da polícia. Realizava sábado um sarau dançante, quando os seus salões foram invadidos pela autoridade policial deste distrito, que sem mais aquela começou a revistar os cavalheiros presentes, tomando-os todos por ladrões. [151]

Não verificamos nenhuma referência a este acontecimento nas atas de reunião de diretoria – o que causa relativa estranheza. Se não foi em decorrência do jogo, essa visitação policial foi motivada pelo caráter popular que a agremiação havia assumido entre os moradores do Bom Retiro. Servindo como local de sociabilidade não só para seus associados, mas também para membros de outras sociedades – entre elas as sindicais – certamente o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro entrou no rol dos espaços tidos como suspeitos pelas autoridades policiais. Isso reflete a política de controle dos espaços de lazer dos trabalhadores, política essa que, durante a Primeira República, esteve intimamente relacionada à construção de uma nova ideologia do trabalho, pautada na mão-de-obra livre e assalariada. As Atividades sindicais e práticas de lazer voltada ao consumo do álcool e à jogatina certamente eram uma mistura perigosa para esse projeto político.

---

[150] "Repressão ao Jogo", *O Estado de S. Paulo*, 22/06/1920
[151] *O Combate*, 05/01/1921

Considerações Finais

Procuramos, neste trabalho, analisar a experiência das diferentes formas de organização adotadas pelos moradores do Bom Retiro – um bairro habitado essencialmente por trabalhadores.

Sociedades recreativas, clubes esportivos e sociedades musicais, pouco exploradas pela historiografia enquanto entidades fundadas por trabalhadores, mereceram grande destaque: representando quase 90% das associações do bairro, estão intimamente relacionadas às demandas dos moradores do lugar. A partir da atuação dessas entidades percebemos que consistiam numa das principais formas de sociabilidade dos italianos, grupo que era maioria entre a população imigrante do Bom Retiro. Entretanto, notamos também a existência de conflitos relacionados às atividades dessas agremiações, os quais demonstram divergências entre as classes trabalhadoras. Uma aproximação junto às práticas das sociedades recreativas no bairro revela ainda que a imposição de uma nova ideologia do trabalho, projeto político da Primeira República, também passava pelos espaços de lazer freqüentados pelos trabalhadores.

As atividades dos clubes esportivos do bairro demonstram que o futebol, embora se popularizasse cada vez mais entre os trabalhadores, também foi motivo de conflito entre a classe. Militantes sindicais associavam a prática do esporte à desunião dos trabalhadores na luta pela sua emancipação, construindo assim uma oposição entre o jogo e a consciência de classe. Por outro lado, percebemos que, em algumas ocasiões, esse esporte era praticado entre agremiações de condição semelhante: de caráter popular e com grande probabilidade da presença de negros em seu quadro de sócios e jogadores. Verificamos também a presença de um clube esportivo formado por uma categoria profissional, os

canteiros – que se uniam em torno da prática do jogo. Os clubes esportivos do Bom Retiro criavam seus próprios canais para a prática do jogo, driblando as dificuldades impostas pelas ligas esportivas de elite. Percebemos, portanto, que o conflito entre classes sociais distintas também passava pelo futebol praticado no Bom Retiro – o que demonstra a relevância do esporte para a reflexão sobre o processo de formação dos trabalhadores. Esse conflito foi inclusive reconhecido pela imprensa operária que, em algumas ocasiões, também fazia do futebol um campo de disputa política, onde a luta de classes também se efetivava. Percebemos, assim, as ambigüidades presentes na prática dos militantes, que contaram inclusive com a participação de clubes esportivos do bairro em algumas de suas atividades.

A atuação de Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro revela que esta sociedade era muito mais do que um espaço de lazer e de sociabilidade: se solidarizava com associados que enfrentavam dificuldades, amparando-os em caso de doenças, falecimento na família e desemprego. Notamos também as diferentes estratégias que seus diretores utilizavam para manter o Grêmio em bom funcionamento, demonstrando que para eles a entidade era algo sério e que a luta por ela valia a pena. Nesse percurso de lutas cotidianas, percebemos que, para um dos membros da diretoria do G.D.M. Luso-Brasileiro, existia uma íntima ligação entre o sucesso da agremiação e a "gloria das classes trabalhadoras", entre as quais se reconhecia e também aos demais membros do Luso-Brasileiro. Isso não deixa de ser uma surpresa quando nos lembramos do longo silêncio da historiografia em relação ao papel desse tipo de sociedade na formação dos trabalhadores e na articulação da consciência de classe.

As atividades das agremiações fundadas pelos moradores do Bom Retiro nos levam também a pensar que, embora tivessem objetivos distintos umas das outras,

agremiações sindicais e sociedades recreativas e esportivas não eram organizações tão mutuamente excludentes como se costuma supor. A participação de clubes de futebol do Bom Retiro nas atividades sindicais e as reuniões realizadas por alguns sindicatos no Grêmio Dramático Musical Luso-Brasileiro, que para isso cedia gratuitamente seu salão, são exemplos disso, demonstrando assim a existência de um universo comum entre militantes e os outros trabalhadores.

Enfim, espero que este trabalho possa ter contribuído de alguma maneira para com as reflexões a respeito da formação das classes trabalhadoras. Muitas outras abordagens ainda estão por serem feitas. Outros sujeitos e associações merecem seu espaço na historiografia sobre tão fascinante tema.

FONTES

1- Jornais

Grande Imprensa
O Estado de S. Paulo 1915-1924
A Gazeta 1915-1918

Imprensa Operária
O Combate. Independência, Verdade, Justiça 1915-1924
A Plebe 1917-1924
O Grito Operário 1920
A Vanguarda 1921

Imprensa Negra
O Menelick 1915
O Alfinete 1921
O Kosmos 1923

2- Manuscritos

Atas das Reuniões de Diretoria e de Assembléias Gerais do G.D.M. Luso-Brasileiro 1915-1924

Atas de Reuniões de Diretoria da Sociedade Israelita Amigo dos Pobres (EZRA) 1916

3- Outros

Boletins da Força Pública do Estado de São Paulo 1925

Bom Retiro de Todos os Povos. Projeto Museu de Rua. Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Oficinas Culturais Três Rios. Fevereiro de 1988.

Estatística Predial e Domiciliária do Brasil. Recenseamento do Brasil. *Natureza, condição, número de pavimentos, propriedade e densidade de prédios.* Realizado em 1 de Setembro de 1920.Vol. IV- 6 ª Parte. 1930

Guia dos Documentos Históricos na Cidade de São Paulo, 1554-1954. Coordenação Paula Porta S.Fernandes. São Paulo:Hucitec/Neps. 1998

Recenseamento do Brasil. Realizado em 1° de Setembro de 1920. População do Brasil por Estados, municípios e distritos, segundo o sexo, a idade e a nacionalidade. Vol IV- 2ª Parte. 1928. Ministério da Agricultura , Indústria e Comércio

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleica. *Brava Gente. Os italianos em São Paulo (1870-1920).* São Paulo: Brasiliense. 1986

ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. *Futebol de Fábrica em São Paulo.* Dissertação de Mestrado FFLECH/USP. 1992

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália.* Dissertação de Mestrado . IFCH/UNICAMP. 1996

ARMUS, Diego (org). *Mundo Urbano y Cultura Popular. Estudios de História Social Argentina* . Buenos an Aires: |Editorial Sudamenricana. 1990

BATALHA, Claudio H. M. "Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República" in *Ciências Sociais Hoje, 1990.* São Paulo: Editoria Revista dos Tribunais. 1990

_____ "Vida Associativa: Por Uma Nova Abordagem da História Institucional nos Estudos do Movimento Operário." *Anos 90.* Porto Alegre, n ° 8, Dezembro de 1997

BERTUCCI, Liane. *Saúde: arma revolucionária. São Paulo - 1891 1925.* Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp. 1997

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos.* São Paulo: T.A. Queiroz Ed LTDA. 1979

CARONE, *Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário.* São Paulo: Ática. 1989

CAULFIELD , Sueann. *Em Defesa da Honra. Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940).* Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura. 2000

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.* São Paulo: Editora da UNICAMP. 2001. 2ª Ed.

CHAUI, Marilena e Franco, Maria S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular.* Rio de Janeiro: Paz e Terra : Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. 1978

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920.* São Paulo: Companhia das Letras. 2001

DAVIS, Natali. *O Retorno de Martin Guerre.* Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A Vida fora das Fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*, São Paulo: Paz e Terra. 1987

DERTONIO, Hilário. *O Bairro do Bom Retiro: história dos bairros de São Paulo.* São Paulo: Secretaria da Educação e Cultura. 1971

FAUSTO, Boris *Crime e Cotidiano. A Criminalidade em São Paulo (1880-1924).* São Paulo: Brasiliense. 1984

_____ *Trabalho Urbano e Conflito Social. (1890-1920).* São Paulo: Difel. 1986

FERREIRA, Manuel Rodrigues. *História dos Sistemas Eleitorais Brasileiros.* São Paulo: Livraria Nobel S.A. 1977

FINA, Wilson. *O Bom Retiro e seus Primórdios.* São Paulo: Sangirard. 1976

GRIBAUDI, Maurizio. *Mondo Operaio e Mito Operaio. Spazi e Percorsi Sociali a Torino Nel Primo Novecento.* Torino: Giulio Einaudi Editore. 1987

HALL, Michael M. , PINHEIRO, Paulo S. "Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle" . *Remate de Males* N ° 5. 1985

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão. Vida operária e cultura anarquista no Brasil.* São Paulo: Brasiliense. 1983

HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil.* São Paulo: Ática. 1982

HAUPT, Georges. "Porque a História do Movimento Operário?" *Revista Brasileira de História N °10.* 1986

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991).* Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 1995

_____ *A Era dos Impérios (1875-1914).* Tradução: Sieni Maria Campos Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988

_____ *Mundos do Trabalho; novos estudos sobre a história da classe operária.* Tradução: Waldea Barcellos e Sandra Bebran. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987

HOGGART, Richard. *As Utilizações de Cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos.* Editorial Presença. 1973

IGNATIEFF, Michael. "Instituições Totais e Classes Trabalhadores: Um Balanço Crítico." In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo.. Março/Agosto. 1987 Vol. 7, N ° 14

ISOLA, Ivam Negro (Coord.) *Odisséia do Som*. São Paulo: Museu da Imagem e do Som. 1987

JONES, *Gareth Stedman Lenguajes de Classe. Estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa. (1832-1932)*. Madri: Siglo Veintiuno Editores. 1989.

LÊNIN , V. I. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec. 1986

LEVI, Giovanni. "Sobre a Micro-História" In: BURKE, Peter (Org) *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP. 1992

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Editora Universitária: Unitrabalho. 2001

LOPREATO, Christina. S.R. *O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)* IFCH/UNICAMP. Tese de Doutorado. 1997

LOURENÇO, Adhemar. "O Anarco-Sindicalismo no Brasil: notas sobre a produção de um mito histórico-historiográfico". IN D'ANGELO, Ana Lucia Vellinho (Org.). Histórias de Trabalho. Porto Alegre, UE/Porto Alegre. 1995

MAFFEI, Eduardo. *A Greve* . Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Tradução: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979

MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1970

MOURA, Esmeralda B. B. *Mulheres e Menores no Trabalho Industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes. 1982

MUNHOZ, Sidnei, *A Cidade ao Avesso: desordem e progresso em São Paulo no limiar do século XX*. Tese de Doutorado em História Econômica. FFLCH/ USP. 1997

PENTEADO, Jacob. *Memórias de um Postalista*. São Paulo: Martins. 1976

PEREIRA, Leonardo A. de M., *Footballmania. Uma história social do futebol. Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000

PINHEIRO, Paulo Sérgio. "O Proletariado Industrial na Primeira República", in:HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. São Paulo: Difel. 1985. Tomo III, Vol. II

PINTO, Maria Inês Machado. *Cotidiano e Sobrevivência* . São Paulo: Edusp. 1994

PRADO, A. A. (Org.). *Libertários no Brasil; memória, lutas, cultura.* São Paulo: Brasiliense. 1986

RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.* São Paulo: Paz e Terra. 1987

REVEL, Jacques. "A História ao Rés do Chão", in: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial.* Tradução: Cyntia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000

RIBEIRO. Maria Alice Rosa. *Condições de Trabalho na Indústria Têxtil Paulista (1870 - 1930).* São Paulo: Hucitec e Editora da UNICAMP. 1998

ROLNICK, Raquel. *Cada Um no seu Lugar!* Dissertação de Mestrado. FAU/USP. 1981

SANTOS, José Rufino. *História Política do Futebol.* São: Paulo: Brasiliense. 1981

SESSO JR. *Retalhos da Velha São Paulo.* São Paulo: Maltense. 1986 2ª Ed. Revisada

SEVCENKO, Nicolau, *Orfeu extático na metrópole. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*, São Paulo: Cia. Das Letras. 1992

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado. Suas Relações na Formação do Proletariado de São Paulo.* São Paulo: Dominus Editora. 1966

THOMPSON, E. P *Costumes em Comum.* Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras. 1998

_____ *A Formação da Classe Operária Inglesa.* Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987

_____ *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*; organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp. 2001

Anexo

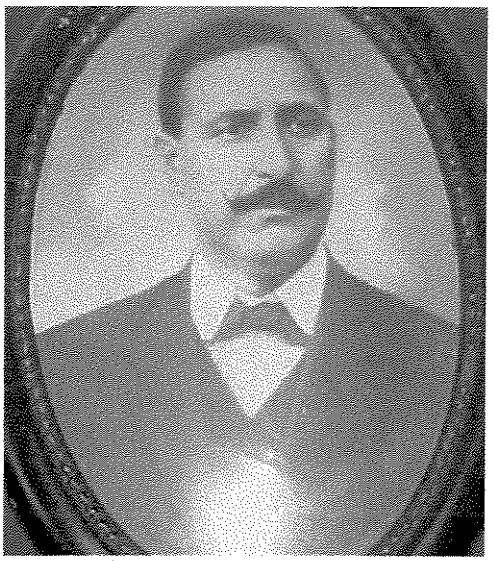


Figura 1

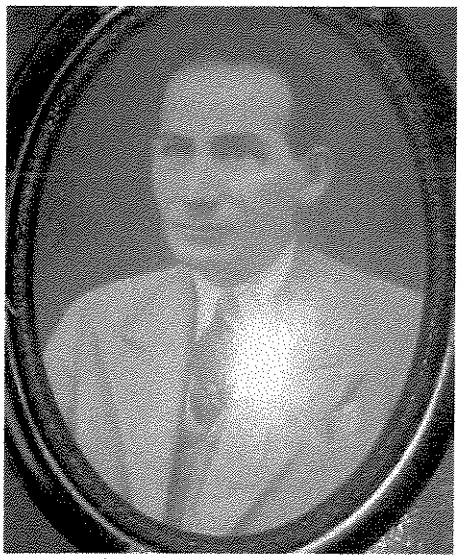


Figura 2

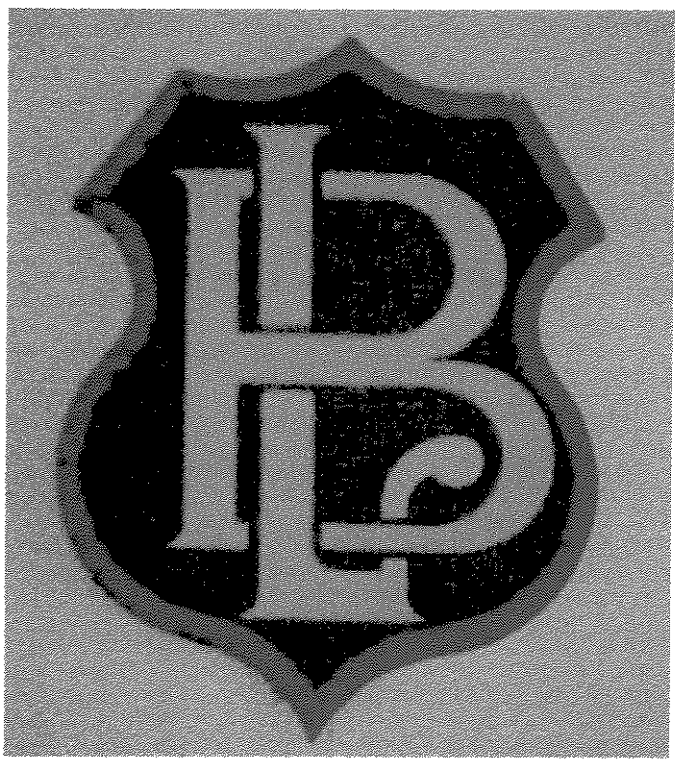


Figura 3

Figura 1- Agostinho Teixeira, sócio fundador do Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro e Presidente da entidade em 1915 e entre 1919 e 1923

Figura 2- Ernesto Martinez, Primeiro Secretário do G.D.M. Luso-Brasileiro em 1920

Figura 3- Emblema do G.D.M. Luso-Brasileiro